Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/18920 4$00

SEGUNDA-FEIRA 17 NOVEMBRO 1975

A ESQUERDA NÃO CABE NO TERREIRO DO PAÇO

O povo trabalhador, «as classes mais desfavorecidas» de que falava o primitivo Programa do M.F.A., saiu à rua ontem. Foi a terreiro (do paço e do povo) mostrar a sua força, batendo em número e em entusiasmo uma outra manifestação que, oito dias antes, defendera a política de direita do VI Governo Provisório.

Promovida pelo Secretariado das Comissões de Trabalhadores da cintura industrial de Lisboa, «contra o terrorismo e o avanço da direita», a manifestação de ontem foi, segundo o almirante Rosa Coutinho, a maior desde o 1.º de Maio de 1974.

(LER NA PÁG. 4)

P.S. P.P.D. E C.D.S. NO NORTE

Divisão em Viseu

PORTO, 17 — (Delegação) — Os dirigentes do P. S., do P. P. D. e C. D. S., bem como grande número de deputados destes partidos, mantiveram intensa actividade política durante este último fim-de-semana no Norte do País. Assim, o P. P. D. reuniu milhares de pessoas num comício na cidade do Porto no sábado à tarde a que se juntaram também milhares de elementos de outros partidos, concretamente P. S., C. D. S. e P. P. M. A situação política do País foi aí abordada, nomeadamente por um militante do P. P. D. que, a dado passo, atacou os militares que andam pelo Alentejo a fazer política. Falou também o dr. Sá Carneiro, destacando-se no seu discurso um ataque ao general Otelo Saraiva de Carvalho.

Por seu turno o P. S., com Mário Soares e Manuel Alegre, acompanhados de outros dirigentes, promoveu comícios em Paços de Ferreira e Penafiel. Nessa altura o dr. Mário Soares informara que o grupo parlamentar do P. S. reunia ontem, domingo, no Porto a fim de deliberar sobre os acontecimentos de Lisboa. O dr. Mário Soares esteve ontem no Porto tendo apresentado cumprimentos ao brigadeiro Pires Veloso no Q. G. De salientar ainda que nos comícios do P. S., nas localidades acima referidas o dr. Mário Soares afirmou nomeadamente que o País «esperava do Presidente da República que, na sua recente alocução, se colocasse acima dos partidos e dissesse quais eram os verdadeiros culpados e orde-

Continua na pág. 20

Energia hidroeléctrica chega para o País

«Os recursos hidroeléctricos para produção de energia não foram ainda explorados na sua totalidade o que significa que o País tem suficiente energia para satisfazer as suas necessidades». Esta é uma das conclusões do Encontro Nacional sobre política energética que terminou na Faculdade de Economia do Porto, após três dias de trabalho, reunindo centenas de técnicos, representantes sindicais, comissões de trabalhadores, etc.

Neste Encontro Nacional sobre política energética também se analisou o problema do petróleo e o do nuclear. No que diz respeito ao petróleo concluiu-se a necessidade de prosseguir os trabalhos de prospecção e sondagem em curso. Quanto ao problema da energia nuclear salientou-se que em Portugal existe em funcionamento uma indústria mineira de urânio com capacidade excedentária no presente e a médio prazo relativamente às necessidades nacionais, o que origina a formação de «stoks» que atingirão o meio milhar de toneladas de urânio no valor de cerca de 750 mil contos.

20 PAGINAS

AÇORES

P.P.D. com os separatistas P.S. atacado à bomba

Está a agravar-se rapidamente a situação nos Açores.

Uma manifestação a realizar hoje pelo P.P.D. na cidade de Ponta Delgada e que conta com o apoio da organização separatista F.L.A. — Frente de Libertação dos Açores — constitui séria ameaça ao futuro do arquipélago.

De facto, os deputados Mota Amaral e Natalino Viveiros, do P.P.D., que lançaram o apelo para a manifestação, apelaram ainda para a paralisação das actividades comerciais, industriais e agrícolas.

Paralelamente, sabe-se que a F.L.A. apelou também para a comparência em massa à referida manifestação, o que dissipa quaisquer dúvidas quanto ao carácter separatista da «manif».

A manifestação surge na sequência de uma descrição melodramática da crise política que o País atravessa, descrição esta da responsabilidade dos referidos deputados do P.P.D.

Pela sua parte, o Partido Socialista — Coordenação da Zona Ilhas do P.S. — apela para que as autoridades nacionais e regionais, civis e militares, o Presidente da República, Primeiro-Ministro, Governo e Junta Regional, não cedam a quaisquer chantagens reaccionárias e procedam com a necessária firmeza em defesa das classes trabalhadoras e do povo dos Açores.

Apurámos, no entanto, que à violência fascista da F.L.A. a L.A.P.A. (organização progressista constituída em 18 de Agosto «logo após os actos de banditismo praticados por bandos fascistas»), responderá com violência revolucionária».

ATENTADO CONTRA O P.S.

Um engenho explosivo deflagrou esta madrugada junto da sede do Partido Socialista em Ponta Delgada, no arquipélago dos Açores declarou à Anop uma fonte militar do Copcon.

O engenho explodiu cerca da 1,30 da madrugada de hoje, provocando avultados danos materiais.

Não há notícia de vítimas pessoais.

CÂMARA DE LISBOA

"Greve política" contra o Poder Popular

Pág 20

Uma reportagem de WILFRED BURCHETT

Coreia: a reunificação é difícil mas é certa

Desde a agressão imperialista da década de 50 que o povo coreano aspira à reunificação do seu país. Em entrevista dada pelo presidente da Coreia do Norte, Kim Il Sung, ao nosso colaborador Wilfred Burchett e publicada hoje nas centrais, aquele dirigente esclarece quais as condições imprescindíveis para uma reunificação do país. A presença de forças militares norte-americanas na Coreia do Sul — último território do continente asiático ocupado por soldados ianques — constitui uma ameaça permanente à paz e o único sustentáculo do regime de Seul, ditadura sangrenta que todo o povo coreano repudia.

Nacional

P.S., P.P.D. e C.D.S. no Norte

Continuação da pág. 1

nasse às forças armadas que cumprissem o seu dever». O dirigente do P. S. referiu-se ainda ao P. C. P. considerando que este faz «um esforço desesperado» para derrubar o VI Governo.

Por seu turno o C. D. S. fez um comício em Vila Real no sábado e outro em Bragança no domingo, com a presença de Galvão de Melo e Freitas do Amaral. Entretanto no Porto, este partido distribuiu pelas ruas um comunicado em que convidava para que «os portugueses deixem a comodidade dos seus lares e das suas famílias e se conservem prontos para sair de casa, a defender na rua o que na rua nos querem roubar».

Além destas actividades dos referidos partidos no Norte durante o fim-de-semana, enquanto em Lisboa milhares e milhares de operários e camponeses se manifestavam contra o avanço da direita e pela defesa das conquistas da revolução, elementos daqueles três partidos, agora a nível parlamentar estiveram também reunidos no Porto num encontro que decorreu na sede distrital do P. S. e a que a Imprensa não teve acesso.

Por outro lado, a nível militar, o comandante da Região Militar do Norte, além de ter recebido dirigentes de alguns daqueles partidos, visitou no sábado o Regimento de Infantaria de Braga. O Gabinete do Estado-Maior disse-nos esta manhã que, a nível militar, nada de anormal se verificou nestes dias no Norte e que a deslocação a Braga do brigadeiro Pires Veloso foi uma «vista normal» a uma unidade. Visita de rotina, pois que, «de vez em quando o sr. brigadeiro visita uma unidade do Norte».

MANIFESTAÇÃO EM VISEU

Uma dissidência entre o P. S. e o P. P. D. não impediu que a manifestação de apoio ao VI Governo e ao almirante Pinheiro de Azevedo, realizada ontem em Viseu, animasse esta cidade e aí fizesse afluir alguns milhares de pessoas. A dissidência gerou-se a partir do momento em que, sabido que Pinheiro de Azevedo não viria, Sá Carneiro decidiu que deveria falar como secretário-geral do P. P. D. e co-promotor da iniciativa. Pelo que sucedeu, o P.S. não concordou e decidiu que Mário Soares não falaria. Foi assim que, logo depois de ter usado da palavra o ministro do Trabalho, capitão Tomás Rosa, os manifestantes afectos ao P. S. retiraram-se e foram concentrar-se junto à sede local deste partido. Idêntica atitude assumiram os manifestantes do P. P. D.

No uso da palavra da varanda dos Paços do Concelho, o ministro Tomás Rosa verberou duramente a manifestação dos trabalhadores da construção civil à volta de S. Bento, e bem assim a que, àquela hora, estava a ter lugar no Terreiro do Paço em Lisboa. Defendeu o VI Governo e a necessidade de o manter contra todos os ataques que estão a ser-lhe movidos. Mais: disse que o VI não cede, não capitula, nao se demite. E que, para isso, conta com o apoio da esmagadora maioria dos portugueses e das Forças Armadas.

EM FARO

Faro foi ontem igualmente lugar de uma manifestação de apoio ao VI Governo. Participaram o P. P. D., o P. S. e o P. C. P. (m-l). A concentração fez-se no Largo do Pé da Cruz e falaram diversos oradores em representação das organizações participantes, entre eles o governador civil do distrito.

A jornada ficou assinalada por um visível anticomunismo. Para o facto deve ter contribuído a presença do chamado Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista).

Costa Gomes ao País

POLITIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS É A CONSEQUÊNCIA LÓGICA DA POLITIZAÇÃO DO POVO PORTUGUÊS"

«Entre as conquistas que o povo português teve no 25 de Abril figura, como uma das mais importantes, o direito de se manifestar publicamente, para poder expressar ou a sua adesão ou o seu protesto contra as autoridades administrativas ou contra o Governo» — disse o Presidente Costa Gomes, durante uma entrevista transmitida no sábado à noite pela Televisão e Emissora Nacional. Esta entrevista foi a primeira de um programa do Estado Maior General das Forças Armadas, agora aparecido, e no qual serão ouvidos os membros do Conselho da Revolução, que se debruçarão sobre questões relacionadas com o momento político-militar que o País vive.

Costa Gomes falou longamente das manifestações que ultimamente se repetem com demasiada insistência, correndo o risco de perderem significado e importância uma vez que se tornam comuns, alertando os seus organizadores para o perigo real de nelas se introduzirem agentes provocadores. Sobre a segurança das manifestações Costa Gomes afirmou: «Até agora tem-se pedido às Forças Armadas para fazerem a sua segurança. Eu devo dizer que acho isso um erro tremendo, porque as Forças Armadas não foram organizadas nem instruídas para tarefas dessa natureza. A segurança e a ordem das manifestações deve ser feita pelos organismos, pelas direcções dos organismos que são responsáveis pelas manifestações».

Interrogado sobre o momento actual da situação político-militar o Chefe do Estado declarou que neste momento «se está a atravessar um período de confusão, perturbação e agitação e, por isso, é muito difícil estar a fazer o ponto da situação». Atribuindo depois, a agitação e pouca clarificação desta situação à disputa, entre si, dos partidos políticos, bem como ao facto de se ter descurado o trabalho útil «que nos poderia ter evitado uma situação económica grave, que nos vem complicar o problema político», acrescentou Costa Gomes:

. «O problema militar sofre todos os embates dos problemas políticos, porque como todos sabem, mais ou menos todas as formações e todos os partidos têm pretendido e têm alcançado penetrar nas unidades das Forças Armadas. Isto tem feito com que, aqui também, não haja uma directriz bem traçada, bem definida, o que nos causa bastantes apreensões, porque nós, e quando eu falo no plural não expresso só a minha opinião, expresso também a do Conselho da Revolução, julgamos que é indispensável que as Forças Armadas constituam um todo coeso não partidário, e que possam realmente, servir de apoio, de base e de impulso à nossa Revolução.»

. Sobre a politização das Forças Armadas, com a qual todos parecem estar de acordo, e a «necessidade» da entrada dos partidos políticos nos quartéis, Costa Gomes adiantou: — A politização das Forças Armadas é uma consequência lógica da politização do povo português. Eu penso que os partidos políticos, se devem reprimir, não interferir na politização das Forças Armadas, porque a politização que se lhes pretende dar é uma politização eclética que permita a cada um dos elementos das Forças Armadas ter as suas convicções próprias mas quando actuar como elemento de uma unidade, fazê-lo coordenadamente suprapartidariamente. Portanto, se nós permitirmos que os partidos políticos façam a sua política e a desenvolvam no seio das unidades, nós não conseguimos ter aquilo que é indispensável numa unidade, que é a coesão, a disciplina, a ordem e, sobretudo, duas coisas essenciais em que muita gente não pensa: a lealdade e a camaradagem.

Interrogado sobre a viabilidade de se poder governar este País sem o P.C.P., o Presidente da República afirmou então que, na sua opinião, «é aconselhável que o Partido Comunista faça parte da coligação governamental». Quanto às afirmações de Sá Carneiro quando diz que se pode governar Portugal sem os comunistas Costa Gomes foi mais longe:

. «Eu entendo que o sr. dr. Sá Carneiro não tem razão quando faz essa afirmação assim como não tem razão quando se refere a assuntos militares. Mas respeito perfeitamente a opinião do sr. dr. Sá Carneiro. Ele pensa que a combinação do P.S. com o P.P.D. que é, sob o ponto de vista de voto e de expressão da opinião pública, nas eleições de 25 de Abril passado, suficientemente maioritária para num País democrático, mas estabilizado, poder governar, parece-me que no caso português não é suficiente para realmente podermos constituir um Governo que não só tenha uma base de apoio grande, como também tenha uma força laboral suficientemente forte para podermos ter uma paz e uma tranquilidade no trabalho que permitam uma produção razoável e que evite estas constantes reivindicações que, como todos sabem, prejudicam imenso a economia nacional».

Por fim, depois de afirmar que não se pretende acabar com o Copcon nem marginalizar Otelo Saraiva de Carvalho, o Chefe de Estado a propósito do que se passa nas Forças Armadas afirmou: «Nós estamos a fazer esforços muito grandes — as pessoas mais responsáveis e especialmente o Conselho da Revolução — para ver se conseguimos superar estas divergências e encontrar uma plataforma de entendimento entre todos os militares, por forma que as Forças Armadas, como no início do 25 de Abril, tenham um pensamento e uma ideia-força que lhes permita actuar acima dos partidos».

CIDADE MARGINAL

Era uma vez uma senhora que tinha 700 contos em jóias para adorno...

. Aproveitando a ausência da locatária (Rosa Maria Troufa Real), desconhecidos introduziram-se, por meio de chave falsa, numa residência situada na Avenida João de Deus, 7-2.º dt.º, ao Areeiro, furtando jóias avaliadas em cerca de setecentos contos. Moral (imoral) da história: chama-se ladrão ao indivíduo que, num dado momento da sua vida (coagido pela fome), se atreve a roubar, uma galinha, por exemplo. E ao cidadão (no caso cidadã) que se dá ao luxo de guardar em sua casa quase um milhar de contos em adornos de ouro para uso exclusivamente pessoal. Apenas burguês(a)?...

TRAFICANTES DE LIAMBA

Após movimentada perseguição, que meteu cerrado tiroteio de intimidação, elementos da secção de Trânsito da P.S.P. prenderam dois jovens (Henrique Viola, estufador, e Vítor Cardoso, mecânico) que, na Avenida Infante D. Henrique, se faziam transportar num carro roubado. Em poder dos arguidos foram ainda encontradas quatrocentas gramas de liamba que, segundo confessaram, pretendiam transaccionar nos bares do Cais do Sodré

SELO BRANCO COMO ALVO

Indivíduos ainda não identificados apoderaram-se do carimbo com o selo branco do Secretariado para a Cooperação Económica e Técnica Externa, na sequência de um assalto às instalações daquele departamento, na Avenida da República, 32-1.º esq. Como no local havia dinheiro e outros valores, em que os assaltantes não tocaram, os investigadores da Polícia Judiciária admitem estar perante um delito de conotações que transcendem o delito meramente comum.

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

ASSINANTES COM NUMERAÇÃO INICIADA POR «691»

Na noite de 14 para 15 do corrente os postos com o prefixo numérico «691» foram alterados.

Em vez de «691» marque «603»

Seguidos dos restantes algarismos

Não se esqueça, pois são cerca de 500 postos que mudam de prefixo.

LEMBRE-SE DESTA ALTERAÇÃO

T A P

COMUNICADO

A TAP leva ao conhecimento dos seus passageiros com destino a MOÇAMBIQUE que, por determinação do Governo daquele país, devem apresentar no momento de embarque em Lisboa, o certificado internacional de vacina anticolérica. Esta medida entra imediatamente em vigor.

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções

Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

post scriptum

Divisionismo

Quem ainda tivesse dúvidas acerca da acção divisionista empreendida pelas forças reaccionárias, tendo como principal objectivo os partidos antifascistas, ficaria esclarecido com o comunicado da autodenominada juventude social-democrata (que de social e de democrata nunca teve nada) sobre o debate Cunhal-Soares, na TV.

Aqui, como nos Açores e Madeira, o objectivo é o mesmo: dividir para vencer. Primeiro um, depois o outro. Começam por bajular e fazer apelos às «cruzadas» para nova «guerra santa», para depois ajustar contas com os que se prestaram a ser seus aliados...

Falam de legalidade, de disciplina, de ordem, mas vão incitando ao crime.

Perante esta escalada, agora com novos aliados potenciais que andam a recrutar entre massas mal esclarecidas e manipuladas pergunta-se; até quando é que as forças antifascistas, que tanto sofreram nas prisões e no degredo, continuam a fazer política agressiva e desgastante que mais convém aos inimigos comuns.

António Costa — Coimbra

Senhor Primeiro-Ministro

Tem esta o fim de lhe pedir um favor: na próxima vez que aparecer ao «seu povo» (PS, PPD e C.ª) seja mais honesto e faça-o com o emblema de um dos partidos supracitados na lapela. Pode ter a certeza de que, nessa altura, será mais bem compreendido pelos «contra-revolucionários» que estão à sua esquerda. Cada um tem o partido que quer...

Porque, francamente, senhor almirante, dizer-se um movimento suprapartidário e ser certo e sabido que, quando PS's e PPD's se manifestam, lá aparece o senhor a colaborar na manifestação, dá que pensar...

E já agora duas perguntas, senhor Primeiro-Ministro: vai continuar a usar trotil para impor a sua disciplina a este País? Tem a certeza de que sabe o que a palavra sabotagem significa?

Ana Isabel Afonso — Cartaxo

Sr. almirante Pinheiro de Azevedo

Há cerca de 40 anos revoltei-me contra o fascismo salazarista. Fui expulso da Armada, condenado, passei 16 anos no Tarrafal, etc, etc.

Mas não é a minha biografia que me leva a pedir um bocado de espaço do «DL».

É que, sr. almirante, apesar de tanto tempo afastado da Corporação, nunca me libertei das influências que colhi nas andanças pelos mares, nem esqueci aquele convívio de bordo, onde os marujos, com todas as suas virtudes e defeitos fazem, de uma guarnição, uma grande família.

Exactamente por esse saudosismo, tudo quanto toca à Marinha bule cá com o rapaz...

Ora, sr. almirante, por isso mesmo, quando o vi Primeiro-Ministro, disse cá com os meus botões: temos homem!

. Agora é que os reaccionários vão ver como elas lhes mordem... Com um marinheiro ao leme da nau governativa, a revolução vai mesmo marchar em frente.

Mas, sr. almirante, pouco tempo durou a ilusão!

Vem a manifestação junto ao Palácio de S. Bento vem a do Porto vem a de Faro e vem, por último, a do Terreiro do Paço, e que vejo eu?

Toda a reacção aplaude freneticamente o Primeiro-Ministro e o VI Governo, e o sr. almirante embarca escandalosamente no navio reaccionário e afunda-se de manifestação em manufestação, a ponto de hoje termos fortes razões para o considerar perdido para a nossa Revolução.

E que, sr. almirante, aquela espécie de ponto teatral que guiava a sua representação no Terreiro do Paço excedeu tudo quanto eu podia imaginar . Esta constatação é dolorosa para um velho marujo que tinha depositado esperanças no «seu» almirante.

E a Marinha? Que vem dando provas de continuar as suas boas tradições ao lado do nosso povo, na consolidação, e avanço do processo revolucionário deve. certamente, sentir-se vexada com a posição do seu oficial.

Sr. almirante: se não se sente com forças para acompanhar a nossa Revolução, para a defender das arremetidas fascistas, então demita-se!

Esta será a forma de atenuar uma acção que o nosso povo já hoje classifica de contra-revolucionária.

E não se iluda! — Povo são os operários e os camponeses, os soldados e marinheiros que estão prontos para defender as conquistas já alcançadas, que não desejam voltar ao terror e à miséria fascista.

Povo não são, sr. Almirante, aqueles que gritam histericamente «morte» às figuras mais representativas da nossa Revolução, entre as quais se encontra também um verdadeiro almirante; povo não são as camarilhas dirigentes dos partidos de direita que regem os coros contra-revolucionários.

E, sr. almirante, ou o sr. percebe isto, e toma uma posição decente ou então teremos de concluir que o sr., é contra-revolucionário, o que seria uma dolorosa constatação para a nossa Marinha de Guerra.

João Faria Borda — Lisboa

LIMITES DA FORMAÇÃO CENTRISTA

FERNANDO PITEIRA SANTOS

Não podemos definir, social e politicamente, uma formação governamental se nos limitarmos a verificar a lista indicativa dos partidos ou grupos políticos que a constituem. Tão — pouco pela circunstância de homens políticos, falando em nome próprio ou pelas direcções dos respectivos partidos, terem declarado que este — o «VI Governo Provisório» — na sua composição, laboriosamente doseada era, na actual conjuntura de crise político-militar, o único Governo possível. Já afirmámos que, indubitavelmente, o «VI Governo Provisório» correspondia à imagem estatística dos resultados eleitorais. Mas já propusemos, também, que é vantajoso estabelecer uma distinção entre o **País eleitoral** e o **País real,** entre a representação, por via da consulta eleitoral, da **consciência possível** numa sociedade que sofreu durante quarenta e oito longos anos a opressão fascistas e o reflexo na consciência social da dinâmica libertadora que se desencadeou a partir da «acção militar de 25 de Abril de 1974».

Haverá que distinguir, neste País, nesta fase histórica, uma **consciência possível,** a que se espelha, acaso deformada, nos resultados eleitorais, e uma **consciência revolucionária** que reflecte as conquistas e as aspirações da vanguarda social. Não estamos a referir-nos — será necessário sublinhá-lo? — às «vanguardas políticas» autoproclamadas empenhadas numa competição áspera. Estamos a falar das forças de movimento e de progresso, indivíduos e grupos, camadas da população, empresas e iniciativas, ideias-força e força-militante, que participam e interferem no «curso revolucionário», que o influenciam e impulsionam. Chamamos «vanguarda social» às forças que se batem pelo «novo curso» independentemente do seu sinal político, do seu carácter partidário, ou proclamadamente apartidário, da sua estrutura organizacional ou da carência de estrutura organizacional que revelem, da sua vocação particularista ou das suas pretensões hegemónicas. Procuramos apenas caracterizá-las pelo papel que desempenham no «processo histórico»: um papel de «vanguarda social». E algumas vezes a «vanguarda social» é portadora de um valor a que se dá o nome de «consciência revolucionária».

A «consciência revolucionária», não seremos nós a esquecê-lo, nem sempre se nos depara liberta e purificada da ganga do «anarco-populismo» e das inexplicáveis cumplicidades com o oportunismo pequeno-burguês que explode em reivindicações demagógicas e de estreito «economicismo». Importa, porém reconhecer que a «consciência possível», não se poderá satisfazer nesta fase histórica com o «compromisso de governo» que a si próprio se não apresenta como «coligação», que se contenta com oferecer ao País a tradução, numa ocasional distribuição de postos ministeriais, da «estática eleitoralista». O «VI Governo», ninguém o nega corresponde com respeitosa proporcionalidade, aos resultados do acto eleitoral de 25 de Abril de 1975. Haverá quem pense, na dividida família militar e na multitudinária grei civil, que não corresponde à esperança do «25 de Abril de 1974», que não procura apoio nas energias populares então libertadas. Daí que, apesar da reprodução que ostensivamente assegura dos resultados eleitorais, nos ofereça a imagem tonitruante e débil de um «governo» mais uma vez ferido de «provisoriedade», de poder precário e restrita eficácia, embaraçado com a falta de apoio das forças militares nas áreas de intervenção, embaraçado com a vaga protestária e reivindicativa do movimento operário e popular, embaraçado até — e ainda bem que ainda embaraçado — com a afluência dos que têm corrido a prodigalizar-lhe aplausos de origem muito duvidosa e de muito duvidosa sinceridade.

Todavia, a corrente de paoio está já a reflectir-se não só nas atitudes do Governo, como nas relações do Governo com o povo; tal como na táctica dos partidos políticos do veio a reflectir-se o peso dos resultados eleitorais e o argumento do sucesso eleitoral.

As **eleições** não constituiram, no plano político-governativo e na perspectiva da reconstrução revolucionária de um **país novo,** um **critério de verdade;** desentranharam-se em consequências negativas afundando separações, dando origem a confluências equívocas, impondo alianças contra a própria natureza do «processo histórico» da Revolução portuguesa. Na realidade atrasaram a construção do «Estado-democrático» a partir de uma radical e fraterna **democracia de base.**

A involução político-social e a regionalização do P. P. D. transportaram consigo naturais contradições. A sua presença **em bloco** na actual formação governamental centrista, não patenteia só a circunstância da «esquerda do P. P. D.» ter perdido uma batalha no interior do partido, como a circunstância, bem mais penosa, de os negociadores da composição do «VI Governo Provisório» terem cedido à falaciosa ameaça do levantamento regional que actos terroristas, agressões selvagens, assaltos, destruições, autos-de-fé, supostamente anunciaram. O «partido da ordem» entra no Governo como «Força eleitoral» e como «força de guerra civil».

Nem num caso, nem no outro, poderá ser considerado um aliado dos **militantes socialistas** do Partido Socialista. Teremos sido claros?

. Poderá o Partido Socialista — poderá um qualquer partido que privilegie a intervenção eleitoral como táctica política — ser sensível ao número dos aderentes e dos eleitores, mas a batalha pelo Socialismo só diz respeito aos verdadeiros socialistas. Não basta proclamá-lo nos discursos, nos artigos, nos livros. Esta verdade tem que ser vivida. A Revolução faz-se com o povo, para o povo, mas faz-se contra capitalistas, burgueses e populares (também) que não atingiram a **consequência histórica** (no plano nacional e no plano social) do «curso novo». A Revolução — repetimos — é uma pedagogia. Mergulhados na sua experiência, tormentosa e exaltante, participantes e empenhados, é na acção, na prática quotidiana da modificação radical da sociedade portuguesa que os militantes revolucionários, civis e militares, forjarão a própria **consciência revolucionária.**

E o **socialismo** é sempre, na tradução realista a realizadora do sonho utópico, uma questão de entrega militante e de «consciência revolucionária».

O ASSALTO À U.S.P.

Luta dos trabalhadores na mira da contra-revolução

Da União dos Sindicatos do Porto/Intersindical, recebemos o seguinte comunicado, reflectindo uma posição sobre a banca nacionalizada, que ainda se encontra ao serviço dos fascistas e do grande capital.

«Tem o Secretariado da U.S.P./Intersindical conhecimento da intenção de se encerrarem os balanços dos bancos na data de 13 de Março de 1976 e de valorizar as acções depositadas segundo as cotações da Bolsa, em 25 de Abril de 1974.

É de todos conhecido o valor irreal das acções, proveniente da especulação permitida pelo Governo fascista em favor dos grandes accionistas.

Sendo assim, a quem serve esta orientação do Ministério das Finanças? Como é possível conciliar esta orientação para a banca com os apelos ao sacrifício por parte dos trabalhadores vindos dos mesmos responsáveis? Sacrifícios, sim. Mas de quem? E para quê?

Os resultados das medidas preconizadas pelo Ministério das Finanças são, entre outros, os seguintes:

1. Dão às acções depositadas um valor muito superior àquele que efectivamente possuem, revelando oficialmente uma situação financeira que não é real;

. 2. Sobrevalorizam as acções depositadas na Banca, ocasionando a necessidade de observar o mesmo critério sempre que seja necessário atribuir um valor a quaisquer acções (depositadas, ou não);

. 3. Os grandes capitalistas, que viram as suas empresas nacionalizadas, exigirão do Estado, de todos nós, o pagamento de indemnizações muito mais elevadas.

O País está a caminhar para a bancarrota». «Estamos perto da falência». «A curto prazo não poderemos comprar o que necessitamos para comer».

Coisas muito parecidas com estas saem da boca de altos responsáveis do VI Governo Provisório, entre os quais se destaca, pelo lugar que ocupa, o ministro das Finanças, dr. Salgado Zenha.

Os trabalhadores portugueses lembram-se ainda do quadro catastrófico pintado por Spínola diante das câmaras da televisão. Sabiam já, e ficaram a saber ainda melhor pouco tempo depois, o que pretendia Spínola e comparsas com as negras tintas com que pintavam a situação do País. A manobra é conhecida: deturpa-se deliberadamente a realidade política, económica e social de um país, e oferece-se de bandeja, logo a seguir, o remédio milagroso e infalível para ultra-

País da ruína. Com Spínola a solução era confiar na e, a solução era confiar na «boa-vontade» dos «Mellos», «Champallimauds» e «Espíritos Santos», de investirem milhões de contos a favor dos deserdados e explorados... agora, a poção mágica está no crédito que devemos dar às faculdades curativas dos dólares e marcos.

Os ditos salvadores da nossa terra mostram o jogo, quando demonstram o que de facto querem salvar: os interesses do capital, contra os interesses e conquistas dos trabalhadores. O capitalismo, contra a democracia e o socialismo, os exploradores, contra a grande maioria dos explorados.

Por um lado, impõem-se dificuldades a empresas controladas por trabalhadores na obtenção de créditos, não se obrigam os patrões a pagar à Previdência, fazem-se saneamentos à esquerda no Banco de Portugal. Por outro lado, tomam-se medidas como estas, que favorecem única e exclusivamente os patrões sabotadores e reaccionários, contra os interesses de todos os trabalhadores e da economia nacional.

Será deste modo que se salva o país da ruína, da catástrofe, da bancarrota e da miséria, com que nos pintam diariamente a situação os responsáveis pelos assuntos económicos? Se é o capital, como parece, aquilo que se pretende salvar, descansem os senhores ministros e os doutos economistas ao seu serviço, que os trabalhadores saberão uma vez mais dar a resposta revolucionária que tais intentos merecem e necessitam.

O Secretariado da U.S.P./Intersindical, certo de tornar pública a preocupação de todos os trabalhadores perante as medidas do ministro Salgado Zenha, faz um apelo a todos os trabalhadores bancários e respectivos sindicatos para que reforcem a vigilância nos locais de trabalho de modo a denunciar e impedir, se possível, quaisquer tentativas de levar à prática, esta sim, tão ruinosa medida».

Nacional

AGORA SIM, TERREIRO DO POVO!

A MAIOR MANIFESTAÇÃO DESDE O 1.º DE MAIO DE 1974

A RTP transmitiu em directo grande parte da manifestação de ontem, confirmando assim a hipótese levantada pelo «DL» no sábado. Ainda bem, pois o País inteiro viu que a «minoria» levou mais gente ao Terreiro (agora sim) do Povo do que a «maioria». Duas manifestações, uma diferença de oito dias, uma diferença muito maior de intenções, a diferença entre o social (democrat)ismo e o Socialismo.

E o Terreiro do Povo foi pequeno para tanta gente, para tanta vontade, apesar de um comunicado do P.S. alertando contra hipotético assalto ao aparelho de Estado, apesar do suspeito descarrilamento no ramal do Sado, por sabotagem, que impediu alguns trabalhadores do Sul de chegarem a tempo. O Terreiro do Povo foi pequeno e compreende-se: a Revolução é maior do que esse espaço, dura mais do que esse tempo, embora, ontem, esse tempo e esse espaço pertencessem, por inteiro, à Revolução. O que não aconteceu oito dias antes.

Promovida pelo Secretariado das Comissões de Trabalhadores da cintura industrial de Lisboa, com o apoio da Intersindical e de várias organizações e partidos políticos (M.D.P., P.C.P., M.E.S., F.S.P., L.C.I., S.U.V. de Lisboa e do Sul) a Grande Manifestação Unitária de ontem terá sido das maiores que Lisboa viu desde o 25 de Abril de 1974. Segundo o almirante Rosa Coutinho, pelo menos: «Só me recordo de uma manifestação assim no 1.º de Maio de 1974».

AS PALAVRAS E OS SÍMBOLOS

«Pinheiro de Azevedo, o Povo não tem medo!», «O povo não se manda à merda!», «Reaccionários fora do Governo, já!», «S.U.V., S.U.V., S.U.V.!», «Abaixo o A.M.I.!» «Nem Marcelo nem Tomás» (do actual Ministério do Trabalho), «Morte ao E.L.P.», «Abaixo o terrorismo!», «M.P.L.A., M.P.L.A.:.»!», «Avançar, avançar, Movimento Popular», «Vasco, Vasco!», foram palavras da manifestação, nas vozes e nos cartazes.

As bandeiras eram vermelhas e nacionais. Outras do M.P.L.A.E, ainda, palavras, desta feita cantadas: «Venceremos, venceremos, com as armas que temos na mão», e as palavras/símbolo: «Heróis do Mar, nobre Povo, Nação valente».

RELATO

Eram 18 horas e ainda a cauda da manifestação saída do Marquês de Pombal estava nos Restauradores. O Terreiro do Paço, então já cheio, vivia o auge da manifestação. Gritavam-se palavras de ordem revolucionária. Ouviam-se e aprovavam-se moções, contra a viragem à direita, pela Revolução, pelo Socialismo.

Povo, claro. Rural, operário, fardado. Das fábricas da cintura industrial de Lisboa e não só. Dos campos do Alentejo, dos quartéis do centro e do Sul do País. Wilffred Burchet diria: «é a classe operária que está a desfilar em Lisboa!»

Quando todos chegaram, os últimos tiveram que contentar-se em ficar pela Rua Augusta e do Ouro. A Revolucão na Praça era maior do que a Praça da Revolução.

Camionetas, escavadoras, gruas-automóveis, betoneiras, tractores: o real encenava-se a si próprio, mostrando o que, verdadeiramente é.

Do Alentejo vieram dez mil, mas não para assaltarem o Poder, como salientou um orador, desmentindo o comunicado alarmista do Partido Socialista.

Um membro do Secretariado das Comissões de Trabalhadores da cintura industrial de Lisboa leu uma moção de apoio ao M.P.L.A. Vários oradores lembraram ao que ia toda aquela multidão: contra a política de direita do VI Governo, pelo Poder Popular, pelo controlo operário da produção, pelo avanço da Revolução, pela Reforma Agrária, pela defesa das conquistas dos trabalhadores.

OTELO, ROSA COUTINHO, COSTA MARTINS

Um soldado pára-quedista leu à multidão uma mensagem delirantemente aplaudida, do comandante do Copcon e da Região Militar de Lisboa, general Otelo Saraiva de Carvalho.:

«Ausente de Lisboa, mas acompanhando emocionado pela Televisão a grandiosa manifestação do autêntico povo que trabalha, e, agora sim, transforma o Terreiro do Paço em Terreiro do Povo, enche-me o coração com a enraizada certeza de que a Revolução socialista portuguesa jamais morrerá, contra o ódio de todos os que a querem fazer recuar, contra o temor daqueles que a querem fazer parar, a indecisão e falta de coragem e audácia revolucionária de muitos outros.

A força do povo trabalhador, durante tantos anos explorada, levantar-se-á como um gigante para a conquista da sociedade socialista e da independência nacional que os homens justos e honestos deste País ambicionam para todos os portugueses.

Obrigado, povo amigo! O Otelo está contigo!»

Por sua vez, o almirante Rosa Coutinho diria ao «Diário de Notícias» o seguinte:

«Considero a manifestação realizada em Lisboa como uma grandiosa manifestação, cheia de entusiasmo e vibração populares. Só me recordo de uma manifestação assim no 1.º de Maio de 1974. Considero que, através de manifestações como esta, feitas com civismo e verdadeiro sentimento popular, se ganha consciência, contribuindo para garantir o avanço da Revolução a caminho do socialismo. Como demonstração de força que foi, esta manifestação deverá trazer as suas consequências, embora eu ainda não saiba quais».

Dois militares com a Revolução. Dois, isto é, dois muito conhecidos, porque eram milhares os desconhecidos que, fardados, estiveram ontem na rua com o povo trabalhador. Um deles foi, por momentos, desconhecido. Até que alguém o apontou e disse: «É o major Costa Martins!». O povo levou-o em ombros.

DO TARRAFAL AO TERREIRO DO PAÇO

O telegrama número 36, da Anop, datado de 16 de Novembro/ 75, rezava assim: «Impossibilitados de contactarem com todos os seus camaradas, os antigos deportados do Tarrafal anunciam que aderem à manifestação de hoje, concentrando-se às 15 horas à porta do «Diário de Notícias».

À hora marcada, começaram a chegar. Eram muitos.

OPINIÕES

Num comunicado da Comissão Central da U. D. P. sauda-se «a determinação combativa que mais uma vez o povo trabalhador mostrou», mas condena-se aquilo que a U. D. P. julga ter sido o aproveitamento partidário que o P. C. teria, em seu entender, feito da manifestação. A U. D. P. diz, ainda, que não se deveria ter gritado M. P. L. A., não indicando em relação a Angola, que palavra de ordem deveria ter soado na «manif.».

O M. E. S., por seu turno, tal como a F. S. P. havia feito, pronunciou-se abertamente a favor da manifestação, apenas achando insuficientes as palavras de ordem propostas.

Carlos Carvalhas, membro do Secretariado da Intersindical, em entrevista concedida à Anop disse:

. «Esta manifestação foi uma vigorosa resposta da classe operária a todos os desvios à direita que se têm verificado no Poder político».

A CASA É PARA QUEM O POVO DESEJA

Já o comício estava no fim, as núvens a ameaçarem chuva, quando surgiu uma dança de roda:

«Ó Pinheiro vai para a rua/ Que esta casa/ Não é tua...»

Afastaram-se as pessoas para junto da estátua de D. José, criou-se espaço aberto — e, então, dando-se as mãos, dezenas e dezenas de pessoas começaram a evoluir ao som de «Ó Pinheiro vai para a rua/ Que esta casa/ Não é tua...»

E foi assim até ao Rossio: ao longo das artérias pombalinas afirmava-se, alto e bom som, que só pode habitar a casa quem o povo deseja.

O PÃO E O VINHO

«O Norte dá o vinho, o Sul dá o pão. Todos nós precisamos de comer pão e beber vinho. Unidade, pois. Que as forças reaccionárias não dividam o País em dois. Unidade! Unidade! Unidade!» — estas as palavras de um dos oradores do comício unitário de ontem que durante três horas se desenvolveu no Terreiro do Paço.

Grandes foram os aplausos, as palmas, os gritos de «Vitória!» Trabalhadores agrícolas, vindos do Norte, apertaram as mãos aos trabalhadores do Sul. E abraçaram-se. E beijaram-se.

O pão e o vinho misturavam-se à beira Tejo, no Terreiro do Paço — e a força da unidade erguia-se num monumento que para sempre ficou na memória de todos os presentes.

P. A.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS
(Continuação do Plenário realizado no dia 5-11-75)

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para a continuação do Plenário a realizar na próxima terça-feira, dia 18, no Salão da Cooperativa da Caixa Económica, na Rua da Voz do Operário, n.º 64-3.º, em Lisboa, pelas 20.30 horas.

A sessão do passado dia 5 foi interrompida por ter sido deliberado, em Plenário, apoiar a justa luta dos trabalhadores da Sociedade Nacional de Tipografia (Jornal «O Século»).

A continuação da Ordem de Trabalhos é a seguinte:

2 — Análise da situação política e seus reflexos.
a) Acções a desenvolver.

3 — Aplicação da Portaria.

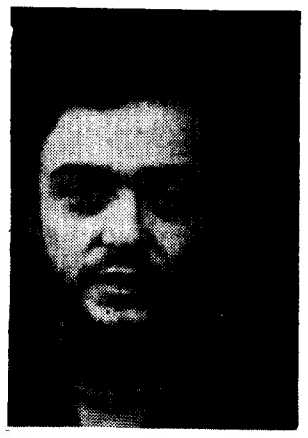
Lisboa, 12 de Novembro de 1975.

A DIRECÇÃO

Nacional

Ora diga-nos

"ACHA BONITO DIZER PALAVRAS FEIAS?"



Certos termos do vocabulário português são no consenso comum considerados «palavras feias». Muita gente usa e abusa desses termos, sem qualquer má intenção, sem chocar ninguém, depende do «consenso» que impera nesses meios. Continuam, no entanto, a ser «palavras feias» no consenso comum, susceptíveis de ferir os tímpanos, especialmente se partem de quem se tem em consideração mais ou menos alta.

«Acho que não se devem dizer essas palavras», respondeu Cassiano Barata, pintor de automóveis. «Certas coisas ficam mal às pessoas. Quando usam essas palavras para ofender alguém, procedem mal.»

O mecânico de automóveis António Garcia respondeu:

«Acho que isso não se deve dizer. Primeiro, parte sempre da educação das pessoas; segundo, só uma pessoa que tenha formação moral baixa é que procede assim. É claro que às vezes a confusão política provoca excesso de nervos. Eu, cá por mim, só trato mal uma pessoa quando estou muito excitado...

«Bom, os ânimos andam exaltados, o povo ganha pouco e está revoltado, mas há outras maneiras de se falar às pessoas. Quando as crianças ouvem, (e até nós) é um escândalo. Tratar assim o povo não está bem.», foi a resposta de Argentina Longa, servente.

SAÚDE PÚBLICA

Foi proibida a apanha e comercialização de berbigões e tremoços para norte da Ericeira, devido a fortes suspeitas de que sejam elementos de propagação de cólera. Por despacho do ministro da Agricultura e Pescas, enviado para publicação no «Diário do Governo», esta medida entra imediatamente em vigor.

O recente surto de cólera, que atingiu apenas algumas áreas do centro e do Norte do País, tem a sua maior expressão na zona do Mondego. A Secretaria de Estado das Pescas refere que «só como medida cautelar se determinou a interdição da apanha e comercialização de berbigão, evidentemente extensível a outros mariscos conviventes». Quanto ao tremoço, a proibição referida deve-se às suspeitas de que será elemento de propagação da doença.

DEFESA SANITÁRIA DOS GADOS

Um plano de emergência para a defesa sanitária dos gados será posto em execução pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, com a colaboração dos Centros Regionais da Reforma Agrária, Ligas de Pequenos e Médios Agricultores e Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas.

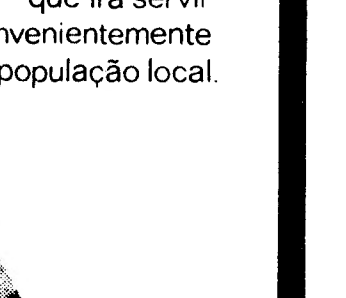
Esta campanha, que mobilizará 118 brigadas técnicas, foi motivada pelas acções respeitantes à Reforma Agrária que originaram a transferência de efectivos pecuários, aumentando assim o risco de contaminações de doenças infecto-contagiosas e parasitárias.

A sua efectivação terá lugar nos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Setúbal e Santarém, durante os meses de Novembro e de Dezembro.

VENDEDORES AMBULANTES

Os vendedores ambulantes de produtos alimentares serão sujeitos a rigorosa fiscalização quanto ao boletim de sanidade exigido pelas leis em vigor.

A Direcção-Geral da Fiscalização Económica informa que passará a autuar os vendedores referidos, que não sejam portadores de boletim de saúde actualizado.



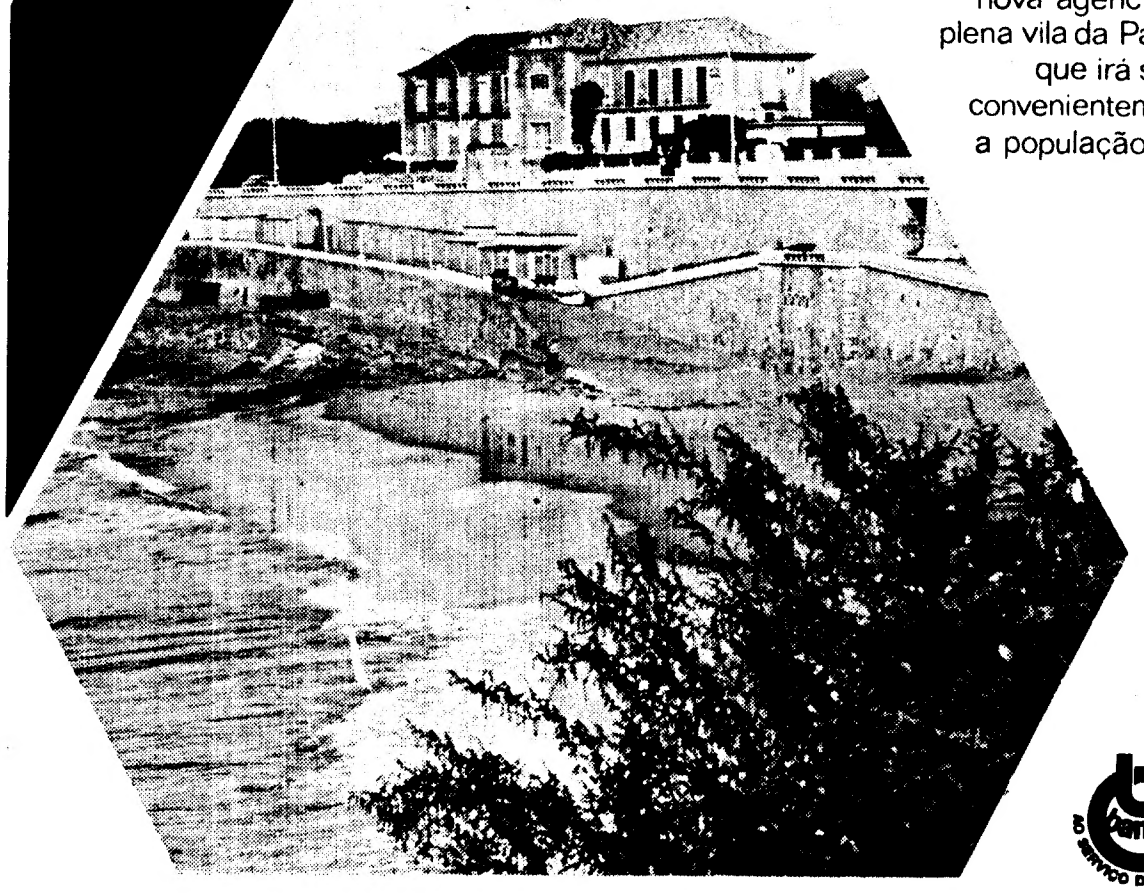
FLUMEN

NOVA AGÊNCIA

PAREDE

Av. da República, nº 56

A Caixa Geral de Depósitos procedeu à abertura duma nova agência, em plena vila da Parede que irá servir convenientemente a população local.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Trajectória

a Tecnologia ao serviço nacional, ao Seu serviço.

Rapidez na resposta, eficiência de serviços, segurança e garantia de eficácia nos resultados obtidos, são propostas rigorosas na resolução dos seus problemas de sondagens, perfurações e pesquisas de água. Obtenha num dia o resultado de três meses de expectativas, evitando perdas de tempo, contrariedades, fadigas, etc. Colocamos a nossa experiência ao serviço nacional, ao seu serviço.

Consulte-nos

Celestino Caetano & Filhos, Lda.
Telef. 248 0452
Alvarinhos — Sintra

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO

CONCURSO PARA ADMISSÃO DE PESSOAL

O Conselho Directivo de Pintura/Escultura torna público estarem abertos concursso documentais para preenchimento dos seguintes lugares:

— Auxiliares Técnicos —
para: oficina de cerâmica
oficina de escultura

Tais concursos estão abertos até ao dia 25 de Novembro de 1975, devendo os interessados consultar as exigências estabelecidas no edital afixado no átrio da Escola, na Av. Rodrigues de Freitas. n.º 265, no Porto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Escola Superior de Estudos Sociais e Económicos Bento de Jesus Caraça

ÉVORA

(Criada pelo Decreto-Lei n.º 513/75, de 20 de Setembro)

Vagas existentes a tempo completo para docentes nas seguintes áreas de conhecimento:

— Demografia (Análises e Projecções).
— Estatística.
— Informática da Gestão.
— Metodologia da Investigacão (Social e Económica).
— Economia Industrial.
— Organização da Produção Industrial.

As candidaturas serão aceites até 25 de Novembro.

Resposta para o Apartado 106 — Évora.

PRÉDIO EM LISBOA

Base 450.000$, Rende 60.054$ = 13, 34%

LEILÃO

AMANHÃ 3.ª FEIRA, ÀS 12 H., NO N/ ESCRITÓRIO

Será posto em praça o prédio em epigrafe c/ cave, r/c e 4 andares, sito na Rua Zaire, 26, (Bairro das Colónias), livre de quaisquer ónus ou encargos.

Condições de venda e informações ou no acto do leilão ou no n/ escritório das 11 às 13 horas.

SOC. DE LEILÕES AFRAFILHOS, Lda

MÁQUINAS DE DIVERTIMENTOS

ELÉCTRICAS P/ CRIANÇAS

Ideais para: Cafés, Restaurantes, Tabacarias, Sapatarias de crianças, etc....

VENDEM-SE

ACEITAM-SE AGENTES PARA A PROVÍNCIA. CONTACTAR EST. BENFICA, 730-A/B. (ÀS PORTAS DE BENFICA).

Vendas, telefone 709970 Colocacões, Telefone 702259

Nacional

ESCOLA-BASE DE TANCOS

Praças, sargentos e oficiais dispostos a servir a Revolução Socialista

As praças, sargentos e oficiais pára-quedistas da Base-Escola de Tancos, impedidos de realizar uma conferência de Imprensa que chegou a estar anunciada, elaboraram um extenso documento no qual, cronologicamente, são descritos os acontecimentos que desde 25 de Abril de 1974, conduziram à situação actual. São factos importantes o progressivo aumento de consciencialização das praças e sargentos que deixaram, a pouco e pouco, de pensar pela cabeça dos oficiais. No essencial as praças e sargentos verificaram o desenvolvimento do processo revolucionário e fizeram a sua opção de classe, no que foram acompanhados por alguns oficiais cujas posições progressistas eram já mais ou menos conhecidas.

Neste documento de 24 pontos os pára-qudistas começam por esclarecer que os oficiais «com predominância para a chefia», nunca se identificaram com o processo revolucionário e «oportunisticamente, após a consumação do 25 de Abril de 1974, nele se integraram por verem ser a sua única chance», mas «ao darem-se conta que o acontecimento não fora um simples golpe, mas o início de uma Revolução popular, implicando por consequência, perca de privilégio de classe, procuraram, sempre que possível, travá-lo».

Revelam depois, como factos significativos, o «aval dado ao comando no golpe do Buçaco», e da ideia generalizada do regresso do M.F.A. aos quartéis, o que iria culminar com o envolvimento de tropas pára-quedistas no 29 de Setembro, sob o comando do comandante Durão.

O documento prossegue com a denúncia de uma demagógica campanha de dinamização cultural denominada «Operação Verdade», quecoarctava qualquer possibilidade de esclarecimento político às populações e instalando um clima de obscurantismo que «tornária os pára-quedistas presa fácil de manobras demagógicas quer pelo comando quer pela maioria dos senhores oficiais e da criação do Batalhão Operacional n.º 11 «que pelas suas características, apetrechamento material e pessoal, graduados escolhidos, desde a sua nascença, foi repressivo». Foi apoiado pela quase unanimidade dos oficiais e «teve a sua estrondosa acção em 11 de Março contra o Ralis nesse assalto fratricida, obra de vis reaccionários».

Mais adiante afirma-se que, após o golpe, a maioria dos oficiais não teve qualquer sentimento de pesar pela natureza da acção, tratando apenas de fazer a defesa dos oficiais directamente implicados, dizendo que tinham sido enganados, que não estavam esclarecidos, «que tinham ingenuamente caído numa armadilha, mesmo o próprio Durão teria sido ingenuamente levado, gerando assim um movimento de solidariedade para aqueles que tinham sido os traidores do Povo e das tropas pára-quedistas.

Continuando a explicar o desenvolvimento da escalada divisionista, os «páras» referem que a «incapacidade de manipulação das bases pelos oficiais foi evidente, e a destruição da Rádio Renascença foi uma detonação que fez acordar os sargentos de um aparente letargo e os fez ver. que não poderiam, os pára-quedistas, mais vez alguma passar por semelhante vergonha». Veio confirmar a clarificação das posições que já vinham sentido há algum tempo com a nítida opção de classe feita pelos oficiais, opção que se distanciava muito dos sargentos e praças que com relativa facilidade apoiaram os sargentos, pois uma latente vontade de o fazerem há algum tempo neles vivia».

Revela noutra passagem o documento que no dia 7, cerca das 9 horas, foi recebida na secção do M.F.A. a informação da destruição da Rádio Renascença, e a realização do plenário do D.G.A.F.A. cujos pormenores já foram oportunamente por nós divulgados.

É referida a seguir a entrevista do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, ao R.C.P., cujo teor colocava os «páras» como únicas tropas no AMI que fariam tais missões. «Daí resultou a necessidade de em Assembleia Geral ao analisar-se as repercussões e o sentimento dos nossos pára-quedistas, informar a opinião pública de que reafirmávamos as intenções de continuar ao lado do Povo contra mais uma manobra que visava o descrédito do que se se afirmara antes (Comunicado do Plenário de Sargentos da Força Aérea) recentemente divulgado. Com esta actuação das tropas pára-quedistas mais uma vez se confirmava a disposição de se fazerem cumprir ordens atentatórias à dignidade dessa tropa, sujeitando-a à prepotente força hierárquica».

Na segunda-feira dia 9, cerca das 11.30, os sargentos da secção do M.F.A. foram informados pelo comandante da unidade que se realizaria um plenário de esclarecimento presidido pelo C.E.M.F.A., com alguns elementos do C.R. para oficiais, sargentos, praças e civis da unidade.

Com o fim de preparar matéria e analisar a demora do comandante da unidade em dar satisfação ou informações acerca de assuntos que lhe haviam sido remetidos realizou-se às 13 horas do dia 10 uma reunião extraordinária no Clube de Sargentos que visava sintetizar os assuntos a debater com o C.E.M.F.A. no plenário referido. Prossegue o documento: «Dadas as características do mesmo pressupunha-se que, não seria a melhor forma de se debater um assunto que, mesmo dentro do contexto nacional, seria essencialmente militar. Esta disposição surge agravada, quand, no meio da reunião soubémos que junto à porta de armas se aglomeravam massas de um partido político que viriam apoiar os pára-quedistas, pelo acto cometido contra a R.R. Este acontecimento inoportuno, planeado talvez, vem ligar-se à forma inovadora, dentro da unidade, de se convocar civis a um plenário, que de uma necessidade catalizadora, vem a apresentar-se funesto a ponto de ser presente à mesa, presidida pela comissão, de uma proposta para que os sargentos dissessem não àquele plenário. Esta proposta foi decidida com a aprovação de entre 256 elementos presentes, 241 SIM, 15 ABSTENÇÕES e zero votos CONTRA.

O comandante foi informado das decisões tomadas e novamente em reunião elevado número de praças pára-quedistas, entre as quais as representativas das subunidades, pediam para estarem presentes com os sargentos. «Cerca de 10 minutos depois aparecia no local uma praça, mandada pelo comandante, dizendo às praças reunidas, para comparecerem no ginásio a fim de explicarem aos praças instruendos, os motivos da sua não comparência no plenário. Explicadas as suas razões, perguntaram àqueles instruendos os motivos se estavam ali de livre vontade, respondendo os mesmos terem vindo debaixo de formatura, por tal motivo era-lhes imposta a presença no local».

O C.E.M.F.A. deu o plenário por terminado e regressou de helicóptero a Lisboa enquanto as praças pediam uma reunião conjunta. Antes sargentos e praças fazem convite ao comandante e oficiais na pessoa do 2.º comandante. Estes dizem que comunicarão aos presentes mas que demorariam alguns minutos. De imediato vem logo o comandante mas nenhum oficial dos reunidos aparece. Refira-se no entanto que já ali se encontravam só oficiais que desde o princípio acompanharam as posições dos sargentos e praças.

Deste plenário resultou o comunicado conjunto em que se revela a decisão de dizer não ao AMI, reforçar a vigilância dos páras em torno do objectivo comum ou seja a defesa da revolução socialista e a integração das companhias pára-quedistas no COPCON.

Cerca das 23 horas o comandante chama ao seu gabinete a comissão de sargentos e praças para lhes dizer que ficara para «aguentar o barco» e que se sentia muito abatido, não ser comandante, o que nestas condições referiu a comissão, não seria proveitoso tal espírito para a continuidade no comando da unidade. Seguiu-se o envio através do comando de novo comunicado em que se desmentia qualquer tipo de anarquia na unidade e se afirmava a sua «mais vigorosa operacionalidade».

O documento revela ainda que um dos 123 oficiais que haviam abandonado a unidade, na quarta-feira, dia 13, apareceu no BETP, afirmando que depois de haver assistido a uma reunião desses oficiais verificara que havia sido enganado e que na atitude daqueles oficiais havia outros objectivos.

A terminar o longo documento, a que não damos maior amplitude por absoluta falta de espaço, afirmam os para-quedistas: «Não deixarão os militares presentes e ligados a esta unidade, tomando veemente oposição aos pontos do comunicado dos 123 oficiais, referi que, comparando a sua legítima atitude com a desprofissionalizada e desesperante acção de abandono da unidade, sen tem mais do que nunca, servi a causa pára-quedista e devotadamente sentindo servir o Movimento do 25 de Abril e a Revolução Socialista Portuguesa».

Aumente as suas vendas
Distribua...
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

PUB

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
LISBOA

A TODOS OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE PAPEL E CARTONAGEM

Avisam-se todos os trabalhadores deste sector que se encontra à disposição, nos serviços de recepção deste Sindicato um documento informativo da actual fase de negociação do Contrato Colectivo de Trabalho.

Lisboa, 13 de Novembro de 1975.

A Direcção
Lucília Pereira

Nacional

NOTA OFICIOSA

M.C.S. responde à comissão de trabalhadores da Anop

Do Ministério da Comunicação Social recebemos a seguinte nota oficiosa, que publicamos ao abrigo do art.º 15.º da Lei da Imprensa:

1 — Alguns órgãos da Informação deram desmesutado eco ao facto de o Conselho de Ministros ter resolvido demitir os membros do Conselho de Administração da ANOP, que, como se sabe, é uma empresa pública que desempenha as funções de agência noticiosa.

No preâmbulo do Decreto-Lei n.º 330/75, de 1 de Julho, que a criou, e aprovou os respectivos estatutos, diz-se que é constituída «por forma a doptar o Governo de um instrumento indispensável à sua acção e ao processo revolucionário que a justifica e determina».

Por outro lado, o artigo 6 dos estatutos da ANOP estabelece que esta «não deve em caso algum comprometer o rigor e a objectividade da Informação, como também não deve em caso algum deixar de ser um instrumento ao serviço do interesse colectivo e da democracia». Estabelece ainda que deve «garantir regularmente uma informação rigorosa, objectiva e digna de confiança» e assegurar «um serviço prestigiado à escala nacional e internacional».

Foi o que a ANOP não fez, no entender do Conselho de Ministros. A informação da ANOP foi julgada monolítica, politicamente subjectivada e tendenciosa, desalinhada com o interesse colectivo, careceia de aceitação e de prestígio. Os Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação fizeram-se, inclusivamente, eco de dificuldades no âmbito das relações exteriores, criadas por notícias dinamandas pela ANOP. É este, de certo, um ponto que não vale a pena detalhar. A opinião pública conhece o teor da informação que a ANOP pratica e pode, a esse respeito, ser juiz. De qualquer modo, o pouco prestígio, medido pela reduzida aceitação do noticiário da ANOP, encontra um supremo argumento no facto de a ANOP fazer despesas de cerca de 2 mil contos por mês e produzir apenas cerca de 200 contos de receita.

Reconhece-se que uma agência noticiosa não deve ser julgada em singelos termos de economia de mercado. Isso não invalida, porém, o facto de ser inaceitável, e caracterizar uma administração que dá má conta do recado, uma tão abissal desproporção entre as receitas e as despesas.

2 — Foram estas as razões que levaram o Governo a demitir os actuais administradores, um dos quais, por inerência estatuária, desempenhava o cargo de director-geral. Dessa resolução — com a qual aliás, esteve de acordo — foi o ministro da Comunicação Social mero executor.

De qualquer modo, não precisaria o Governo de invocar outro fundamento que não fosse o seu direito de demitir os administradores de empresas públicas, por ele nomeados, que não merecessem ou tivesse servido a sua confiança. É não só um direito mas um dever de quem tem o encargo, nada fácil, de administrar os dinheiros públicos. Objecta-se agora:

a) Que a demissão representa um saneamento à esquerda, coisa em que o ministro da Comunicação Social seria «especialista».

b) Que a culpa é do Ministério da Comunicação Social, que não nomeou, apesar de repetidas vezes solicitado, o conselho superior previsto no artigo 7 dos estatutos, encarregado de vigiar pelo cumprimento das regras que disciplinam a qualidade da informação a difundir.

c) Que a culpa é também do Ministério das Finanças que não nomeou o Conselho Fiscal, apesar de para tanto solicitado.

d) Que o ministro da Comunicação Social esteve na tarde de ontem com os administradores demitidos e não lhe comunicou a demissão.

e) Que os trabalhadores da ANOP rejeitam o despacho do ministro da Comunicação Social e exigem que os administradores demitidos se mantenham em funções e repudiam a demissão sem prévia consulta aos trabalhadores.

Esclare-se, ponto por ponto:

a) Não se trata de saneamento à esquerda ou à direita, mas de saneamento de administradores que não mostraram estar à altura do lugar que exercem. Ser de esquerda — se é esse o caso — não pode constituir nem constitui um «bill' de indemnidade» ou uma «garantia administrativa» contra a incompetência. De qualquer modo, o Governo considerou que, sem prejuízo das boas intenções subjacentes, a informação que a ANOP pratica serve menos a revolução do que a contra-revolução.

O actual ministro da Comunicação Social não é nem pode ser considerado «especialista» em saneamentos à esquerda pela simples razão de que nunca saneou ninguém. Nem à esquerda, nem à direita. Agora mesmo, limitou-se a dar execução a m despacho do Conselho de Ministros, que colegialmente votou.

b) Não tem o actual ministro da Comunicação Social conhecimento de tantos e tão reiterados pedidos de nomeação do Conselho Superior, nem encontra rasto deles no «dossier» da ANOP.

De qualquer modo, e segundo os estatutos da ANOP, não é a ele que compete designar um só dos oito membros daquele Conselho Superior. Pode, quanto muito, accionar os meios necessários a essa designação pelas entidades que se destinam a representar, e foi isso mesmo o que determinou no despacho de exoneração. O mesmo poderia ter feito, se nisso estivesse interessada, a própria ANOP.

Não deixa de assinalar-se a aparente contradição implícita no facto de, por um lado, se negar defeito à informação da ANOP e por outro se responsabilizar por esse defeito o MCS, ao deixar de nomear (sic) os membros do Conselho Superior. Por outro lado, nunca a falta de vigilância que compete ao Conselho Superior poderia absolver a ANOP dos erros da informação que pratica. A falta do Conselho Superior não risca dos estatutos o enunciado dos deveres constantes do artigo 6.

c) O mesmo quanto à falta de Conselho Fiscal cuja competência não incluiu qualquer espécie de ingerência no teor da informação praticada.

d) O ministro da Comunicação Social não informou da demissão, na tarde de ontem, os administradores demitidos, pela simples razão, de que, quando com eles esteve, se encontravam acompanhados de um representante da United Press, credora da ANOP por cerca de 25000 contos, que justamente reclamava o pagamento do seu crédito. Não foi, pois, por deslealdade. Foi por delicadeza.

e) Os trabalhadores da ANOP — os que votaram a moção, entenda-se — devem ter tido consciência de que não rejeitaram apenas um despacho do ministro da Comunicação Social, mas uma deliberação do Governo.

Não lhes deve, igualmente, ter escapado que nem a Lei, nem os estatutos da ANOP, condicionam o exercício do direito de demissão de administradores de empresas públicas, à prévia consulta dos respectivos trabalhadores.

Devem ainda er-se dado conta de que ao «exigirem» que os administradores demitidos se mantenham em funções, se colocaram em frontal rebelião contra a autoridade do Governo.

De tudo isso, é evidente, e respectivas consequências, assumiram a correspondente responsabilidade.

RENASCENÇA: A LUTA CONTINUA

«Rádio Renascença» voltará a estar «no ar» em breve.

A campanha que acaba de ser desencadeada, com vista à aquisição de novos emissores, faz supor que esta Emissora, ao serviço da classe trabalhadora e de todos os explorados e oprimidos, se fará ouvir muito brevemente.

Para já, sabe-se da chegada de donativos, de diferentes origens, estando em curso a campanha de «um dia de salário».

Paralelamente, artistas populares e intelectuais revolucionários continuam a oferecer a sua colaboração em espectáculos que visem a angariação de fundos destinados ao ressurgimento da R.R.

SANEAMENTO NO R C P

Entretanto, assiste-se ao saneamento de dois noticiaristas progressistas, Costa Monteiro e Rui Lima Jorge, do Rádio Clube Português (Norte). O saneamento à esquerda verificou-se no último sábado, na sequência de uma «manif» promovida pelo P.S. e P.P.D.

O saneamento não é, porém, aceite pela comissão administrativa e conselho de redacção do R.C.P., notando-se ainda que os elementos designados para substituir os dois noticiaristas, recusaram os lugares. Trata-se de Humberto Branco e Rui de Melo.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

De harmonia com o Artigo 34.º dos Estatutos, convoco todos os sócios do Sindicato para a Assembleia Geral Ordinária estabelecida nos Artigos 31.º alínea c) e 32.º dos Estatutos, a realizar no próximo dia 28 de Novembro, pelas 20.30 horas, nas instalações da Feira Internacional de Lisboa «FIL» (Pavilhão 5), **com entrada pela Rua D. Mécia Mouzinho de Albuquerque** (traseiras da FIL) com a seguinte Ordem de Trabalhos :

Ponto Único : Apreciação e deliberação sobre o Orçamento Geral para o ano de 1976.

NOTA : É necessária a apresentação do cartão de sócio do Sindicato.

Lisboa, 12 de Novembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia
Raul José Marques Nunes Manquinho

A D.O.R.N. DO P.C.P. PROCESSA "A LUTA"

«Não houve qualquer assalto nem sequer tentativa de assalto à sede do P. C. P. em Vila Pouca de Aguiar» — diz uma nota da Direcção da Organização Regional do Norte do Partido Comunista Português, na sequência duma notícia publicada no jornal «A Luta», e em primeira página, no passado dia 14, segundo a qual não só tinha sido assaltada a sede em questão mas igualmente tinham sido encontradas, aí, três G-3. «Não existiam quaisquer G-3 nas instalações do P. C. P.» — acrescenta a DORN.

Mais a DORN adianta que não houve quaisquer incidentes políticos nesta vila transmontana, onde a vida decorre com normalidade. O próprio comandante do posto da GNR local dirigiu-se a um dos responsáveis do nosso Partido, na vila, procurando saber se tinha havido alguma coisa de anormal, pois tinha recebido telefonemas dos jornais a pedir informações sobre «o assalto à sede do P. C. P.».

Considerações da DORN: «A LUTA», jornal oficioso do Partido Socialista, dirigido pelo dr. Raul Rego, desde o primeiro número procurou especializar-se num tipo de jornalismo com que a direita visa intoxicar e mistificar politicamente o povo português. A falsificação grosseira de factos ou a sua invenção sem vergonha, a «técnica das insinuações, o divisionismo contra-revolucionário, a manipulação completa da informação ao serviço da direita, tal é a «liberdade de informação» que os srs. Mário Soares e Sá Carneiro tanto elogiam e de que «A Luta» é uma das expressões mais refinadas.»

. A concluir: «Havia que «demonstrar» que o Partido Comunista tem G-3 nas suas sedes para abrir as portas às provocações fascistas, aos assaltos, às bombas. Pois, «A Luta» não teve dificuldade.Inventou que a sede de Vila Pouca de Aguiar foi assaltada. Inventou que «populares» passaram uma busca. E inventou que estavam lá três G-3...Depois «noticiou» o facto na primeira página.»

. A DORN do P. C. P. vai exigir que «A Luta» desminta a «notícia» em questão e anuncia que vai proceder judicialmente contra o director daquele vespertino, o conhecido jornalista e dirigente do P. S. Raul Rego.

ADÓQUE
grupo de teatro
(Ao Martim Moniz)
— Telef. 87 42 80 —
É SÓ BRONCAS!
em
A CIA DOS CARDEAIS
HOJE, às 20,30 e 22,30 h.
GRANDE ÊXITO DO NOVO NÚMERO «O MANO-A-MANO DA T. V.»
(Não acons. men. 18 anos)

UM CONCEITO DE BOM SENSO

Viaturas assistidas
pela rede de oficinas VW
em todo o país,
com diagnóstico VW,
e por técnicos especializados

Um Volkswagen é sempre um bom investimento

SURDOS CASA SONOTONE

Atenção: Como sabem, já principiaram as aulas e nestas circunstâncias tanto alunos como professores têm necessidade de ouvir bem. Não ouvindo devem fazer um exame e uma demonstração, que é gratuita. Temos as últimas novidades em próteses auditivas. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à Laringe. Assistência permanente a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa ou marcas. Pilhas de todas as voltagens. Pedimos uma visita com a qual ficamos muito agradecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, s/l — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02315602

Trabalho

O HOMEM DA I.T.T.

Um homem da I.T.T. é questionado num comunicado da Intercomissão de Trabalhadores do grupo de empresas daquela multinacional, divulgado através do Sindicato dos Electricistas do Sul. O problema resulta da deliberação do Conselho da Revolução, no que se refere a «medida disciplinar» aplicada ao dr. António Alves de Carvalho Fernandes, que foi transferido, sem alteração de categoria e vencimento para o Ministério da Indústria e Tecnologia, onde poderá conciliar a sua actividade de engenheiro electrónico com a de administrador da empresa I. T. T.

«Não se consegue entender a Intercomissão», afirma-se no documento, «como é possível tal deliberação de um Conselho de Revolução, sabendo-se que o dr. Carvalho Fernandes foi membro do Governo fascista de Salazar, como subsecretário de Estado da Indústria; o dr. Carvalho Fernandes era o comandante em chefe da I. T. T. T. em Portugal; o dr. Carvalho Fernandes sancionou e executou todas as tarefas que a I. T. T. ordenou para Portugal antes e depois do 25 de Abril; a I. T. T. tem vindo a sabotar o processo revolucionário português através das suas empresas, como está inequivocamente comprovado pelos diversos relatórios e documentos entregues ao Poder político-militar; é o Ministério da Indústria e Tecnologia um dos principais centros de decisão para a resolução do problema da I. T. T. em Portugal.»

E a terminar, escreve-se no comunicado:

«Lembra a intercomissão que, oficialmente o dr. Carvalho Fernandes exerce actualmente as funções de adjunto do director da I. T. T./Europa, em Bruxelas, de onde se pode concluir (dado serem conciliáveis as funções apontadas pelo Conselho da Revolução) que parte dos assuntos do Estado Português poderão ser resolvidos algures num gabinete da I. T. T. na Bélgica ou em Nova Iorque.»

O CHOQUE

O «choque» existente entre os Estatutos dos Sindicatos dos Estivadores e Conferentes Marítimos e o do Sindicato dos Carregadores de Terra e Mar, em Leixões, criou um litígio entre os trabalhadores dos dois sectores que aguardam a decisão da Comissão de Estudo nomeada pelo Ministério do Trabalho. Espera-se que o prazo de 30 dias seja suficiente para a solução do conflito, na base do qual está o facto de existirem presentemente no Sindicato dos Carregadores o quadro de medidores, cinco dos quais exercem esta profissão estando contudo, filiados no Sindicato dos Carregadores.

OS PREÇOS (DIRECÇÃO-GERAL)

Um comunicado dos trabalhadores da Direcção-Geral de Preços, sobre a luta que vêm travando com o Ministério do Comércio Interno:

. «Sobre a nota oficiosa do ministro do Comércio Interno pretendendo esclarecer uma notícia publicada na edição de 7 de Novembro no «Diário de Notícias», intitulada 'despacho de Magalhães Mota ameaça direito ao trabalho de 32 funcionários da Direcção-Geral de Preços; os trabalhadores desta Direcção-Geral vêm publicamente denunciar a forma tendenciosa como o ministro do Comércio Interno pretende a 'reposição da verdade e esclarecimento da população', com a transcrição incompleta de um despacho que só por si e desenquadrado do contexto em que se insere em nada esclarece, contribuindo para a desinformação do público e, propositadamente, denegrindo a luta dos trabalhadores da Direcção-Geral de Preços.»

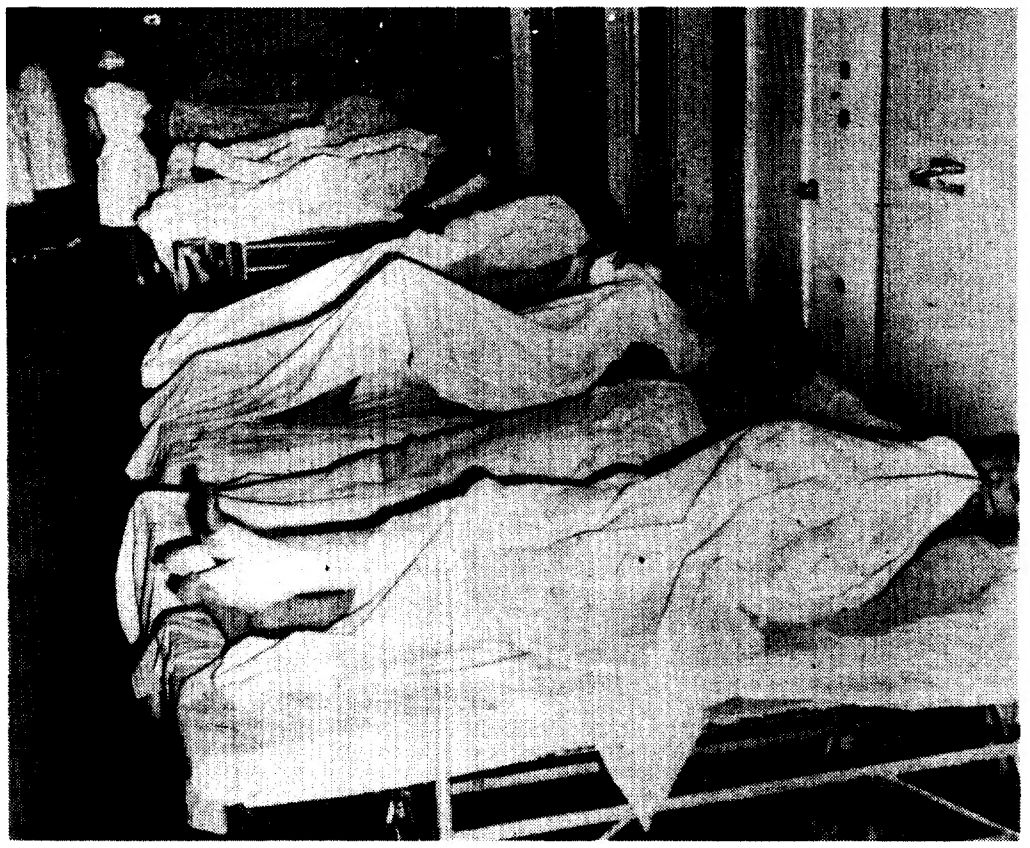
TRABALHADORES DO MAR

Para pôr fim ao impasse que tem atrasado a publicação do C.C.T. dos trabalhadores do mar, e que deveria ter saído há oito meses e, ainda, por entender que o C.T.T. nos moldes em que se encontra não defende os interesses dos trabalhadores, a A.G.T. do «Infante D. Henrique» encarregou a respectiva Comissão de Trabalhadores de realizar na sexta-feira, às 15 horas, em Lisboa um plenário.

Por estas razões foi aprovado naquele navio um caderno reivindicativo que expressa as aspirações imediatas dos trabalhadores, nomeadamente no que respeita a horário, reforma, férias, tabela salarial e retroactividade.

"O PENSAMENTO DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE"

— SEGUNDO O SINDICATO DOS MÉDICOS DA ZONA SUL



. «O dr. Carlos Macedo, secretário de Estado da Saúde dos IV e V Governos Provisórios e destacado membro do PPD, praticou dois actos relevantes — parece-nos que os únicos — desde que entrou para o VI Governo. Um deles que o Sindicato dos Médicos da Zona Sul já denunciou publicamente, foi o «saneamento à esquerda» do director-geral dos Hospitais e do Inspector Superiro de Acção Hospitalar. O outro acto foi uma entrevista ao jornal «Expresso» de 25 de Outubro de 1975» — afirma num extenso documento o Sindicato dos Médicos da Zona Sul «atento como sempre tem estado e sente ser a sua obrigação, não só aos direitos dos médicos, mas também ao inalienável direito à Saúde do povo português, acha-se cada vez mais preocupado àcerca da entrega dos destinos da Saúde deste país a um tal secretário de Estado».

Não vamos apreciar a primeira parte daquela entrevista, em que o dr. Macedo faz tábua-rasa de todo o trabalho efectuado na vigência dos Governos Provisórios anterirores ao IV e dos projectos de diplomas legais que o IV Governo deles «importou», depois de elaborados com a colaboração de trabalhadores da Saúde, nomeadamente representantes do Secretariado Nacional dos Hospitais. Nem vamos abordar as calúnias que levanta ao V Governo.

«Este Sindicato também não vai tentar apurar o que terá sido a «acitividade de incubação» da Secretaria de Estado da Saúde do IV Governo, nem o que serão as suas «ideias que ainda não estão em funcionamento» (palavras do dr. Macedo).

«O que preocupa mais gravemente este Sindicato é a segunda parte da entrevista, na qual, além de se não apresentarem as linhas mestras de um pensamento ou de uma orientação para o Serviço Nacional de Saúde de que o País carece, se tece todo um imbróglio, em que o leitor dificilmente procura orientação. Vejamos algumas afirmações contidas nessa entrevista.

1.º «A propósito de novos quadros de trabalhadores dos hospitais este secretário de Estado da Saúde defende: «... a reformulação dos quadros... iara que o excedente central, nomeadamente em Lisboa, Porto e Coimbra, passasse para os Hospitais Distritais...».

«Quer dizer, no pensamento do dr. Macedo, os Hospitais Distritais deverão continuar a receber as sobras, os «excedentes», de trabalhadores dos Hospitais Centrais! Isto é, ao contrário do que afirma noutro passo sobre a descentralização, precisamente as populações e as unidades de cuidados de saúde que se encontram fora daquelas três cidades, continuarão de facto, na sua ideia, a ser os parentes pobres, a receber as migalhas dos Hospitais Centrais. Compreendemos agora melhor os objectivos do dr. Macedo ao impedir a promulgação, na Primavera de 1975, de um decreto-lei elaborado na vigência do III Governo, que teria permitido a imediata integração dos médicos que trabalham nos Hospitais Distritais e a abertura a nível nacional dos concursos para médicos especialistas desses mesmos hospitais, o que evidentemente deveria ter prioridade absoluta. Compreendemos agora porque se continua a comprometer, além da Saúde das populações mais carecidas de médicos, a realização dos internatos de policlínica e de especialidade os Hospitais Distritais, bem como a actividade dos médicos policlínicos na periferia, não só no Continente, como nas Ilhas Adjacentes.

2.º «Afirma o dr. Macedo: «Se se desse gratuitamente a todo o cidadão a possibilidade de acesso a qualquer tipo de cuidados de Saúde, não haveria dinheiro para suportar isto. Mesmo em Estados extremamente ricos como é a América».

É evidente que, dada a sua formação política e humana, o dr. Macedo é incapaz de prespectivar um Serviço Nacional de Saúde gratuito para o povo português.

De facto, estas gratuitidades só se tentam alcançar em regimes políticos de que, julgamos, o dr. Macedo não comunga. Quando fala em América, certamente se refere aos EUA do Norte, país muito rico, em que também ninguém prevê que seja instituído um Serviço de Saúde em tais bases.

«Porque será que um outro país, também da América — Cuba — muito menos rico em recursos materiais, tem um Serviço Nacional de Saúde edificado na base da igualdade e da gratuitidade para a sua população?

. 3.º «Eu olho para a Suécia e tenho como «finalidade» o suicídio».

Baseando-se numa mais elevada taxa de suicídios em alguns países escandinavos, o dr. Macedo não hesita em transformar tal facto numa afirmação de monstruosa gravidade. O que dirão a isto o povo sueco e os regimes sociais-democratas, de que a Súecia é apontada como exemplo? Mas, afinal, que estranho ideário político será o deste Secretário de Estado da Saúde?

. 4.º «automáticamente, à doença segue-se a morte.»

. Julgamos que o dr. Macedo não perfilha, ele, este conceito. Num complexo arrazoado parece-nos que atribui este pensamento aos doentes que sentem faltar-lhes os cuidados médicos a tempo. Mesmo assim, quantos serão os doentes que pensam que aquela passagem é automática, sem que ao menos sintam previamente a esperança no tratamento e na cura? Ou será que já lhe falta a ele, secretário de Estado da Saúde, sequer essa esperança pela maneira como encaminha os assuntos da Saúde em Portugal?

. 5.º «Quando se fala em socialização da medicina... criam-se centros de saúde comunitária, mas não se criam ao mesmo tempo estruturas novas que ponham a medicina ao alcance de toda a gente.»

. Mas o que é isto? Que secretário de Estado é este que não sabe que os centros comunitários de saúde são exactamente estruturas fundamentais para colocar a medicina ao alcance das populações? Da comunidade, como o seu nome indica?

6.º «Estou com o Illich, quando diz que é prferível deixar morrer as pessoas tranquilamente de mão dada com o seu amigo, do que cheios de tubos tipo PBX num hospital.»

. Mas que significa esta afirmação? Que o dr. Carlos Macedo considera inúteis os tubos das transfusões sanguíneas, dos cateterismos, das circulações extracorporais, dos rins artificiais e os fios dos electrocardiógrafos, dos electroencefalógrafos, etc., etc. e/ou que desconhece a evolução do conceito de morte durante as duas últimas décadas? É um médico que escreve isto em 1975?

. 7.º «... há milhares de problemas que dizem respeito ao sector da Saúde que poderão ser resolvidos por indivíduos que não são obrigatoriamente médicos, enfermeiros ou técnicos da saúde. Há uma coisa que me parece importante: criar um Estatuto desses curiosos.»

. Esta afirmação encontra-se no meio da referência a homeopatas, endireitas, ervanários e bruxos perguntamos nós: que Estatuto virá a ser este? De que curiosos se trata?

. 8.º «Para um Serviço Nacional de Saúde sobreviver, é fundamental institucionalizar-se, erguer barreiras que não permitam a entrada de curiosos, senão morre.»

. Não comentamos.

9.º «Uma coisa é uma pessoa dizer explique-se lá o que é que tenho e eu explico, outra coisa é aquilo que eu, como técnico, considero correcto, seja constantemente alvo de contestação por parte de todas as pessoas. Acabamos por cair numa esquizofrenia!»

. Mas com que facilidade se fica esquizofrénico! Em que mau manual de medicina caseira terá o neurologista dr. Macedo adquirido o seu conceito etiopatogénico de esquizofrenia? E nunca terá passado pela cabeça do dr. Macedo que a contestação «por parte de *todas* as pessoas» às posições que ele toma «como técnico» poderá ser até tecnicamente correcta? E como ele se assusta com a contestação!

. 10.º O Sindicato dos Médicos da Zona Sul entende que os psiquiatras se deveriam também debruçar, de vários ângulos, sobre esta entrevista. Pois que, embora o secretário de Estado se confesse «muito atrapalhado a falar disto» (Psiquiatria), discreteia sobre «isto» por várias colunas do jornal. Nós, até, nem encontramos razão para que o dr. Macedo se atrapalhe, porquanto que, afirma ele, «Um psiquiatra consciente não fala também nuito à vontade neste particular» (Neurose, psicoses, assistência psiquiátrica).

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul desiste aqui de continuar a citar incongruências, confusões, dislates, provas de ignorância, aconselhando os trabalhadores da Saúde, possuidores de suficiente paciência, a ler a entrevista do «Expresso», documento que ficará na «história» da Medicina Portuguesa. E interrogamo-nos: que Serviço Nacional de Saúde vai ter o povo português com este secretário de Estado? Este Sindicato considera que a Saúde do nosso povo não é uma bagatela que possa estar à mercê de um Secretário de Estado que desce ao nível revelado por esta entrevista.

E chama a atenção do Senhor Primeiro-Ministro para a responsabilidade que assume, mantendo à frente do Departamento Governamental da Saúde um «dirigente», cujo pensamento possui os atributos evidenciais ao longo de tão lamentável documento.

Trabalho

Construção civil: negociações recomeçam hoje

. Enquanto em Lisboa, recomeçam hoje às 15 horas, no Ministério do Trabalho, as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical, nos termos assentes, com o Primeiro-Ministro, durante a última manifestação no Porto, «cinco mil e duzentos industriais do Norte estão dispostos a lutar por todos os meios ao seu alcance e a paralisar toda a sua actividade caso vá para a frente o contrato vertical».

Com as negociações que hoje começarão a efectuar-se no Ministério do Trabalho, cumpre-se o compromisso tomado pelo Primeiro-Ministro, para com os trabalhadores da construção civil, embora continuem a ser aguardadas com natural expectativa as medidas, no seu teor e dimensão, que visam a revitalização do sector.

Ainda não se sabe quem participa, da parte daquele departamento governamental, nestas negociações, mas da parte dos trabalhadores continua presente a Comissão Negociadora.

Entretanto, em algumas obras de Lisboa, segundo era, esta manhã, já do conhecimento do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, os patrões assumiram uma posição de força em relação a trabalhadores que cumpriram a greve. «Fizeram greve. Agora vão ao sindicato para lhes dar trabalho».

O sindicato não dá trabalho, mas encetou de imediato as suas diligências no sentido de resolver estes conflitos que, dada a morosidade do procedimento legal, podem originar conflitos nos próprios locais de trabalho. De qualquer modo, a direcção do sindicato respectivo já tomou posição sobre este procedimento por parte do patronato, considerando-o uma grave intromissão na vida dos sindicatos que, de acordo com o articulado na Lei Sindical, é passível de prisão e multa.

AINDA O PORTO

A posição que referimos, por parte de cinco mil e duzentos industriais do Norte, dispostos «a lutar por todos os meios ao seu alcance e a paralisar a sua actividade», está contida num comunicado da Associação dos Industriais da Construção Civil do Norte, ontem publicado no Porto e de que foi dado conhecimento ao Presidente da República, em telegrama enviado no sábado.

Os mesmos construtores, dominando a referida associação do evidente propósito de sabotar as justas lutas dos trabalhadores, consideram a homologação do contrato «uma verdadeira obra de traição nacional, não servindo o País nem a classe trabalhadora, mas minorias sectárias e partidárias».

Entretanto, informa o Ministério do Trabalho que, «a fim de se concretizar o compromisso tomado pelo Primeiro-Ministro e por diligências efectuadas pela Secretaria de Estado do Trabalho», se efectua hoje, a partir das 15 horas, uma reunião naquele departamento com a presença de todos os interessados para «prosseguimento das negociações do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical da Indústria da Construção Civil».

PANIFICAÇÃO EM LUTA

Manifestação no dia 20 para aprovação dos horários

. Em plenário ontem realizado na Voz do Operário, os trabalhadores da panificação decidiram fazer uma manifestação no dia 20, com concentração às 15 horas, no Parque Eduardo VII, seguindo para o Ministério do Trabalho, onde aguardarão a publicação da Portaria que lhes regulamente os horários de trabalho e os salários. Isto pressupõe, que até ao dia 19, prazo inicialmente previsto, não são aprovados os horários que na prática têm sido seguidos por grande parte dos trabalhadores do sector.

A manifestação agora convocada, contará com a presença dos trabalhadores do Porto, Leiria, Setúbal e Coimbra e seguirá do local de concentração para o Ministério do Trabalho, mas para a hipótese de este se encontrar encerrado, o percurso será modificado rumo a S.Bento, onde se aguardará a publicação do diploma.

A questão laboral que neste momento se põe aos trabalhadores da panificação tem vindo a agudizar-se com a não aprovação por parte do Governo dos horários que os interessados tinham estabelecido, com plenas garantias de que não transtornaria o abastecimento de pão, embora implicando uma alteração nos hábitos de consumo. Entretanto, uma segunda proposta foi rejeitada em Conselho de Ministros, o que conduz a esta tomada de posição do sector.

Paralelamente, levanta-se o problema salarial: não é que os padeiros queiram ser aumentados, mas pretendem que os seus salários globais não sejam alterados (diminuidos), com a passagem a horário diurno, já que antes, tinham um ordenado base muito baixo, com um subsídio de 25 por cento que o fazia subir a um mínimo aceitável.

Segundo informações que colhemos junto do Sindicato dos Trabalhadores da Panificação, continua a verificar-se sabotagem por parte de numerosos patrões e seus lacaios, no sentido de não permitirem o normal abastecimento dos postos de venda ao público. Por outro lado, numa altura de crise de desemprego no ramo, numerosos estabelecimentos encontram-se fechados, contribuindo não só para o agravamento da distribuição, como no plend emprego de todos os trabalhadores.

PUB

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
(Sector da Construção Civil)

CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção, fundamentado na actuação de um grupo de Delegados Sindicais, na reunião do Conselho de Delegados que decorreu na noite de 14 e madrugada de 15 de Novembro e igualmente por a mesa da Assembleia Geral considerar oportuno, convoco nos termos dos art.os 26.º, 27.º e 28.º dos Estatutos, os sócios deste sector para uma ASSEMBLEIA GERAL EXTAORDINÁRIA DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL a realizar em :

LISBOA — Dia 21 Novembro — Instituto Superior Técnico (Anfiteatro de Electricidade) às 20.30 horas.

PORTO — Dia 22 de Novembro — Circulo Católico Operário do Porto — Rua Duque do Loulé 202, 1.º — às 14.30 horas.

com a seguinte ordem de trabalhos :

PONTO ÚNICO — Análise da Greve da C. Civil e a posição da Direcção.

NOTA — De acordo com os Estatutos do SNTD, Art.º 29.º-1, se à hora marcada na convocatória não estiverem a maioriá dos sócios, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número de sócios presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Emídio Santana

PUB

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

CONVOCATÓRIA

SECTOR QUÍMICO JÁ VERTICALIZADO

. Considerando as constantes solicitações que a Direcção tem recebido de TÉCNICOS DE DESENHO do sector petrolífero, que constitui cerca de 60% dos T.D. do Sector Químico já verticalizado;

Considerando que estes T.D. pôem ressalvas às condições em que o Sector foi Verticalizado, CONVOCAMOS TODOS OS TÉCNICOS DE DESENHO deste Sector de actividade para uma REUNIÃO a realizar no INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO (anfiteatro de Electricidade) no próximo dia 20, Quinta-feira, pelas 21 horas.

Para esta Reunião foram convocados o Presidente e outros elementos da Direcção anterior ligados ao processo de Verticalização do Sector a fim de prestarem esclarecimentos julgados necessários.

Lisboa, 15 de Novembro de 1975

P' DIRECÇÃO
Carlos Massapina

PUB

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

DELEGADOS

De acordo com os termos do requerimento aprovado na última sessão do Conselho de Delegados da Zona Sul, realizada em 14/11/75, na qual foram interrompidos os trabalhos considerando o adiantado da hora, convocam-se todos os camaradas delegados sindicais da Zona Sul, para continuação desta sessão, a realizar no Instituto Superior Técnico — Anfiteatro de Minas — no dia 18/11/75, às 21 horas, com a mesma ordem de trabalhos, a saber :

1 — Questões mais momentosas que se põem aos trabalhadores, e correspondente acção dos delegados sindicais.

2 — Apresentação e discussão de pontos omissos nos estatutos, sobre delegados sindicais e Conselho de Delegados de Zona e seu secretariado.

NOTA : Os trabalhos foram interrompidos no ponto 1, estando para discussão uma proposta já aprovada na generalidade, sobre a actuação da direcção, perante a luta dos trabalhadores do sector da construção civil pela aprovação do seu Contrato Colectivo Vertical.

Lisboa, 15 de Novembro de 1975.

O SECRETARIADO DO CONSELHO DE DELEGADOS DA ZONA SUL

PUB

ANÚNCIO

SECRETARIADO TÉCNICO DE SEGUROS

L. Rafael Bordalo Pinheiro, 16 — LISBOA - 2

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA SEGURADORA

AVISO

1 — Avisamos os mediadores de seguros (correctores, agentes, angariadores, etc.), que está aberta a sua inscrição na Inspecção de Seguros, até 30 de Novembro de 1975. Para esse efeito devem os interessados solicitar directamente o respectivo boletim a **qualquer** companhia de seguros (Sedes, Filiais, Delegações e Escritórios).

2 — O boletim, depois de preenchido e assinado, deve ser remetido, **pelo correio,** para um dos seguintes locais :

PORTO — (Para os mediadores residentes nos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Aveiro, Viseu, Guarda e Coimbra).

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO NORTE

LISBOA — (Para os restantes distritos do Continente)
INSPECÇÃO DE SEGUROS
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
Rua da Alfândega — LISBOA-2

MADEIRA — DELEGAÇÃO DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA SEGURADORA
Rua Estanco Velho, 5 — FUNCHAL

AÇORES — DELEGAÇÃO DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA SEGURADORA
Rua Açoreano Oriental, 16-1.º — PONTA DELGADA

juntamente com a documentação necessária, constante do verso do mesmo. Da inscrição será passado recibo pela Inspecção de Seguros.

3 — A obrigatoriedade da inscrição abrange todos os actuais mediadores, pessoas singulares ou colectivas, que sejam detentores de carteiras de seguros ou que recebam comissões dos mesmos (Despacho do Ministério das Finanças, Secretaria de Estado do Tesouro, Gabinete do Subsecretário de Estado do Tesouro de 27 de Agosto de 1975 — «Diário do Governo» de 12/9/75).

4 — A não inscrição no referido período implica a cessação da actividade de mediador e a consequente perda de comissões.

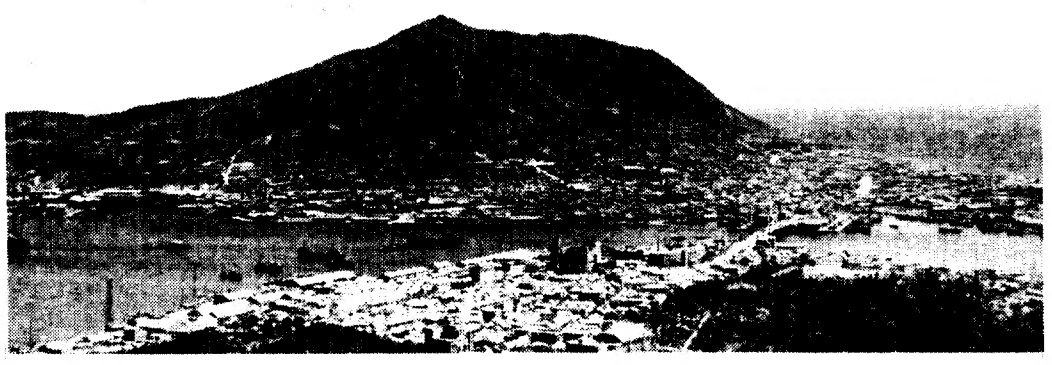
5 — Em caso de dúvidas deverão contactar a Comissão de Coordenação e Reestruturação da Indústria Seguradora, Rua 1.º de Dezembro, 101-1.º — LISBOA-2, ou qualquer dos locais indicados no ponto n.º 2.

6 — Os mediadores deverão fazer prova da sua inscrição junto das seguradoras, durante o mês de Dezembro de 1975, indicando o seu número de inscrição.

Geral

ENTREVISTA DE WILFRED BURCHETT

Kim Il Sung e a Coreia: "a reunificação é difícil mas é certa"



Vista do porto de Pusan cujo valor estratégico é inestimável. Foi um dos pontos-chave da guerra da Coreia na década de 50.

Os E.U.A. foram expulsos — total e irrevogavelmente da Indochina, e a presença militar norte-americana na vizinha Tailândia findará, segundo está programado, no próximo mês de Março. (O facto de quatro das sete bases aéreas dos E.U.A. na Tailândia terem já encerrado e o facto de a força militar ter sido reduzida quase a metade desde Março deste ano indicam que o prazo será cumprido). A única presença ilitar contínua dos E. U. A. no continente asiático é na Coreia do Sul. A 29 de Outubro a comissão política da Assembleia Geral da O. N. U. aprovou por 51 votos contra 38 e 50 abstenções, uma proposta solicitando a retirada de todas as tropas estrangeiras da Coreia do Sul, a dissolução do comando das Nações Unidas, que cobre a presença de 42 mil homens norte-americanos e negociações directas entre os E.U.A. e a Coreia do Norte no sentido de se transformar o acordo de 1953 num tratado permanente de paz. Os norte-oceanos consideram esta cotação uma vitória muito importante.

A Comissão Política aprovou também uma resolução patrocinada pelos E.U.A. (59 votos contra 51 e 29 abstenções) solicitando novas negociações para garantir o cumprimento do acordo de cessar-fogo original, após o que o comando da O.N.U. seria dissolvido. (As tropas norte-americanas ficariam na Coreia do Sul em virtude de um tratado bilateral Coreia do Sul-E.U.A.).

Seja qual for a decisão final da Assembleia Geral da O.N.U. sobre estas duas resoluções — ou talvez uma terceira proposta de compromisso — o debate da O.N.U. constitui o mais sério desafio feito à presença permanente das tropas de Washington na Coreia do Sul. a questão foi lançada para a arena internacional e as suas repercussões serão consideráveis. É de esperar que os E.U.A. lutem com unhas e dentes para manterem este último reduto no continente asiático e para conseguirem a manutenção do regime que lhes permita essa presença.

Numa recente conversa que tive com o presidente Kim Il Sung, da República Popular Democrática da Coreia perguntei quais os efeitos da derrota dos E.U.A. na Indochina sobre a situação coreana e quais as perspectivas realistas de reunificação. O presidente, que tem a particularidade asiática de parecer muito mais novo do que é (tem 63 anos) respondeu-me, da seguinte maneira:

A AMEAÇA

Depois da sua ignominiosa derrota na Indochina, os E.U.A. estão a planear as coisas de modo a manterem a Coreia do *Sul nas suas garras como um bastião militar na Ásia e com o fim de intensificarem as suas intenções agressivas contra a própria Coreia. Ao declararem a Coreia do Sul como «uma área de defesa avançada» dos E.U.A., os dirigentes do imperialismo norte-americano estão afirmando claramente que con-'inuarão a manter as suas forças militares na Coreia do Sul. Recentemente o secretário norte-americano de Defesa visitou a Coreia do Sul e afiançou que, se rebentasse a guerra na Coreia, as forças norte-americanas ficariam automaticamente envolvidas, ameaçando com o recurso a armas nucleares. Quando foi inspeccionar a área ao longo da Linha de Demarcação Militar, discutiu mesmo planos operacionais de agressão contra a metade norte da República. Isto é, para nós, a prova de que os E.U.A ambicionam usar a Coreia do Sul como base para a agressão e ocupação de totalidade da Coreia não mudou nada...*

Tanto o presidente Kim Il Sung como os altos funcionários do seu Estado-Maior, com quem me avistei, em Pannunjon, antes de contactar com Kim Il Sung, afirmaram que desde a visita do secretário norte-americano de Defesa a Seul em fins de Agosto (tratava-se de Schlesinger, recentemente demitido das suas funções), as actividades militares têm-se intensificado grandemente na Coreia do Sul, especialmente em áreas adjacentes ao Norte. Nestas actividades inclui-se a montagem de rampas de lançamento com capacidade para utilização de mísseis teleguiados de ogiva nuclear mesmo a 4,5 quilómetros da Zona Desmilitarizada.

Os E.U.A. reforçaram as suas forças militares na Coreia do Sul — continuou o presidente. *Introduziram armas nucleares e outras de destruição maciça em grandes quantidades, desdobraram-nas perto da Zona Desmilitarizada e reorganizaram o seu sistema de comando operacional. Ao mesmo tempo estão também a reequipar o exército sul-coreano com armas de novo tipo, estão a construir novas bases militares e a alargar as existentes em larga escala, em muitos pontos da Coreia do Sul. Sob o «slogan» de «modernização do exército sul-coreano» os militaristas americanos estão a instigar os seus fantoches sul coreanos a provocarem uma* guerra contra a metade Norte *da República. Estas manobras agressivas têm aumentado a* tensão e criaram uma situação *de tal modo grave que a guerra* pode rebentar de um momento para o outro.

UM AVISO

O presidente repetiu-me depois um aviso que já fez por diversas vezes nos últimos meses — nomeadamente durante a sua visita a Pequim, na última quinzena de Abril.

— *O nosso povo está a observar os movimentos agressivos com redobrada vigilância e está firmemente disposto a* responder à agressão. Se eles *desencadearem outra guerra na Coreia, o povo coreano replicará com decisiva energia, e, aproveitando a oportunidade, reunificará o país. Os imperialistas norte-americanos devem desistir imediatamente dessas manobras agressivas* contra a Coreia e retirar imediatamente as suas tropas da *Coreia do Sul. Se persistirem em ignorar as legítimas aspi*rações do povo coreano e em *prosseguir a agressão contra a metade Norte da República, sofrerão uma derrota ainda maior do que a que tiveram na Indochina.*

Embora o presidente Kim Il Sung tenha muitas vezes afirmado publicamente que a «guerra pode rebentar de um momento para o outro», há poucos indícios, pelo menos à superfície, de expectativa de uma guerra iminente. E embora os seus avisos tenham sido interpretados em Seul como intenções de o Norte invadir o Sul, não há mostras de preparativos neste sentido. A verdade é que um dos pontos em que Schlesinger mais divergiu dos dirigentes sul-coreanos, na última visita que o ex-secretário norte-americano da Defesa fez a Seul surgiu à luz do dia quando Schlesinger afirmou que um ataque pelo Norte «era muito improvável». O Norte está a viver um *boom* económico, com um brotar de grandes empresas industriais e grandes realizações no domínio dos alojamentos urbanos e rurais. Todas as taxas sobre rendimentos pessoais foram abolidas este ano; os preços de consumo dos bens industriais foram reduzidos em 30 por cento e estabeleceu-se a escolaridade obrigatória por 11 anos — medidas estas que estão longe de indicar a iminência de uma guerra. A atmosfera geral do País é muito diferente daquela que senti, na minha primeira visita post-guerra, em 1967, quando a ingerência norte-americana no Vietname estava a atingir o seu clímax, quando o bombardeamento do Vietname do Norte estava em pleno e os dirigentes norte-coreanos consideravam que podiam ser eles os próximos da lista das «atenções» dos E. U. A. Nessa altura foi interrompido um plano económico de sete anos — mais tarde alargado para dez anos — enquanto todas as energias e recursos se concentraram na defesa. Crê-se geralmente que, durante todo esse período, as indústrias-chave necessárias à defesa, foram duplicadas debaixo da terra, escondidas debaixo das montanhas que cobrem 80 por cento do território norte-coreano. Em cada fazenda e fabrica havia modelos de aviões girando presos a fios, enquanto as milícias locais de defesa os observavam, a fim de ficarem aptas a reconhecer os tipo de aviões norte-americanos estacionados no Sul.

A atmosfera que hoje se vive é muito mais descontraída, reflectindo-se mesmo no tipo de filmes e peças que estão a ser apresentados. A tónica não é agora posta no tipo temático do «herói militar» e as cenas do campo de batalha que dominavam os filmes e teatros nos fins dos anos 60, princípio desta década.

Quanto a medidas concretas para a unificação do País, disse-me o presidente Kim Il Sung:

— *Primeiro que tudo é essencial retirar a cobertura das Nações Unidas sob a qual se ocultam as forças norte-americanas que estão a ocupar o sul, e fazazê-las retirar. A ocupação dos E. U. A. é o principal obstáculo à reunificação nacional. É também o principal factor que faz perigar a paz da Coreia. A retirada das tropas dos E. U. A. é o pré-requisito para uma solução independente e pacífica do problema da reunificação. O presente acordo de armistício devia ser substituído por um acordo de paz, seguido de uma retirada dos E. U. A. O acordo de armistício, que visou apenas a cessação de hostilidades há mais de 20 anos, não dá garantias de uma paz duradoura para o nosso país. A conclusão de um acordo de paz entre a Coreia do Norte e os E. U. A. é um problema urgente cuja solução não pode ser adiada, só quando tal acordo for assinado é que o risco da guerra terá desaparecido e estarão criadas as condições de uma reunificação pacífica. Se isso for conseguido, o povo coreano obterá a reunificação nacional na independência e na paz por seus próprios esforços e segundo os princípios democráticos. Em resumo: estamos optimistas quanto às perspectivas de reunificação. É evidente que o caminho está ainda eriçado de grandes dificuldades, devido à obstrução dos imperialistas e seus lacaios. Muitos problemas têm de ser resolvidos para reunificar o país. Mas não estamos minimamente pessimistas. A luta positiva de todo o povo coreano e a pressão exercida por povos de todo o mundo irão pôr em cheque e fazer abortar as manobras dos separatistas de dentro e de fora e seguramente farão concretizar a reunificação do país.*

MALVEIRA

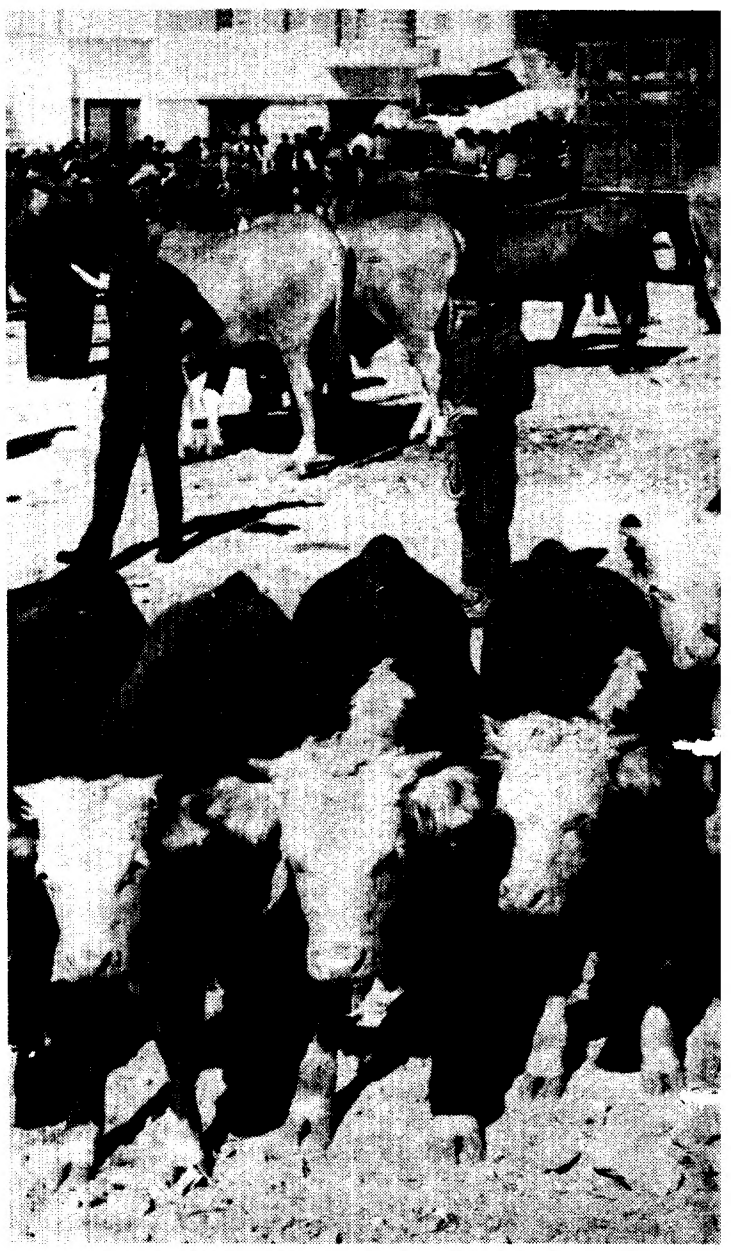
QUEM ALI... O ANTICO...

É preciso eliminar o I.R.A. e a Reforma Agrária — diziam com convicção pequenos agricultores, comerciantes, negociantes de gado, e intermediários no recinto lamacento do mercado da Malveira. Concentram-se ali de vários pontos do Oeste onde predomina a pequena propriedade. Homens apoiados em varapaus discutiam os seus problemas. Rodeados de animais, em exposição, à espera de mudarem de dono, combinavam negócios. Era gente, na sua maioria, de aspecto próspero. Nas mãos viam-se os calos ganhos no trabalho do campo. No rosto sinais de embrutecimento, de incompreensão, de obscurantismo...

LOURDES FÉRIA

O esclarecimento político entre aquelas pessoas é coisa que não existe. Pelo contrário: alienados por dois hectares de terra e algumas cabeças de gado defendiam ferozmente os exploradores. Confundem os amigos com os inimigos, mostrando uma verdadeira fobia por tudo o que seja organização de classe, intervenção estatal, cooperativas. Para eles o espectro do comunismo é uma obsessão permanente. Quando falavam dos trabalhadores, alentejanos destilavam ódio por todos os poros. E a única palavra que encontravam para os designar era *gatunos*. Para eles a classe operária não passava de uns *calões* que viviam à custa dos que trabalhacam a terra.

Ao princípio, quando os abordámos, manifestaram uma certa desconfiança. Depois foram desfiando as suas queixas. Todas elas justas. Só que deturpadas. Sem uma análise correcta da situação que as determina. Sujeitos à influência nefasta dos intermediários e co-



MENTA MUNISMO

merciantes facilmente se deixam manobrar. Mal informados e intoxicados por uma certa propaganda, canalizam as suas acusações contra uma Reforma Agrária que *lhes vai levar o pouco que possuem*. Os acontecimentos de Santarem, impressionaram-nos seriamente. E porquê? Porque misturados com os pequenos agricultores proliferam os comerciantes, os negociantes de gados, os intermediários e até alguns latifundiários que participaram na manifestação reaccionáeia que culminou com a morte de dois agrários (grandes) de Coruche. Esses indivíduos que lhes impingem uma versão errada dos factos, sobressaiam daquela gente rude pelo trajar cuidado, pelo engraxado dos sapatos, pela pele fina das mãos e do rosto. Frequentadores habituais de feiras e mercados. Igualmente dos sítios onde se seram violentos confrontos políticos. Onde se incendiaram sedes de partidos progressistas, como, por exemplo, em Rio Maior.

I PARTE

Falámos, todavia, de início calmamente com um grupo de pequenos agricultores. Não notamos neles indicios de serem pessoas mal intencionadas. Mas detectámos logo aos primeiros contactos que eram gente explorada, envenenada, manobrada.

Temos de andar nas madrugadas e serões de volta das vacas leiteiras. Dão-nos muito trabalho, gastamos um dinheiro *com elas e o rendimento que delas tiramos não compensa. As cooperativas pagam-nos como lhes apetece — e nós não temos um laboratório de análise para competir com o deles. Devia existir um laboratório em cada concelho. Por isso os das cooperativas atribuem-lhes a graduação que entendem. No fundo as cooperativas não interessam nada, pois só defendem os interesses de gerência, de uma meia dúzia* de individuos que tentam ganhar *dinheiro à nossa custa.*

Sobre esse ponto parece que os pequenos agricultores têm razão. As cooperativas de leite ainda obedecem ao esquema fascista. O que é grave. As cooperativas constituidas no antigo regime, desacreditam, perante os pequenos agricultores, as cooperativas verdadeiras. Tentámos esclarecê-los sobre o funcionamento de uma cooperativa, dirigida pelos pequenos agricultores. Não perceberam...

Antes do 25 de Abril isto estava mau para nós. Agora parece que ainda estamos pior — comentavam alguns.

Que solução? — perguntamos.

As opiniões eram unânimes em que se devia pagar melhor o produto. Criticou-se a Junta dos Serviços Pecuários no respeitante à aquisição da carne para abate.

Até aqui os pequenos agricultores viviam de um bocadinho de terra. Com muito sacrifício lá iamos passando. Grande parte da nossa alimentação baseava-se naquilo que cultivámos. Comiamos umas batatas, alguns ovos, feijão e, às vezes, um pouco de azeite a servir de tempero. No Verão safávamo-nos com a fruta. Se não fosse assim já tinhamos morrido lentamente.

Justissima esta exposição proferida por um homem adiantado nos anos. No seu rosto transparecia a marca das privações sofridas. Foi o depoimento mais impressionante que ouvimos na visita ao mercado da Malveira. O retrato, enfim, de um camponês pobre. De um explorado que trabalha a terra de manhã à noite sem descanso. Que nunca teve acesso à escola. Nem ele nem os seus filhos. Isto é realidade.

Mas tambem é a realidade que um assalariao rural no Alentejo nem sequer tinha batatas, nem feijão, nem ovos para comer. Deitava-se de estômago vazio. Empanturrado de humilhação. De raiva. Enquanto os seus exploradores (os latifundiários) arrotavam à mesa suculentas refeições. Por isso os trabalhadores do Alentejo sempre souberam quem era os seus inimigos. Quem os atirava para a fome e a miséria.

O homem do talho ganha 20$00 em cada quilo de carne vendido ao consumidor. A alimentação de um boi desde a altura que nasce até ao momento de ser abatido, geralmente quando atinge os 20 meses, custa-nos 24 contos. Depois somos obrigados a vendê-lo por 22.500$00. Ficamos sem o boi e com 1.500$00 a menos. Os talhantes compram a carne à Junta dos Serviços Pecuários por 54$00 e vendem-na ao consumidor por 90 ou 100 escudos.

A tese dos pequenos agricultores assentava na defesa do mercado livre onde prevalecesse *o mútuo acordo*. Quem quiser compra. Quem não quiser não compra. E acrescentavam: *Tudo em que o Estado se mete é prejuizo para o povo.* Criticavam os funcionários de Estado *que não fazem nada e ganham ordenados fabulosos.*

Quem insistia, porém, nesta nota eram os negociantes de gado: os intermediários. Havia lá muita gente dessa. Que introduziram alfinetadas na conversa. Que acirravam os pequenos agricultores, aumentando o seu descontentamento. Estes últimos não percebiam que àqueles que aparentemente os defendem apenas lhes interessa viver à sua custa. Esses que se arvoram, no meio da confusão em vítimas, são lobos. Uns parasitas que transaccionam — com aquilo que não produzem.

Qualquer dia a gente decide: não entra aquilo que fabricamos na cidade. Quero ver o que eles comem... — salientava um pequeno agricultor indignado. Era um homem velho. E acrescentava: *Isto vai ao lugar quando fizermos como os operários. Se eles tem direito à greve nós também temos. Sobre os dois regimes em que vivi tenho recordações. De antes e depois. Antes do 25 de Abril estávamos descoroçoados. Disseram-nos que 50 mil produtores deviam procurar outra vida. Tenho também uma recordação de 15 dias de prisão. Sem ter feito nada. Outro dia ouvi na Televisão um tipo da Cooperativa de Sintra. Não concordo com o que ele disse. Eu possuo algumas vacas. Vendo o leite à porta por 8$00. É a maneira de me defender...Se me obrigarem a acabar com a venda abato as vacas.*

II PARTE

Entretanto ouvem-se comentários esquisitos. Esquisitos porque saíam do esquema de argumentação dos homens simples com quem conversávamos. Cresce a exaltação no magote de gente, à nossa volta. la-se apertando o círculo. O cerco. Surgem no recinto dois funcionários do Ministério da Agricultura, ligados à Reforma Agrária que intervêm na discussão, refutando os argumentos reaccionários contra os trabalhadores do Alentejo. Tentaram esclarecer as pessoas que estavam nítidamente a ser manobradas, no terreno por alguns indivíduos bem vestidos.

Destaca-se um tipo, cujo aspecto não condizia com a generalidade das pessoas que ali se encontravam. Que utilizava uma linguagem própria de determinada ideologia. Que fazia insinuações. Constatámos de imediato quais eram as suas intenções. Pedimos-lhe a identificação. O indivíduo hesita, mas acaba por dizer o nome. Quando soube que nós eramos do «Diário de Lisboa», afirma: *Não deviamos comprar jornais porque só dizem mentiras. Em Rio Maior é que fizeram bem. Sobre o Alentejo posso adiantar que nunca vi lá tanta miséria como agora. São uns ladrões. Roubam as terras. Ando por toda a parte do País e conheço a verdade. Se quiserem levo-os no meu carro para verem...Há alguns dias fizemos* uma manifestação em Santarém *e até mataram duas pessoas. A classe operária não trabalha. São uns calões como esses da construção civil.*

III PARTE

De repente gera-se um ambiente de ódio. O sr. Luis Viva, comerciante de leite em pó e de rações para o gado, entre outras coisas, tinha aceitação junto das pessoas simples. Convencia-os. Aperta-se o cerco em redor dos técnicos da Reforma Agrária. Gritam-se insultos. Há empurrões Há ameaças. Tanto o repórter do «D. L.» como os técnicos corriam o perigo de agressão.

A gente simples, vítima da ignorância, manobrada por provocadores, transforma-se numa massa sem rosto. O peso de 50 anos de fascismo estava ali todo. As pessoas metamorfoseavam-se em «polícias de choque», em «povo» da Idade média que manobrado pela Igreja corria atrás das «bruxas» para as atirar à fogueira. Assistimos a um festival de obscurantismo.

Foi terrivel! Os técnicos da Reforma Agrária abandonaram o recinto no meio de uma surreada monstra, sob a ameaça dos varapaus. Nós saimos a seguir. Enquanto o carro do «D. L.» arrancava, os indivíduos batiam com toda a força na parte traseira do veículo.

Luis Vivo gritava: *Ah o «Diário de Lisboa»...Que belo jornal...Vão para a Rússia...Comunistas.* Numa janela por cima de uma taberna, surge uma mulher que pergunta: *Então eram comunistas e deixaram-nos fugir?.*

Mais tarde viemos a saber que o sr. Luis Vivo era um elemento afecto ao P. P. D. Que o sr. Luis Vivo esteve em R Maior e em Leiria no assal às sedes dos partidos progressistas.

Mesmo que não tivessemo qualquer referência sobre o s Luís Vivo vimos através da su actuação e linguagem que estávamos perante *um fascista* Um fascista responsável. Os trabalhadores rurais do Ribatejo conhecem-no de ginjeira. Os operários da construção civil, os assalariados rurais do Alentejo, os metalúrgicos sabem quem são os seus inimigos. Luís Vivo caluniou a classe operária. Ela o julgará. A história não perdoa.

Geral

BANGLADESH

Confrontações em Dacca e no Norte do país

NOVA DELI — Ao receber, a 7 de Novembro, as felicitações dos adeptos após a decisão do Supremo Tribunal que confirmava a sua eleição, a senhora Ghandi evocou a **lição** do Bangladesh para justificar a instauração do estado de emergência na Índia. Quando, disse ela, o Governo tomou medidas de excepção invocando os conluios daqueles que procuravam criar a desordem na Índia, pediram-nos **provas desse «complôt». Essas provas encontram-se agora nos acontecimentos que se déram no país vizinho. Teria podido criar-se na Índia uma situação similar,** declarou o primeiro-ministro.

Pouco depois, um comunicado oficial indicava que a Índia não pode manter-se indiferente, como se os acontecimentos de Dacca não lhe dissessem respeito. O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros lembrava às **autoridades do Bangladesh** o seu **dever de preservar a segurança de todos os indianos residentes no país.**

A senhora Ghandi anulou a visita que devia fazer ao Sikkim e segue muito de perto as confrontações entre facções rivais do antigo Paquistão Oriental. **O que lá se passa não é inteiramente bom,** disse ela recentemente, com certa candura. Com efeito, é claro que a Índia não lamentou a eliminação de Khandakar Moshtaque, no início da crise que teve início a 3 de Novembro, em Dacca.

Logo após o golpe de Estado que derrubou Mujibur Rahman, no passado mês de Agosto, o Governo indiano publicara um comunicado para explicar a sua emoção perante a morte **de uma das personalidades mais eminentes do nosso tempo.** A Índia achava em todo o caso que se tratava de um caso interno e declarava-se desejosa de continuar a **cooperar amigavelmente com os países do subcontínente.**

A 25 de Agosto, Khondakar Moshtaque Ahmed enviara à senhora Ghandi uma mensagem em que lhe assegurava que cumpriria todos os acordos bilaterais entre a Índia e o Bangladesh. O primeiro-ministro indiano respondera calorosamente, mas Nova Deli ficava aparentemente na incerteza quanto às intenções reais de um Governo que fazia uma política de abertura em relação a Islamabad e a Pequim.

(Dessin de PLANTU.)

Interrompidos após a secção da antiga província oriental, recomeça agora o comércio entre o Bangladesh e o Paquistão, este principalmente interessado em compras de juta. Uma união comercial paquistanesa deixou Dacca no fim de Outubro, após terpassado uma semana na capital do Bangladesh. A China, que prometeu comprar vários milhões de toneladas de juta também prometeu a sua cooperação na exploração das riquezas minerais do Bangladesh.

O delicado problema da partilha das águas territoriais da baía de Bengala, continua por resolver. Os dois países procuram petróleo nessas águas. As prospecções são feitas, do lado do Bangladesh, pela Bengal Oil Development Company, filial da Japano Petroleum Devepment Corporation.

No mês passado, a senhora Ghandi declartu que, embora **evidentemente não aprovasse a política do assassinato,** continuava a considerar que competia ao Bangladesh resolver qual **o tipo de Governo que lhe convinha.**

Development Company, filial da Japano Petroleum Devepment Corporation.

No mês passado, a senhora Ghandi declartu que, embora **evidentemente não aprovasse a política do assassinato,** continuava a considerar que competia ao Bangladesh resolver qual **o tipo de Governo que lhe convinha.**

A Índia refere decerto os oficiais que entre si disputam o poder, em Dacca. Mas ficaria com certeza satisfeita se os militares favoráveis à cooperação entre a Índia e o Bangladesh tivessem podido entregar o poder a uma personalidade civil de certa envergadura. Diz-se em Nova Deli que os assassinos de Mujibur Rahman **perpetraram em todo o caso a própria obra** conseguindo matar na prisão os dirigentes que podiam herdar a **legitimidade** do **pai da nação.**

Ao pedir asilo aos Estados Unidos, os oficiais, refugiados em Bangkok, depois de haverem assassinado Mansur Ali e outros fiéis de Mujibur Rahman, colocam Gerald Ford numa situação delicada. **Não deve haver perdão para os assassinos,** escreve o **Times of Índia,** quotidiano bastante próximo do poder, que acrescentava: **Nenhum país pode achar, em consciência, que eles têm direito ao asilo político.**

© Le Monde

CORRESPONDÊNCIA DE MOSCOVO

Por VLADIMIR LOMEIKO

O pão que comemos

. O pão que nós compramos no estrangeiro parece ficar atravessado na garganta de certos observadores ocidentais.

Na verdade, ao lermos os artigos dos críticos do socialismo sobre o «problema do trigo», fica-se com a impressão de que, na URSS se assistiria não a um desenvolvimento da agricultura, mas, pelo contrário, a uma verdadeira derrocada do colectivismo agrícola. Esta gente ganha o seu pão fomentando o mito da «crise dos cereais» nos países socialistas e as nossas compras de trigo ao estrangeiro não lhes dão um momento de descanso. «Esquecendo-se» que muitos outros países também compram trigo ao estrangeiro (a Alemanha Ocidental, por exemplo, todos os anos importa, em média, 5 milhões de toneladas de cereais), tais observadores esmeram-se em sarcasmos sobre a nossa «incapacidade» de assegurar ao país o pão de que ele necessita.

Nos tempos do czar — alegam — a Rússia exportava trigo, enquanto que, no regime socialista, é obrigada a importá-lo. Esquecem-se, porém, de acrescentar que a Rússia czarista vendia o trigo dos camponeses em troca de ouro para o czar, ao mesmo tempo que muitos milhares de trabalhadores do campo se alimentavam a anserina e nem todas as crianças comiam o pão suficiente.

Alarmados com o «empobrecimento» da alimentação russa no regime socialista, eles silenciam que, antes da Revolução de 1917, a Rússia produzia anualmente, *per capita*, 500 kg de cereais, 30 kg de carne, 180 l de leite e 75 ovos, enquanto que, na União Soviética, em 1974, esta média foi, respectivamente, de 780, 58, 364 e 220. Com mais razão ainda passarão em silêncio o facto de que o socialismo assegurou a todos os cidadãos iguais possibilidades de consumo, ao passo que, antes, enquanto uns comiam à grande e à francesa, outros passavam fome.

Os admiradores da Rússia czarista hão-de especificar quantas toneladas de trigo nós compramos aos EUA, quantas ao Canadá e quantas à Austrália, mas esquecer-se-ão certamente de acrescentar que, nesse mesmo ano, a URSS mandou trigo para Cuba, a República Democrática Alemã, a Polónia, a República Democrático-Popular da Coreia e outros países.

Para os leitores que gostam de precisão, diremos que em 1974 comprámos no Ocidente 10,5 milhões de toneladas de cereais, mais de metade das quais se destinaram a outros países socialistas.

Não só não fazemos segredo nenhum destas compras, como explicamos, aos que sinceramente desejam compreender este problema, que, devido à imensidão do território do nosso país, fica-nos mais barato comprar trigo para o Extremo-Oriente, na América, do que transportá-lo da Ucrânia, através de todo o país, por caminho de ferro, até 10 mil km de distância. E, ao fim e ao cabo, se dispomos de ouro, porque não comprar com ele pão para os operários? Não será isso muito melhor do que, tal como sucedia antes da Revolução, tirar o pão aos camponeses e operários, para com ele obter ouro para os ricos? Os meus compatriotas continuam a não compreender, por exemplo, como é possível que nalguns países ricos ainda hoje se atirem ao mar e queimem enormes quantidades de cereais só para que os seus preços se mantenham altos, e como é que, mesmo nos anos das grandes colheitas, no meio da riqueza capitalista, haja tanta gente que passe fome.

Todos os que suspiram pela rica Rússia czarista e lamentam o pobre socialismo, omitirão que, antes da Revolução, quase toda a «técnica» agrícola da Rússia consistia em 17 milhões de arados de madeira, ao passo que hoje, na União Soviética, existem 2,3 milhões de tractores e mais de 600 mil ceifeiras debulhadoras. Que naquela época se colhiam, em média, 690 kg de cereais por ha, e hoje, 1960 kg, ou seja, mais do triplo. Que antes da Revolução a colheita anual era de 72,5 milhões de toneladas de cereais, enquanto que em 1973 e 1974, a sua média foi de 209 milhões de toneladas anuais.

Guardo, desde a infância, um costume que, na velha Rússia, se transmitia de geração em geração; não deixar na mesa uma única migalha de pão. Atirar pão fora era tido como um grande pecado. O pão era sagrado, porque custava muito a ganhar e era pouco. Hoje em dia, no nosso país, continua-se a respeitar o pão, embora ninguém passe fome e as pessoas, em vez de comerem pão duro, disponham sempre de pão fresco. Come-se mesmo muito pão, pois em nenhuma outra parte do mundo ele é, siultaneamente, tão barato e tão gostoso. Temos mais de cem tipos diferentes de pão, e cada cidade ou aldeia tem os seus mestres de panificação.

Também no nosso país houve anos de más colheitas, pelo que nos vimos obrigados a comprar trigo ao estrangeiro em grande quantidade, de modo a assegurá-lo com fartura ao nosso povo e aos nossos amigos, sem, contudo, jamais elevarmos o seu preço. Aqueles que vivem destilando insinuações a propósito do trigo que compramos no estrangeiro, esquecem-se deste pormenor e dificilmente informarão os seus leitores que, no nosso país, 1 kg de pão custa 12 kopecs (aproximadamente 4 escudos) ou um tanto mais caro, conforme a qualidade, tal como acontecia há 10, 15 ou 20 anos atrás.

Aqueles que imaginam estar a avivar-nos uma ferida, conhecem mal os russos e ainda pior a nossa sociedade socialista. Nós temos orgulho de, mesmo nos anos de más colheitas, ninguém passar fome, e de cada cidadão ter de pagar pouco pelo pão que custa caro ao Estado. E embora hoje, mesmo nos lares mais modestos, nunca falte pão, não nos esquecemos de que este pão barato nos custou muito caro. Na Rússia czarista, os grandes agrários atiravam a matar contra os camponeses durante os chamados «motins da fome», e muitos dos nossos avós tombaram durante a Revolução, na luta pelo seu direito à terra. Durante a guerra civil, os camponeses ricos escondiam o trigo e preferiam vê-lo apodrecer a entregá-lo aos operários famintos. A cidade enviou para o campo máquinas e os melhores soldados da Revolução para ajudar a pôr de pé as cooperativas agrícolas, de início bem fracas. A colectivização da agricultura durou 12 anos (de 1926 a 1937). Ainda não tínhamos procedido à quarta colheita kholkhosiana integral, quando começou a guerra e os grandes celeiros do país — a Ucrânia e quase toda a parte europeia da Rússia — ficaram, durante três anos, sob a ocupação alemã. O trigo de 1941 foi queimado pelos fascistas, e o de 1942 e 1943 foi carregado em comboios com destino à Alemanha. Durante 900 dias, na Leninegrado faminta, cada pessoa recebia por dia 100 gr de pão. Este pão não chegou para 641 mil leningradenses, que morreram de fome, mas bastou para resistir ao cerco e não entregar a cidade aos fascistas alemães. Recordo-me das bichas para o pão, existentes durante longos anos depois da guerra. Recordo como nós, garotos, depois da escola, ficávamos, em silêncio, horas seguidas nas bichas, pensando se hoje haveria ou não pão, e se ele seria de centeio ou de milho. Quando um país passou por tudo isto durante a vida de uma geração (porque a nossa Revolução ainda não tem 60 anos), ninguém nos poderá falar mais e melhor do pão do que nós próprios.

Segundo uma antiga superstição russa, nenhuma força maligna pode macular o pão, porque ele é sagrado. Nada há de mais saboroso e significativo para nós. Exactamente por isso, na Rússia dos nossos dias, ainda hoje os convidados são saudados com pão e sal.

Se compramos pão, fazêmo-lo, não devido à nossa vida difícil, mas precisamente por uma vida melhor.

Partilhamos abundantemente o pão entre nós e com os nossos amigos. É certamente por isso que os nossos inimigos o têm atravessado na garganta.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO

CONCURSO PARA DOCENTES

O Conselho Directivo de Pintura/Escultura torna público estar aberto, até ao dia 25 de Novembro de 1975, concurso documental para preenchimento de lugar de Assistente Eventual em:

ORGANIZAÇÃO, PROTECÇÃO E UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS

condições

Curso de Arquitectura ou Arquitectura Paisagística, com trabalho desenvolvido sobre Protecção do Meio Ambiente, Ecologia, Tradição Popular, Protecção do Meio Cultural e Espaços Escolares.

Poderão concorrer todos os indivíduos que possuam cursos em escolas estrangeiras com reconhecimento do Ministério da Educação e Investigação Científica, ou ainda não diplomados com excepcional e reconhecido mérito cultural e profissional exercido em Portugal ou no estrangeiro.

Os interessados deverão enviar o respectivo «curriculum» o mais circunstanciado possível para o Conselho Directivo de Pintura/Escultura, Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Estrangeiro

CIMEIRA DE RAMBOUILLET

Estratégia económica comum dos seis "grandes" ocidentais

. RAMBOUILLET (FRANÇA), 17 — (R.) — As seis nações mais poderosas do mundo não comunista deverão concordar hoje nesta cidade sobre uma estratégia comum para vencer a pior crise económica do Ocidente desde a Segunda Guerra Mundial.

Os dirigentes dos Estados Unidos, Japão, Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental e Itália têm estado reunidos no castelo de Rambouillet desde sábado passado discutindo problemas ligados à recessão, à inflação e às actuais perturbações.

As discussões têm sido extremamente frutíferas, de acordo com fontes afectas à conferência de alto nível, que é a primeira no seu género.

Os seis dirigentes têm examinado em profundidade toda a gama de problemas que afligem o Ocidente — o afrouxamento financeiro e comercial, o desemprego, a energia, os preços das matérias-primas e o auxílio aos países em desenvolvimento.

Esta manhã, os chefes de Governo deviam realizar uma breve série de conversações privadas antes de chamarem os seus ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças para dar os toques finais numa declaração conjunta.

Fontes da cimeira declararam ontem que os seis ministros das Finanças, que passaram a maior parte do dia reunidos separadamente, chegaram a acordo sobre os cinco principais princípios na estratégia antirecessão.

Estes destinam-se a estabilizar as moedas por uma mais eficiente intervenção dos bancos centrais, evitar o proteccionismo comercial, combater o desemprego sem intensificar a inflação, combater novos aumentos do preço do petróleo e auxiliar as nações com problemas nas suas balanças de pagamentos.

A declaração final deverá conter algumas referências aos países em desenvilvimento.

O presidente Valéry Giscard d'Estaing, da França, que propôs e organizou a cimeira de Rambouillet, salientou o problema dos Estados pobres pedindo aos seus parceiros que fossem audaciosos nos seus programas de auxílio.

O que era ainda pouco claro a noite passada era se os seis marcariam novas cimeiras para o futuro.

Pensava-se que o primeiro-ministro japonês Takeo Miki desejava perpetuar o «espírito de Rambouillet», mas Giscard d'Estaing não se mostrou muito entusiasta acerca da institucionalização da cimeira.

Antes de concluirem a sua reunião com um almoço de despedida hoje, os dirigentes deveriam escutar uma declaração do primeiro-ministro italiano Aldo Moro sobre as relações entre o Leste e o Oeste.

O presidente Gerald Ford declarou aos seus colegas que os Estados Unidos estavam firmemente decididos a fazer uma economia mundial aberta e reafirmavam o seu desejo de negociar sobre todas as questões que intensificassem o comércio e reduzissem as barreiras tarifárias e não tarifárias.

Mas apesar de um certo optimismo inicial, não se sabia ainda a noite passada de que maneira Ford e Giscard d' Estaing tencionavam solucionar as velhas divergências entre os seus países sobre as taxas de câmbio flutuantes.

Giscard d'Estaing está agora a assumir uma posição mais flexível em relação à sua exigência anterior de que as moedas deviam ser novamente revistas, mas a versão oficial das observações de Ford na cimeira não revelaram a última opinião americana sobre esta questão.

O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, foi alvo de pressões do chanceler alemão ocidental Helmut Schmidt e de outros para evitar políticas comerciais proteccionistas. Wilson afirmou claramente que era contra controlos de importação generalizados mas deixou em aberto a opção de medidas efectivas.

Os presidentes Giscard d'Estaing, da França, e Gerald Ford, dos Estados Unidos, em Rambouillet, onde termina a primeira conferência de alto nível sobre questões económicas e financeiras, entre as seis principais potências do mundo ocidental. (Telefoto UPI-Telimprensa).

PREPARATIVOS DA CONFERÊNCIA COMUNISTA

. VBERLIM ORIENTAL, 17 — (R) — Funcionários de partidos comunistas da Europa Ocidental e Oriental reunem-se hoje em Berlim Ocidental para prosseguir os preparativos da planeada conferência comunista europeia, segundo anunciaram círculos geralmente bem informados.

Uma comissão debaterá um projecto de documento a ser adoptado pela conferência plenária. Caso o documento seja aprovado pela comissão, permitirá que a conferência, protelada, vá para a frente.

Aquela comissão foi criada por uma reunião de dois dias de um grupo de trabalho, em Berlim Oriental, o mês passado, a que assistiram representantes de 27 partidos comunistas. Aquela reunião pareceu reduzir algumas das divergências que afligiram os preparativos para a conferência durante todo o ano.

Um projecto original apresentado pelos alemães orientais provocou oposição de vários prepresentantes, incluindo os da Jugoslávia, Itália, Roménia e Espanha, os quais sentiram que limitaria as suas políticas independentes.

Mas, há duas semanas, o principal delegado jugoslavo indicou ter sido feito progresso. Disse que o grupo de trabalho debatera um projecto de documento que «foi considerado como base aceitável para outros preparativos».

A conferência estava originalmente marcada para meados deste ano, mas os preparativovos entravaram-se devido a um documento proposto que comprometia os participantes a um programa de acção, conjunto — de acordo com círculos do Leste europeu.

"PRISÕES PREVENTIVAS" PELA POLÍCIA ESPANHOLA

MADRID, 17 — (R.) — Dirigentes da oposição espanhola manifestaram o receio de que a Polícia esteja a tirar partido da doença do general Franco para prender adversários do Governo no que tem sido classificado como «prisões preventivas».

Um eminente comunista espanhol e cinco outras figuras da oposição foram detidos ontem na última vaga de prisões em todo o país.

Desde o princípio do mês, quase 200 pessoas foram presas na mais extensa campanha da Polícia em Espanha desde o fim da guerra civil em 1936-39.

O general, que foi submetido à terceira operação em onze dias, na sexta-feira passada, quando os médicos tiveram de suturar novamente o seu estômago, encontrava-se hoje precariamente agarrado à vida. Uma nova indicação da sua fraqueza desde o seu ataque cardíaco em 21 de Outubro foi uma ordem emitida a noite passada permitindo apenas à sua família, ao primeiro-ministro Carlos Arias Navarro, ao príncipe Juan Carlos — chefe de Estado interino — e à sua mulher visitá-lo no hospital.

E enquanto prosseguia a luta pela vida do ditador de 82 anos de idade, os espanhois começavam a expressar dúvidas sobre a sua utilidade e sobre o impacto que poderia ter no futuro do país.

Estava ainda a ser auxiliado na sua respiração e na evacuação de dejectos naturais e tratado com um rim mecânico e um ritmador cardíaco.

Enquanto a oposição esquerdista aguarda com esperança mudanças democráticas após a morte do general, a ala direita está também a preparar-se para a sucessão do príncipe.

José António Giron, um antigo ministro da ala direita e dirigente do único partido legal em Espanha, o Movimento Nacional, declarou ontem num discurso que a sucessão do general Franco foi legitimamente aceite.

«Temos confiança nas virtudes do príncipe de Espanha e na eficácia das leis que nos impedem de cair no abismo» — disse.

OLOF PALME OPTIMISTA

NOVA IORQUE, 17 — (Anop) — O primeiro-ministro sueco Olof Palme manifestou a opinião de que a Espanha conseguirá evitar alguns problemas que neste momento afectam Portugal, ao passar de um regime autoritário que durou décadas para uma democracia civil.

«Estou optimista em relação à Espanha» — declarou o estadista sueco numa entrevista concedida à revista «Newsweek», no fim da sua visita aos Estados Unidos.

«Enquanto em Portugal os militares continuam no Poder, a Espanha terá depois da morte de Francisco Franco um Governo formado por civis» — acrescentou Olof Palme.

«Os partidos políticos espanhois estão desde há muito tempo preparados e organizados, podendo evitar muitos problemas que Portugal tem» — acrescentou Olof Palme.

O primeiro-ministro sueco disse ainda que tinha a esperança que a Europa Ocidental continuaria a seguir uma política «numa via reformista» de esquerda, destinada a resolver as desigualdades sociais que atingem ainda os países industrializados que a constituem.

Caleidoscópio

■ RAS SUDAR (EGIPTO), 17 — (R.) — O Egipto retomou ontem a posse desta cidade petrolífera do Golfo do Suez, controlada por Israel desde a guerra de 1967 no Médio Oriente.

A devolução de Ras Sudar à administração egípcia constituiu passo maior no acordo provisório, negociado pelos Estados Unidos, entre Israel e o Egipto.

■ ATENAS, 17 — (Anop) — Organizações sindicais de mais de oitenta países exigiram que a Junta Militar Chilena garanta o direito de organização sindical e declararam-se dispostas a promover acções de boicote de armas à Junta.

Numa declaração aprovada pela Conferência Internacional de Solidariedade com o Povo do Chile aqui realizada, os sindicalistas afirmam que promoverão uma ampla campanha entre a opinião pública mundial com o fim de denunciar e condenar os crimes da Junta fascista e conseguir o seu isolamento político e diplomático.

■ SOUTHAMPTON, 17 — (R.) — Tropas e polícias passaram hoje revista ao paquete «Queen Elizabeth 2», da Cunard, numa tentativa para cortar as linhas de abastecimento de explosivos aos guerrilheiros irlandeses, empenhados numa onda de atentados bombistas na Grã-Bretanha.

As autoridades encontraram ontem 190 quilos de explosivos — quantidade suficiente para fabricar 80 bombas das que têm rebentado em Londres, nas últimas semanas — escondidos num bloco de apartamentos no terminal do porto de Southampton.

■ NOVA IORQUE, 17 — (Anop) — O senador republicano Lowell P. Wicker Junior afirmou ontem que o Congresso deverá levar até ao fim — prisão — a queixa apresentada contra o secretário de Estado Henry Kissinger sob a acusação de desdem.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES

Camarada:

Está marcada para o dia 22 do próximo mês de Dezembro a Assembleia Eleitoral que há-de eleger os Corpos Gerentes do Sindicato para o triénio de 1976/1978.

Por esse motivo, a apresentação das listas de candidaturas deverá ser feita até **30 dias antes** da data do acto eleitoral.

A apresentação das listas de candidaturas consiste na entrega à mesa da Assembleia Geral das listas contendo a designação dos membros a eleger, acompanhados de um termo individual ou colectivo de aceitação das candidaturas, bem como dos respectivos programas de acção.

As listas de candidaturas terão de ser subscritas por pelo menos 250 sócios do Sindicato (5 por cento de 5000 sócios que é o número de trabalhadores representados pelo Sindicato).

Os candidatos serão identificados pelo nome completo, número de sócio, idade, residência, designação da entidade patronal e local de trabalho.

Os sócios subscritores das listas de candidaturas serão identificados pelo nome completo legível, assinatura e número de sócio.

As listas de candidaturas só serão consideradas desde que se apresentem para todos os órgãos dos Corpos Gerentes do Sindicato Mesa da Assembleia Geral e Direcção).

Cada lista de candidatura concorrente deverá indicar conjuntamente com a apresentação da candidatura o seu representante para a Comissão de Fiscalização. O sócio a indicar não pode fazer parte da lista.

Para qualquer esclarecimento ou informação devem utilizar o telefone n.º 28650 — Setúbal ou dirigirem-se pessoalmente ou por escrito aos Serviços do Sindicato ou à Mesa da Assembleia Geral.

Setúbal, 7 de Novembro de 1975

Pel' A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Francisco Ventura Soares Feio

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

O ZÉ VOLTA P'RA TRÁS

. «FORÇA, FORÇA, CAMARADA ZÉ!... «Texto: Aníbal Nazaré. Música: Tavares Belo, João de Vasconcelos, Jorge Machado. Coreografia: Mariano Franco. Direcção musical: João de Vasconcelos. Intérpretes: Eugénio Salvador, Florbela Queirós, Henrique Santana, Cidália Moreira, Zita Duarte, Nihara, Vitor Mendes, Carlos Gonçalves, Lourdes Lima, Daniel Garcia, Odete Antunes, Nela Duarte, Igor Sampaio, Aida Gouveia, Gina, Nucha, Nani, Vanda, Telma, Madalena. Teatro Maria Vitória. 7/11/1975.

Há duas maneiras de ser reacças: uma delas é sê-lo às claras, à boa maneira fascista (como os «elps»); a outra consiste em dar vivas à liberdade, protestar muito contra o fascismo — e, ao mesmo tempo, criar condições, às escâncaras ou por debaixo da mesa, para que o fascismo volte, (à maneira do P.P.D.) ou pisando os calos do parceiro que, esse sim, defende de facto a liberdade e nessa defesa se sacrificou (à maneira do P.S.). Do mesmo modo, há duas maneiras de ser desonesto: roubar, com todas as consequências inerentes, ou meter a mão no bolso do vizinho acusando-o de ser ele o ladrão. A revista do Maria Vitória é uma ilustração eloquente do que fica dito e, ao mesmo tempo, prova de como o teatro — e muito especialmente o teatro de revista — é termómetro da situação política e social em que se insere.

«Força, Força...», é, pois, uma nuvem de fumo, bastante diáfana e que por isso não consegue esconder o que a revista pretende: jogar demagogicamente com a ignorância de parte dos espectadores e com o reaccionarismo político de outra parte. A nuvem de fume é constituída por palavras (fala-se muito em liberdade, em amor pela liberdade; em povo, em respeito pela vontade do povo; fala-se o capitalismo) e é constituída pela composição de certas figuras que representariam o povo ou determinadas forças políticas (no primeiro caso, o «Zé», do Salvador; o «Zé Broa», do Henrique Santana, o «Operário» do Salvador, as personagens do quadro «A Cegada Nacional»; no segundo caso, «O Socialista» de H. Santana, as representantes dos Partidos Políticos do quadro «As 3 Lavadeiras»). A realidade da revista, que a nuvem não pretende ocultar mas apenas tornar mais subtil e insinuante, é a sua mensagem de ataque sistemático a intenções e responsáveis revolucionários e, consequentemente, de defesa de valores conservadores e burgueses — ou seja, no contexto social e político em que vivemos, de valores reaccionários.

Não se estranhará, assim, que a revista vá ao ponto de contestar o carácter socialista do movimento revolucionário originado pelo 25 de Abril (número de «Zé Broa»), embora o próprio Partido Socialista reconheça esse carácter (e dizemos isto porque a revista se perspectiva ideologicamente no sentido propugnado pelo partido dirigido por Mário Soares, embora com frequência se situe bastante mais à direita). Se disso precisássemos seria para nós bastante consolador que um espectáculo tão vincadamente anticomunista não possa deixar de ser o que este é: repugnante. Repugnante pelos ataques machistas de que a mulher é alvo (tradicionais neste teatro); pelas constantes piadas às lutas dos trabalhadores, às vitórias e às derrotas revolucionárias; pelas falsidades e injustiças que a enxameiam. Uma vez mais se comprova que o anticomunismo, pelo menos a este nível, é um reflexo de condições culturais, morais e políticas que nos abstemo de classificar. A nuvem de fumo pretensamente progressista com que se pretende enganar algum público assume várias formas, mais grosseiras ou mais subtis. Mais grosseiras em números como «O Socialista», «A Cegada Nacional» ou «O Zé Broa Responde ao País»; mais subtis em «A Batalha da Produção» ou «A Visita da Velha Senhora». Um dos seus truques grosseiros consiste na maneira como nela são denunciados os inimigos da «revolução»: de um lado, os inimigos em abstracto — ou capitalistas (certos capitalistas, claro), os fascistas (certos fascistas, claro); os desordeiros (certos desordeiros, claro). Do outro lado, os inimigos em concreto: o P.C.P. (inimigo da liberdade e vendido ao estrangeiro); a Intersindical (totalitária e fomentadora da anarquia); a Informação (nas mãos dos comunistas e por isso falsa). Os bons, os sacrificados, os puros, os amigos da liberdade, os verdadeiros amigos do Povo, estão todos de um lado (vermelho tingido de laranja); do outro lado, estão os maus, os demónios, os matadores da liberdade, os inimigos do povo, os (sociais)fascistas (diz-se, implicitamente mas de forma a que o público perceba, que os comunistas são iguais aos fascistas!) Como se vê, a estatística que serviu de base ideológica (?) à revista (ou seja, os resultados das eleições: 37 por cento; 28 por cento; 12 por cento) nem sequer é correctamente aplicada. Dir-se-ia que os votos se colocaram todos à direita do P.S.; dir-se-ia que, por um qualquer fenómeno, a votação para o P.C.P. foi negativa.

Misturar alhos com bugalhos é uma das formas de escamotear a verdade e enganar o próximo. O que se diz nesta revista é bem claro: no número «O Bocage e a Liberdade» diz-se que o «Zé, como não tem uma G-3, não é da esquerda, como se as bombas, por exemplo, fossem da esquerdaro; num número aparentemente progressista, e por isso mais perigoso, afirma-se que a reacção não precisa de entrar porque está cá dentro e dizem-se outras coisas igualmente acertadas («A Visita da Velha Senhora»). Ao mesmo tempo, defende-se o VI Governo, como se este Governo nos defendesse da reacção, e insinua-se abertamente que a reacção é alimentada pela esquerda através de manifestações, reuniões, ocupações. Vai-se mais longe, fala-se na «Quinta do sr. Cunhal» (aqui há uma pausa para que o público possa aplaudir, e o público aplaude tal a ânsia em encontrar qualquer coisa a que se agarre e como nada existe, inventa-a); depois a personagem acrescenta: «A 5.ª Divisão». Vê-se como em duas frases se consegue atingir tantos alvos, sem se ter em conta os perigos reais deste tipo de provocações, sem se ter em conta as mentiras que se dizem. No número «Quadro de Rua» critica-se a existência de presos políticos e apontam-se os três milhões e tal de portugueses descontentes (com quê?). No número «Os Ardinas», a vítima é a Informação, com os ataques habituais à Imprensa revolucionária e a defesa da Imprensa burguesa (por exemplo, no «Jornal Novo», Portela diz tudo»). Não faltam piadas ao «República» e à Rádio Renascença (número «O Socialista»). Curiosamente, diz-se a certa altura que «Tudo o que é merda vende-se», o que não parece de acordo com o facto dos jornais revolucionários não se venderem, e os outros sim, como se diz.

Um número como «A Batalha da Produção», inteligentemente concebido e bem interpretado, caricatura a luta dos trabalhadores tendo como ponto de partida as greves, as manifestações, as reuniões em que os trabalhadores participam. Essa caricatura pretende provar — na esteira de afirmações de certos responsáveis políticos — que no País não se trabalha, sem ter em conta circunstâncias, nuances, razões. Quem poderá aplaudir um número como este? Aqueles que de facto trabalham (e nem por isso deixam de participar na actividade política do País) ou aqueles que de facto nada fazem? Piadas do género «Estão ali as camionetas para o comício», «O soldado passou a general», «Isto está entregue à bicharada», «Isto é uma cegada», identificam-se com as piadas que correm nos meios fascistas cá ou lá fora. A palavra Povo é das mais caídas na revista (por exemplo, para denunciar que se está constantemente a falar em nome do Povo, acusando os outros do «pecado» que se está a cometer). Que Povo? Vejamos o número «Zé Broa responde ao País», aliás, de concepção já muito gasta. Para o Zé Broa, que fala alentejano, Povo são os portugueses todos, os que estão cá dentro, os que estão lá fora (elps, etc.), os retornados de Angola. Este Zé Broa consegue ser pior que o escriba do sr. primeiro-ministro. Não admira, por isso que no final do 2.º acto, número de exaltação popular em que são representadas as comissões de moradores dos bairros de Lisboa, apareça entre o «povo» uma burguesa bem arreada com chapéu e tudo — viva o Povo! O número «O Socialista», é uma lamentação sobre a solidão, em que os socialistas teriam sido deixados! Henrique Santana (bêbado e empunhando uma bandeira do P.S.) dialoga com um candeeiro, que desaparece, com a lua que desaparece, com a R.R. que desaparece, com o «República» que desaparece — para além das piadas óbvias, poderá fazer-se uma segunda leitura deste número: pergunta-se por que será o P.S *abandonado* pelas forças progressistas? No número «Zé Broa responde ao País», outra vez H. Santana dá-se com notável convicção a uma operação de lavagem ao cérebro num texto reaccionário por excelência (por exemplo, insinua-se que chamar despolitizado ao povo é chamar-lhe estúpido; a propósito de assaltos a sedes de partidos progressistas no Norte, fala-se em «Primavera de Braga»; afirma-se que o Povo não pode falar, etc.). No número «As 3 lavadeiras» pretende-se sublinhar a superioridade do P.S sobre o P.P.D. (embora seja evidente que este partido é bastante considerado pelos autores da revista) e principalmente sobre o P.C.P. Salvador, que interpreta a Alvarita, calça botas russas, ou coisa parecida, e imita dançarinos russos, numa referência grosseira a acusações de um anticomunismo primário.

«Força força, Camarada Zé!», é, no mínimo, um expectáculo ao serviço daqueles que estão contra o processo revolucionário que pretende a instauração em Portugal de uma sociedade sem classes. Serve os elps, os pides e alguns socialistas. Não serve portanto, as classes trabalhadoras nem a revolução. Está certo.

Gostaríamos que a companhia dedicasse o espectáculo a um grupo de trabalhadores agrícolas do Alentejo, ou do Ribatejo ou a um grupo de operários do Barreiro, por exemplo. É um desafio

Devemos salientar o trabalho de Salvador, Florbela, Carlos Gonçalves e Igor Sampaio, e Cidália Moreira. Alguns números («Os 3 malucos», «A visita da velha senhora», são boas como concepção e como interpretação»).

58 ANOS DE TEATRO

Faz hoje 58 anos que, depois de ver a peça «Marianela», de Perez Galdós, um crítico de teatro denominava uma actriz estreante de «preincesinha do gesto e da atitude». Hoje, D. Amélia deve recordar-se (e de que maneira...) desse dia, que marca o início de uma longa e importante carreira de artista e mulher de teatro.

«DL» assinala a efeméride. Amélia Rey Colaço, 58 anos de teatro: uma vida.

"Bonecreiros" impedidos de actuar num liceu...

Elementos estudantis declarados afectos ao C. D. S. impediram, no passado dia 12, a actuação do grupo profissional de teatro «Os Bonecreiros», no Liceu Padre António Vieira.

O Grupo, que fora contactado pela O. D. A. C. D. — Organização Dinamizadora de Actividades Culturais e Desportivas — daquele liceu, e se prontificara a oferecer o seu espectáculo — o bilhete de ingresso custava a quantia simbólica de 2$50 — viu-se na impossibilidade de o fazer quando, imediatamente após o seu começo, foi interrompido por gritos de «C. D. S.» e «U. N. I. T. A.» bem como outras expressões provocatórias e despropositadas na circunstância, provindas de um grupo de estudantes ali presentes.

Em consequência, «Os Bonecreiros» oferecerão o seu espectáculo na sua sala de Moscavide a todos os estudantes realmente interessados, daquele liceu.

Os "Cómicos" em "tournée"

O Grupo «Os Cómicos» inicou na sexta-feira, dia 14, uma digressão pelo País com o seu espectáculo «A Noite dos Assassinos». Estão previstas actuações em Caldas da Rainha, Aveiro, Porto e arredores, bem como na zona de Lisboa (Moscavide, Setúbal e Almada) e Algarve. Após isto o Grupo regressa às suas instalações no Teatro do Bairro Alto (onde funciona também o grupo «Teatro da Cornucópia») para mais uma série de representações e continuação do trabalho para o próximo espectáculo.

DEPOIS DE AMANHÃ

Música portuguesa na Gulbenkian

. É inteiramente dedicado à música portuguesa do século XX o concerto que a Orquestra Gulbenkian realiza no Grande Auditório da Fundação na próxima 4.ª-feira, dia 19, às 18 e 30, e que será dirigido pelo maestro Silva Pereira e terá a colaboração solística do violinista António Anjos e da violoncelista Maria José Falcão.

O programa, elaborado de molde a proporcionar uma breve panorâmica de diferentes períodos e correntes estéticas da produção musical portuguesa contemporânea, inclui as seguintes obras: *Variações e Fuga Tríplice* de Luís de Freitas Branco, *Concerto para violino, violoncelo e orquestra* de Joly Braga Santos, *Suite* de Francine Benoit e *Sucessões Simétricas iii* de Jorge Peixinho. Esta última obra, que foi distinguida pelo júri do Concurso Gulbenkian de Composição 1974, será agora interpretada em primeira audição absoluta.

CONCERTO COMENTADO

O programa repertir-se-á na quinta-feira, dia 20, às 21 e 15 na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, com apresentação e comentários pelo crítico Humberto de Ávila. Para este segundo concerto os bilhetes são vendidos ao preço único de dez escudos, com desconto para sócios da INATEL, Sindicatos e Instituições de Previdência; e os estudantes terão entrada livre.

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

CONVOCAÇÃO

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato para reunir em **secção eleitoral** no próximo mês de Dezembro, nos seguintes dias e Distritos :

Dia 17 (Quarta-feira): Faro, Santarém e Portalegre

Dia 18 (Quinta-feira): Beja Setúbal e Évora
Dia 19 (Sexta-feira): Lisboa
Dia 20 (Sábado): Lisboa

com a seguinte

ORDEM DE TABALHOS

Único — ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO DE 1976/1977

NOTA: Os locais de votação, assim como o rspectivo horário, serão anunciados oportunamente.

Lisboa, 14 de Novembro de 1975

O Vice Presidente da Mesa da Assembleia Geral em Exercício

António Manuel dos Santos Mendes

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

"O NORTE DÁ O VINHO, O SUL DÁ O PÃO, P'RÁ FRENTE REVOLUÇÃO!" (JOSÉ VIANA)

Só quem esteve com os trabalhadores na manifestação de ontem pode dar conta do entusiasmo, da força popular, da presença de Portugal, do potencial revolucionário que nela convergiram.

Parece estranho dizer-se isto de um acontecimento que a Televisão portuguesa referiu. Pois se a Televisão esteve lá, porquê só quem lá esteve etc.?

Realmente a Televisão esteve presente. No Terreiro do Paço. Mas a manifestação não foi só no Terreiro do Paço. Foi por essa Lisboa fora.

Pelas artérias que convergiam para o Marquês de Pombal. As armas pesadas da guerra pacífica do trabalho que são as betoneiras, os tractores, as escavadoras, os buldozeres, os grandes camiões cheios de trigo-gente, onde nem sequer faltavam as papoilas dos lenços vermelhos na cabeça; os inúmeros cortejos encabeçados por soldados e marinheiros; aquelas filas cerradas onde os militares davam o braço ao povo; a fartíssima presença das mulheres com os filhos ao colo ou pela mão gritando, elas sobretudo, a palavra de ordem que lhes subia do coração à boca (Vasco! Vasco! Vasco!); a chegada sucessiva das comissões de moradores que suscitavam ondas de entusiasmo; os marinheiros e soldados descidos dos caminhões para logo se perderem no mar de gente, no seio da sua gente...

Burocraticamente, a Televisão apareceu. No Terreiro do Paço. Quando a festa ultrapassava os pobres limites da grande sala de visitas de Lisboa. Quando, em vez de quatro câmaras, muitas outras deveriam andar à solta para recolher a grande festa do povo que luta pela sua liberdade. Pela defesa das conquistas da Revolução.

O povo arreganha os dentes. Nada mais. Aliás o bastante para meter medo a certos políticos que falam das minorias, das maiorias, não sei quantos...

POLÍTICA E NÃO POLÍTICA

Antes de mais nada, deve dizer-se que foi extremamente pobre a reportagem da Televisão.

Talvez as condições de luz não fossem muito favoráveis. Talvez a colocação das quatro câmaras não fosse o mais conveniente. A verdade é que abundaram os pontos mortos, as soluções de continuidade, os planos sem qualquer interesse. De longe em longe, um pormenor pitoresco, uma nota da imaginação popular. Pequenas gotas de um oceano de gente — e de casos.

Não devemos sobretudo deixar passar em claro o trabalho do repórter Raul Durão. Sem nos referirmos já à frieza, ao gelo do seu relato. Seria até de louvar, se ela se mantivesse em todas as manifestações.

Há outras situações, porém. Aquela, por exemplo, de ler partes de comunicados doutros partidos que não participavam, não apoiavam ou francamente hostilizavam a manifestação. Como se justifica isso senão como o propósito de aproveitar a manifestação para fazer a contramanifestação?

Por outro lado, Raul Durão entretinha-se a cobrir com a monotonia do seu relato, palavras de oradores ou intervenientes, como foi o caso de José Viana. Nem sequer o hino nacional lhe mereceu um pouco de atenção sob a forma de um quase-nada de silêncio...

Seja como for, a Televisão esteve presente, o que constitui vitória não pequena do povo português.

O povo português precisa, cada vez mais, de estar atento à apropriação, por parte do Governo direitista, dos grandes meios de comunicação, na base de um pressuposto falso: o de que os órgãos pertencentes ao Estado devem servir o Governo. Já houve quem peregrinamente argumentasse que não fazia sentido este ou aquele jornal, que recebem dinheiro do Estado, **atacarem** o Governo.

O que sucede é que o dinheiro distribuido a certos órgãos de Informação não é do sr. Almeida, do sr. Azevedo, do sr. Campinos, do sr. Mota ou do sr. Rosa. Esse dinheiro pertence ao povo português; é ao povo português que os órgãos de Informação devem prestar contas e não ao Governo, porque só ao povo português, e a mais ninguém, devem lealdade.

É curioso verificar como certos vícios antigos se mantêm — e se reforçam. Por exemplo: antigamente, se um padre defendia o povo, fazia política; se um militar tomava posições progressistas, fazia política; fazia política o professor que alinhava com a luta dos estudantes. Mas não fazia política o cardeal que abençoava as tropas colonialistas, o militar presente nas manifestações da A. N. P., o professor kolaboracionista...

Hoje, se um padre luta pela democracia, faz política; faz política o militar que se põe ao lado das forças progressistas; faz política o primeiro-ministro que convive com os operários da Sorefame. Mas não faz política o padre reaccionário que pratica anticomunismo; nem o Presidente do Conselho que papagueia expressões politicamente bem determinadas; nem o Pires Veloso que lança pela boca fora conceitos politicamente bem determinados e aparece feliz e contente ao lado de dirigentes políticos... Não, isso não é fazer política.

Que ideia...

VENCER A CRISE GANHAR A REVOLUÇÃO

A Televisão **portuguesa** (e a palavra **portuguesa** vai sublinhada em atenção dos leitores mais desatentos) esteve presente, como lhe cumpria. Tratava-se de uma grande manifestação do povo **português**. A ausência seria um crime. Ainda mais: seria uma intolerável afronta.

Se é verdade, como ao princípio desta crónica se disse, que a reportagem da Televisão nem de longe nos deu a imagem da grandeza desta manifestação, a verdade é que, mesmo assim, aquele mar de gente foi impressionante. Oxalá esta **força** sirva para mostrar a alguns políticos o verdadeiro significado de expressões tais como **minorias** e **maiorias**. Mesmo com todas as janelas do Terreiro do Paço assim fechadas, há uma verdade que esses políticos e esses militares devem meter na cabecinha: falar de socialismo à margem e à revelia da grande massa dos trabalhadores conscientes não faz qualquer sentido. Constituir um Governo que não reflecte **a força real** da população portuguesa eis aí um

Continua na pág. 18

Tribunal Judicial da Comarca de Sintra

SEGUNDO JUIZO

ANÚNCIO

PROCESSO N.º 1.439/5

1.ª publicação

Por este Tribunal e 1.ª Secção de processos correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando o réu JOÃO MANUEL ALVINA CORREIA, empregado de escritório, que teve a sua última residência conhecida na Rua Morais Soares, n.º 48-4.º, Direito, em Lisboa, para no prazo de vinte dias, decorrido o prazo dos éditos, contestar, querendo, a acção de divórcio que lhe move ANA PERPÉTUA SEGURADO, pelos fundamentos constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra na secção à disposição do citando e cujo pedido consiste em ser decretado o divórcio entre a autora e o réu pelos fundamentos das alíneas f) e h) do artigo 1.778.º do Código Civil, com a nova redacção que lhe foi dada pelo art.º 2 do Decreto-Lei n.º 261/75, de 27 de Maio.

Sintra, 10 de Novembro de 1975.

O Juiz de Direito,

a) **Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa**

O escrivão de Direito,

a) **Luís Amilcar Alvarez Gonçalves**

Hoje

Teatro — «Dança da Morte em Doze Assaltos»

I PROGRAMA

19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **Teledesporto** — as actividades desportivas.
19.55 **Das Artes e Ofícios**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Comunicação do ministro da Agricultura e Pescas, eng. Lopes Cardoso**
21.35 **Teatro** — «Dança da Morte em Doze Assaltos» — de Friedrich Dürrenmatt na tradução de Ricardo Alberty e adaptação de Jorge Listopad. Representação de Carmen Dolores, Álvaro Benamor e Augusto de Figueiredo. Realização de Jorge Listopad.
23.30 **Telejornal** — 3.ª edição
23.35 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série filmada **«Floris von Rosemund»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição do Telejornal transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.00 **S.Marcos do Campo, um Ponto na Paisagem**
22.35 **Expedição**
23.00 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «Dança da Morte em Doze Assaltos» (21.35)

II PROGRAMA

«Floris von Rosemund» (21.00)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Documentário — no nosso jardim infanti **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: Série Filmada; **14.00**: Logo à Noite cartaz dos teatros e cinemas e da TV; **Ciclo Preparatório TV — 14.10**: Ling Portuguesa (2.º ano); **14.35**: Matemática (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.1** Matemática (2.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00**: Trabalhos M nuais (2.º ano); **18.25**: Francês (1.º ano). **2.º Período** — **19.00**: Programa produ do pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: «Os Maluc do Circo» — série filmada; **20.00**: TV Palco — um programa apresentado p Igrejas Caeiro; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estra geiro; **21.00**: Programa Militar do Estado-Maior General das Forças Armada **22.00**: Música, Música! — magazine das músicas apresentadas pelo Departame to de Programas Musicais e Recreativos. Factos, reportagens, entrevistas e destaques nas músicas ligeira e clássica; **23.00**: Telejornal — 3.ª edição; **23.1** Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e Série filmada; **21.30**: Telejornal — em difereido a edição do Telejornal transmitida às 20 e 30 no I Programa; **22.00**: Teatro — «O Motim» — autoria de Miguel Franco. Encenação e realização de Correia Alves; **00.00**: Fecho.

ATENÇÃO AO MONUMENTAL CIRCO MEXICANO

INSTALADO
AV. DA REPÚBLICA
Junto à Feira Popular
HOJE, ÀS 21.45, HOJE

TAL COMO NA CIDADE DO PORTO

O POVO É QUEM MAIS ORDENA

POR ISSO AS LOTAÇÕES ESGOTADAS SÃO A PROVA DA CATEGORIA DO ESPECTÁCULO MÉXICO 75

LEÕES, TIGRES, CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS DUAS

E AINDA O MAIOR DA EUROPA

JOSÉ FREIXO

E SEU PATO DONALTIN

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 — QUINTAS E SÁBADOS, ÀS 16 HORAS — DOMINGOS, 3 ESPECTÁCULOS, ÀS 15, 18 E 21.45

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Laranjeira bate Leitão: Da Costa, Amândio e Tomé ficaram a ver a bola.

BELÉM CONFIRMA

O Belenenses (este sensacional Belenenses de Peres Bandeira) está prestes a conquistar o título de campeão do «Torneio de Honra» da Associação de Futebol de Lisboa: a uma jornada do fim, basta-lhe um ponto para asesegurar o triunfo na prova.

Ontem, na Tapadinha, o público já respondeu em maior número: cá perto, havia só um jogo em Marvila e o espectáculo de Alcântara oferecia dois «shows». Daí o público ter escolhido a Tapada da Ajuda para passar a sua tarde de domingo.

No primeiro encontro da ronda, o Estoril esteve a um passo da vitória sobre o Benfica: aos 31 minutos do primeiro tempo marcou (por Quim) e foi só aos 31 minutos da segunda parte que o Benfica (por Nelinho) chegou à igualdade final (1-1).

No outro jogo, o Sporting chegou a estar a vencer por 2-0 (golos de Jesus aos 5 e 4 minutos) mas deixou-se igualar (Leitão aos 24 minutos da 2.ª parte e também o mesmo jogador, aos 31 minutos, na transformação de uma grande penalidade, por mão de Tomé). Desfecho: 2-2.

Equipas: o Estoril apresentou Ruas; Vieira, João Carlos, Bira e Peixoto; Eurico, Nelson Reis e Quim; Norberto (Torres), Clésio e Cepeda (Canário); o Benfica jogou com Fidalgo; Malta da Silva, Eduardo, Messias e Bastos Lopes; Nelinho, Vítor Martins (Cavungi) e Romeu; Ibraim, (Moia), Domingos e Diamantino. O Belenenses exibiu-se com: Figueiredo; Sambinha, Quaresma, Lima e Esmoriz; Isidro. Pincho e Leitão; Ramalho, Alfredo e Rocha. O Sorting apresentou: Pinhal; Inácio, Laranjeira, Amândio e Da Costa; Valter, Fraguito e Vítor Gomes; Jesus, Garcês e Chico. Ainda na primeira parte Inácio (lesionado) foi substituído por Tomé e Baltasar rendeu Vítor Gomes.

A classificação a uma jornada do fim: o Belenenses segue à frente, com 5 pontos, seguido do Sporting (com 3), do Atlético (com 2) e do Estoril e Benfica (ambos com 1 ponto).

José Domingos, senhor da situação, enquadrado por Clésio, Bira e Nelson Reis

NACIONAIS DE FUTEBOL

Domingo de muitos zeros

Nada mais nada menos do que 15 equipas das 40 que disputam o nacional de futebol da segunda divisão ficaram ontem sem marcar: o que vem apenas provar o ascencente de algumas defesas sobre alguns ataques, ou tão apenas a ineficácia dos sectores avançados de outras, parceiras de jornada, e que chegaram ao fim dos 90 minutos sem que tivessem oferecido ao público das bancadas a alegria de verem marcar um golo. Nos 20 jogos realizados registaram-se apenas dois nulos absolutos (ambos na zona Norte), enquanto que as vitórias mínimas subiram a sete (três da zona Norte e quatro na zona Sul).

Para além destas curiosidades assinale-se o facto da jornada ter proporcionado apenas três vitórias de visitantes (sendo uma única na zona Norte) e 5 empates (2 deles na zona Sul).

Marcaram-se ao todo 42 golos (18 na zona Norte e os restantes na zona Sul), sendo 30 dos visitados e 12 dos forasteiros. Jornada magra de golos a fechar a ideia com que abrimos estes comentários.

Na zona Norte apenas o Penafiel (jogando no sábado à noite) conseguiu um triunfo fora do seu ambiente: foi a Vila Feira triunfar por 3-1; Chaves e Paços de Ferreira (1-1), Vilanovense-Salgueiros (0-0), e Paredes-Alba (0-0), sairam empatados dos respectivos espectáculos, tendo o União de Lamas vencido o Fafe (2-0), o Espinho triunfado sobre o Riopele (1-0), o Varzim arrancado um difícil triunfo (1-0) sobre o Régua, tal e qual o Gil Vicente sobre a Sanjoanense; já o Famalicão conseguiu um 3-1 sobre o Lourosa, enquanto o Sporting da Covilhã conseguiu um expressivo e significativo 3-0 sobre o Marinhense.

Na zona Sul a nota saliente da jornada n.º 10 foi fornecida no encontro entre o União de Leiria e o Almada: a certa altura da 2.ª parte houve invasão de campo, tendo este estado paralisado durante cerca de 15 minutos. Por fim lá prosseguiu ficando-se agora a aguardar o resultado prático desta demonstração de falso desportivismo.

Comentando os resultados friamente, há que sublinhar os triunfos do Peniche em Torres Novas (2-1) e o do Barreirense no campo do Lusitano (1-0); e também os empates que o Sintrense foi buscar ao Montijo (2-2) e o Juventude ao eng. Carlos Salema (1-1). De resto vitórias normais dos donos da casa que somaram quase tantos golos (17) como todos os que se registaram em toda a zona Norte: vitórias do União de Leiria sobre o Almada (1-0), do Torriense sobre o Esperança de Lagos (1-0), do Caldas sobre o União de Santarém (5-0), do Estrela de Portalegre sobre o União de Montemor (2-1), do Portimonense sobre o Marítimo (3-0), e ainda o triunfo do Olhanense sobre o Sesimbra (1-0).

Falando na escala de valores, enquanto na zona Norte o Varzim é o comandante com 16 pontos (avanço de 3 em relação ao trio Riopele, Salgueiros e Gil Vicente), na zona Sul o guia é o Caldas que soma 15 pontos contra 14 do Portimonense e 13 do duo Montijo e Barreirense.

3.ª DIVISÃO

Para a 3.ª divisão nacional também este fim-de-semana se disputaram encontros: eis os resultados e as classificações (resumidas) de cada uma das séries:

. Na Série «A»: Forjães 3 Rio Ave 0; Bragança 1 Tirsense 0; Arrifanense 2 Vianense 0; Aliados de Lordelo 3 Esposende 0; Freamunde 1 Leça 0; Avintes 7 Mondinense 1; Lamego 2 Cabeceirense 1; Vila Real 3 Paços Brandão 0; Limianos 1 Mirandela 1 e Desp. Aves 2 Tadim 0.

Classificação: 1.º, Vila Real, com 16 pontos; 2.ºs, Vianense e Freamunde, com 15; 3.º, Tirsense, com 14. ÚLTIMOS: Paços Brandão e Mondinense, com 4.

Na Série «B»: Lousanense 1 Febres 2; Gouveia 3 Covilhã e Benfica 0; Viseu e Benfica 1 Oliveira do Bairro 1; Marialvas 0 Águeda 0; Ala Arriba 2 Penalva 2; Cucujães 1 Oliveirense 1; União Coimbra 2 Guarda 1; Anadia 5 Académico de Viseu 0; Vildemoinhos 2 Vilanovenses 1 e Tabuenses 0 Naval 1.

Classificação: 1.º, União de Coimbra, com 17 pontos; 2.º Oliveirense, com 15; 3.º, Lousanense, com 14. ÚLTIMO: Tabuense, com 2.

Na Série «C»: Sporting de Pombal 0 O Elvas 0; Loures 2 Electrico de Ponte de Sor 0; Nacional 7 Alhandra 0; Bombarralense 5 Benavente 0; Os Elvenses 0 Alcanenense 2; Alcobaça 0 Portalegrense 3; União de Almeirim 2 Vieirense 1; Cartaxo 4 Campomaiorense 1; Alverca 2 Odivelas 0 e Vilafranquense 1 Marrazes 2.

Classificação: 1.º, União de Almeirim, com 16 pontos; 2.ºs, Odivelas, Portalegrense e Loures, com 14; 3.ºs, Marrazes, Cartaxo e Alcanenense, com 33. ULTIMO: «Os Elvenses», com 2.

Na série «D»: Desportivo de Beja 2 Olivais 0; Luso 3 Quarteirense 1; Casa Pia0 União de Santiago 2; Costa da Caparica 1 Sacavenense 1; Cova da Piedade 1 Seixal 1; Estrela Vendas Novas 2 Lusitano de Vila Real 0; Amora 1 Sambrazense 0; Paio Pires 0 Rosairense 1; Vasco da Gama 1 Alcochete 0 e Moura 1 Odemirense 0.

Classificação: 1.º, Vasco da Gama, com 18 pontos; 2.º, Desp. Beja, com 14 e 3.º, U. Santiago, com 13. ÚLTIMOS: Sambrazense e Paio Pires, com 4.

TOTOBOLA
Boletim com "13"

Feirense - Penafiel	2
Espinho - Riopele	1
Paredes - Alba	X
Vilanovense - Salgueiros	X
Chaves - Paços Ferreira	X
Famalicão - Lourosa	1
União Leiria - Almada	1
Oriental - Juventude	X
Torriense - Esp. Lagos	1
Torres Novas - Peniche	2
Portimonense - Marítimo	1
Lusitano - Barreirense	2
Olhanense - Sesimbra	1

INGLATERRA À VISTA:

Quem pensa na selecção?

Uns dedicam uma atenção muito especial aos trabalhos da selecção: estágios em hoteis de luxo, jogadores que não podem alinhar mas que continuam «encostados» à despesa federativa; outros, não ligam nenhuma, pois nem sequer tratam de assegurar que o electricista do Estádio José Alvalade assegurasse a luz para o treino programado. Esperemos, agora, que alguém garanta o rodar do botão na próxima 4.ª feira....

Uma vez que Alvalade estava às escuras, Pedroto ainda entou o Restelo: mas, aqui, tambem as trevas não se desfizeram. E foi assim que a selecção «A» ontem não treinou, conforme indicava o plano previamente traçado.

Oliveira e Jordão não recuperarão a tempo de actuar frente à Inglaterra: todavia, continuam em estágio...entregues aos trabalhos, do dr. Camacho Vieira. Tambem, Alves e Octávio estão ainda «tocados», mas poderão recompôr-se a tempo de actuarem frente aos ingleses.

No que diz respeito às «esperanças», já estão na velha Albion e estão confiantes: Vital é efectivo, saindo Júlio. Será necessária uma vitória por dois golos de diferença: por isso há (mesmo) esperanças...

À chegada a Londres as bagagens de Tibi e Sheu foram «assaltadas»: mas nada faltou.

A META: MIL JOVENS

Sporting abre as portas a chutadores infantis

O Sporting pensou e a obra nasceu: mil jovens vão participar num torneio de futebol. Os órgãos de Comunicação Social foram convidados a tomar conhecimento dos pormenores em que o torneio irá decorrer, tendo usado da palavra (durante uma reunião em Alvalade) o dirigente Fernando Delgado. Assim, ficou a saber-se que o torneio principiará já no próximo dia 29 e que todos os jogadores inscritos têm de actuar; que foi alterado o espírito de um ponto do regulamento que passa a permitir que os jovens que tenham completado 13 anos depois de 1 de Agosto de 1975, também poderão participar; e que o Totobola disse **não** à iniciativa, por não ter sido previsto o respectivo patrocínio.

Paralelamente a este torneio, a organização leva a efeito algumas iniciativas extra-desportivas, como sendo exposições de pintura, desenho, trabalhos manuais e teatro. Os trabalhos de pintura e desenho serão subordinados ao tema «Desporto e Futebol».

O prazo das inscrições termina no próximo dia 20 e todos os pedidos de esclarecimento podem ser solicitados no Estádio José Alvalade, a qualquer hora do dia

MOSCOVO 80:

As Olimpíadas

MOSCOVO — **Estamos convencidos que os Jogos Olímpicos de Moscovo se realizarão nos prazos já fixados e que o seu nivel de organização será consideravelmente elevado**, declarou Alexandre Gresco, secretário-geral do Comité de Organização dos J. O. de 1980, respondendo às perguntas do redactor da revista soviética «Fiscultura e Sport» («A Cultura Física e o Desporto»).

Fazendo o balanço dos trabalhos já realizados, Gresco sublinhou a importância das comissões do Comité de Organização (que são 17) nomeadamente, as de organização de provas, urbanismo, assistência médica, transportes, comunicações, informação e propaganda, recepção e instalação, e, ainda, relações externas.

A prova tem suscitado enorme interesse, tendo o Comité de Organização recebido propostas, não só de diversas cidades da URSS mas, também, de outros países.

A capital soviética dispõe de numerosos centros desportivos, devendo-se destacar que, em 1980, novos centros entrarão em funcionamento: um estádio coberto para boxe e basquetebol, na Av. da Paz; um salão desportivo com 5000 lugares para provas de halterofilismo, em Ismailovo; uma piscina com tribunas para 10 000 lugares, na vizinhança da Av. da Paz; uma sala de desporto no **«Estádio Central Lenine»**, para torneios de voleibol; uma pista de ciclismo coberta, com tribuna de 6000 lugares: um circuito de ciclismo na região de Krilatskoi e, ainda, outros empreendimentos.

Novas instalações desportivas surgirão também em Talin, onde as regatas olímpicas serão disputadas. Numerosos centros desportivos de Moscovo e Talin serão remodelados, com vista aos treinos dos futuros participantes nos Jogos Olímpicos.

Está prevista a construção de uma aldeia olímpica, perto da Av. Mitchurin, preparada para receber 12 000 desportistas.

Em 1980, será construido um

Continua na pág. 17

Desporto

E ESTA?

Ciclistas amadores reclamam dinheiro

O que é preciso é acabar com o profissionalismo no nosso ciclismo: esta, a tónica que tem sido batida, defendendo-se a pratica do ciclismo como Desporto a sério, longe das ambições do dinheiro (pouco) que ele dava aos ciclistas. Por isso, os amadores vieram a primeiro plano: foram à «Volta a Toledo», ao «Grande Prémio Clock» e à «Volta à Bulgária». Apenas para participarem. Nunca para ganharem dinheiro.

O tempo passou: e, agora, os ciclistas que estiveram ao serviço da selecção reclamam o pagamento dos dias em que não trabalharam nos seus ofícios, bem como do material de que necessitaram para as provas já referidas.

A reclamação ultrapassou já o ambiente federativo: ontem, na Malveira, os ciclistas começaram a falar e a dizer coisas. Que a Federação havia recebido dinheiro destinado aos atletas (amadores) e que ainda o não tinha distribuído. Levantam-se vozes: nem um «Coca-Cola» me pagaram...

Estala (assim) uma «bronca» no mundo do ciclismo amador: uma «bronca» que está estritamente relacionada com dinheiros; esse vil metal que estabelece a diferença entre um amador e um profissional.

Esta, não lembrava ao diabo: os amadores zangarem-se com a Federação, por causa de dinheiro que não receberam (ainda).

AUTOMOBILISMO — GRANDE PRÉMIO DO A.C.P.

Clemente Ribeiro da Silva título assegurado (T. Série)

Teve fraco interesse desportivo o Grande Prémio do Automóvel Clube de Portugal ontem realizado no Autódromo do Estoril, prejudicado por um conjunto de circunstâncias provavelmente difíceis de prever pelos organizadores na altura da marcação da prova.

Clemente Ribeiro da Silva, apesar de ter sofrido um despiste sem consequências, classificou-se em 5.º lugar mas assegurou o título de campeão nacional de Velocidade em Turismo de Série, culminando uma temporada em que se destacou com certo relevo.

Na corrida mais importante da tarde, para carros dos Grupos 1, 2, 3, 4 e 5 acima de 1300 cc «Lumaro» no seu habitual GRD foi o vencedor esperado. A falta de um número suficiente de carros, um dos problemas de sempre do nosso automobilismo desportivo agora bastante agravado, tem obrigado a reunir na mesma corrida automóveis dos mais diversos tipos. É um recurso que apenas revela a crise (natural) de uma modalidade cuja única possibilidade de sobrevivência se encontra na sua total rees truturação em bases totalmente novas.

As restantes provas tiveram como vencedores Ramiro Fernandes (Iniciados até 1000 cc), Santinho Mendes (Nacional até 1300 cc), Inverno Amaral (Iniciados 1000 a 1300 cc) e Fonseca Vieira (Iniciados mais de 1300 cc).

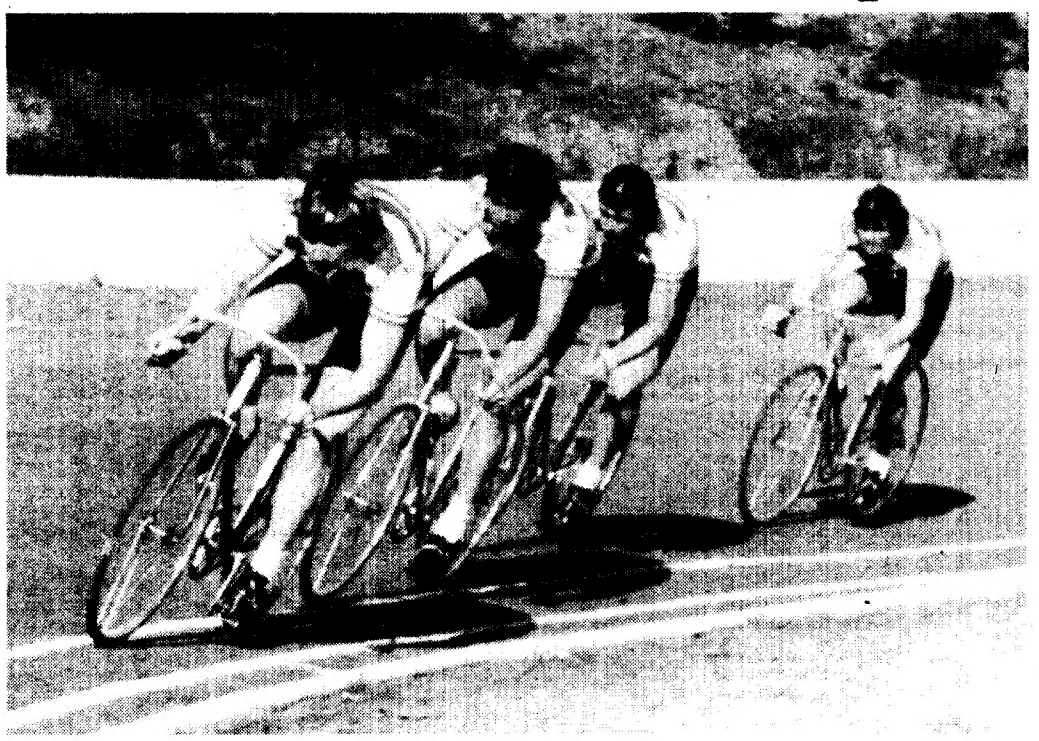
Iniciados — Zona Sul — (até 1000 c. c.) — 1.º, Ramiro Fernandes (Fiat 127), 25.44,85; 2.º, Nuno Duarte PKEreira (Morri Mini), 27.14,65; 3.º, «Manarf», (Austin Mini), 27.35,12.

Nacional de Velocidade — (até 1300 c. c.) — 1.º, Santinho Mendes (Simca Rallye 2), 23.40,21; 2.º, Linhares Andrade (Simca Rallye 2), 23.45,37; 3.º, virgílio Ferreira (Datsun 1200 GX), 23.56,01.

Iniciados — Zona Sul — (de 1000 a 1300 c. c.) — 1.º, Inverno Amaral (Datsun 1200), 24.35,56; 2.º, Barbosa Quintas (Datsun 1200), 24.53,04; 3.º, Madeira Alves (Morris 1275) GT), 24.53,47.

Nacional de Velocidade — gr. 1, 2, 3, 4 e 5, mais de 1300 c. c.) — 1.º, «Lumaro» (GRD), 20.50,43; Bernardo Sá Nogueira (Alfa Romeo 1300 GTA), 21.43,85; Xavier Moreira (Alfa Romeo 1750 GTV), 22.09,90.

Regional de Iniciados — Zona Sul — (mais de 1300) — 1.º, Fonseca Vieira (Opel), 25.46,73; Luís Santos (Ford Capri), 26.00,73; 3.º, Paulino Sequeira (Alfa Romeo 2000 GTV), 26.01,25.

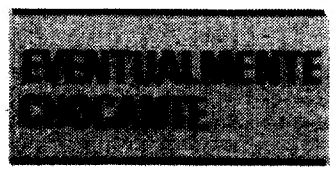


Manuel Gomes: o mais rápido

. . O Sporting fez razia nos campeonatos nacionais de ciclismo, em pista. Aqui vemos, no comando, Manuel Gomes que conseguiu o título de velocidade e, com estes companheiros (José Gonçalves, Joaquim Carvalho e José Amaro contribuiu para a vitória por equipas. Outros desfechos, agora em **amadores seniores**: Perseguição — Sporting (Marco Chagas, Alfredo Gouveia e Francisco Martinho), em 4 m 51 s e 4/5. Individualmente venceu Francisco Martinho (Sporting), 5 m 18 s e 2/5. Velocidade — António Machado (F. C. Porto), 14 s.

Amadores juniores: Perseguição — Manuel Carvalho (F. C. Porto), 2 m. Velocidade — Belmiro Silva (F. C. Porto), 14 s.

Amadores populares: Perseguição — Pinheiro de Loures (António Monteiro, Belchior Silva e Manuel Santos), 5 m 19 s 4/5. Individualmente venceu José Bispo (Sangalhos), 5 m 11 s 1/5. Velocidade — Carlos Santos (P. Loures), 14 s.



A jóvem Associação de Atletismo do Minho viu interdita a inscrição na Federação da modalidade, após acesa controvérsia gerada durante um congresso associativo que se espraiou por várias horas de discussão e luta bairrista.

Êxito para a I Meia Maratona da Nazaré: 174 concorrentes estiveram nos 21 095 metros do percurso. Vencedores: Anacleto Pinto, do Benfica (seniores), Luís Saldanha, do Stella Maris (juniores), o individual António Riscado (populares) e Manuel da Silva (em veteranos).

Notável triunfo para Os Ases das Avenidas que, em conjunto com a Comissão Administrativa da Junta da Freguesia de Fátima, levaram a cabo várias competições de Atletismo através das ruas do bairro de Fátima (Lisboa). Presenças: 1107. Nomes mais destacados nas diferentes provas femininas: *ESCALÃO — A* (nascidas em 1966/67) distância aprox. 1000: 1.ª, Paula Romão, St.ª Iria da Azoia; 2.ª, Isabel Vilaça, Quinta do Morgado; 3.ª, Paula Ferreira, Olivais-Sul. *ESCALÃO - B* (nascidas em 1964/65), distância aprox. 1300 m: 1.ª, Fernanda Pacheco, Cuf; 2.ª, Graziela Guerreiro, Ases das Avenidas; 3.ª, Maria de Sousa, St.ª Iria de Azoia. *ESCALÃO - C* (nascidas em 1962/63), distância aprox. 1.500 m: 1.ª, Adelaide Romão, St.ª Iria de Azóia; 2.ª, Lúcia Fernandes, Cuf; 3.ª, Maria Rito, Cuf. *ESCALÃO - D* (nascidas em 1960/61), distância aprox. 1500: 1.ª, Clementina Cardoso, Ases das Avenidas; 2.ª, Esmeralda Cardoso, Olivais-Sul; 3.ª, Anabela Duarte, Ases das Avenidas.

Provas masculinas: *ESCALÃO - A* (nascidos em 1966/67), dist. aprox. 1000 m: 1.º, Luís Carlos Silva, Ases das Avenidas; 2.º, Fernando Santos, Olivais-Sul; 3.º, Cândido Vaz, L. C. Rio de Janeiro. *ESCALÃO - B* (nascidos em 1964/65) dist. aprox. 1500 m: 1.º, José Manteigas, Quinta do Morgado; 2.º, Joaquim Galante, Belenenses; 3.º, Manuel de Sousa, Quinta do Morgado. *ESCALÃO - C* (nascidos em 1962/63) dist. aprox. 2000 m: 1.º, Albano Domingos, Olivais-Sul; 2.º, António Gomes Almjeida, Ases das Avenidas; 3.º, Carlos Gouveia, Quinta do Morgado: *ESCALÃO - D* (nascidas em 1960/61) dist. aprox. 2500 m: 1.º, José Luís, Ases das Avenidas; 2.º, José Dias, Ases das Avenidas; 3.º, António Nunes, Bairro Angola.

Equipas concorrentes: Ases das Avenidas, Comissão de Moradores da Quinta do Morgado (a turma mais numerosa), Clube de Cultura e Desporto dos Olivais-Sul, Clube de Futebol «Os Belenenses», Clube Atlético Rio de Janeiro, Bairro da Sacor, Bairro da Palhota, Sport Lisboa e Benfica, Cuf, Grupo Excursionista «Os Económicos», Comissão de Moradores do Bairro Angola, Comissão de Moradores do Rego-Sul, Freguesia de Fátima, Comissão de Moradores das Galinheiras, Comissão Dinamizadora de Santa Iria de Azoia e Alto do Pina F. Clube.

Novo triunfo do F. C. Porto, em cortejos futebolísticos no Perú: 3-0 ao clube Juan Aurich, com todos os tentos apontados por Seninho. O «team» azul: Rui; Murça, Ronaldo, Teixeira e Simões; Airton, Gabriel e Albertino (Leixões); Seninho, Cubillas e Dinis.

Em jogo particular, o Farense foi a Setúbal vencer o Vitória por 3-2. As turmas que abriram o espectáculo:

VITÓRIA — Joaquim Torres; Manaca, Carlos Cardoso, Matine e Caica; Jaime Graça, Carvalho e José Maria; César, Narciso e Arcanjo.

FARENSE — José Armando; Jaime, Sério, Viola e Cardoso; Almeida, Domingos e Manuel José; Chico Zé, Mirabaldo Jacques.

Substituições farenses, pelo tempo adiante: Carlos Pereira (rendendo Domingos), Sequeira, Lampreia e Manuel Fernandes (para os lugares de Jaime, Cardoso e Mirobaldo). O Vitória exibiu na 2.ª parte, quase um «team» totalmente diferente do inicial: Torres; Lino, Sabu, Coíca e João Cardoso; Lito, Vagner e Quim; Formosinho, Alfredo e Edson.

As Marias do Benfica, voleibolistas campeãs nacionais, perderam (1-3) o jogo da primeira «mão», para a Taça dos Campeões Europeus, que realizaram em Atenas, perante as gregas do Zaon. As benfiquistas alinharam com Maria Carlos Palma, Teresa Pimentel, Isabel Cruz, Olga Cunha, Conceição Roriz, Teresa Palma, Conceição Posser, Teresa Cunha, Lúcia de Sousa, Luísa Costa, Margarida Cruz e Paula Antunes. O jogo complementar da eliminatória tem lugar no próximo sábado, na Luz.

No «Torneio do Algarve», em xadrez, Joaquim Durão empatou com o «grande mestre» soviético Averbach.

A sportinguista Madalena Gentil é campeã lisboeta feminina, em ténis de mesa. Rui Olivença (Águias) e António Oliveira (Centro Católico) são campeões de Juniores, nas duas séries em que se dividiu a competição.

Resultados de mais uma ronda do nacional de andebol: Beira Mar-Porto, 11-15, A. S. Mamede-Técnico. 19-10; Passos Manuel-Benfica, 11-28; Almada-Boa Hora, 18-16; C.A.C.O. Belenenses, 12-19 Sporting e Setúbal têm um jogo em atraso.

Futebol Benfica e Palmense são os primeiros «leaders» do «Torneio de Abertura», de hóquei em campo, a ocorrer em Lisboa.

O Sporting arrebatou o troféu «António Xavier», em luta greco-romana.

Dada a extraordinária afluência de novos praticantes em todas as suas modalidades gimnodesportivas, que levaram à saturação da quase totalidade das 80 classes que iniciaram a actividade em princípios de Outubro, o Ginásio Clube Português, presentemente a lutar com falta de salas para as horas de maior afluência, viu-se forçado a adoptar soluções de última hora para satisfazer um maior número de praticantes.

Assim, vão entrar em funcionamento naquele clube, mais as seguintes classes e modalidades:

Tiro de pressão de ar. em orário a estabelecer.

Ginástica educativa — Classe mista: para crianças de 4/5 anos às 18 e 45 de 3.5s e 5.5xs feiras, pelo prof. Sidónio Serpa Jr.; Classe Feminina (12 aos 16 anos): das 12 às 12 e 45 de 2.ª, 4.ª e 6.ª feira, pela prof. Maria Andressen Leitão.

Ginástica de manutenção — Classe Femina (mais 18 anos): das 12 e 45 às 13 e 30 de 2.ª, 4.ª e 6.ª feira, pela prof. Maria Andressen Leitão; e Classe Mista, para praticantes com mais de 60 anos: às 15 e 30, pela prof. Teresa Abrantes. Trata-se do lançamento de uma classe inédita em Portugal.

Ballet — Classe de Manutenção: para senhoras, às 17 horas de 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, pela prof. Georgina de Villas-Boas.

Dança moderna — Casse mista: das 18 às 19 horas, de 3.ªs e 5.ªs feiras, pela prof. Maria Andressen Leitão.

Aikido — Casse mista: para mais de 15 anos, às 2.ªs e 6.ªs feiras, das 12 e 30 as 13 e 30, do pro. Georges Stobbaerts.

Clube da Criança — para todas as crianças dos 3 aos 7 anos, de 2.ª a 6.ª feira, das 16 e 30 às 20 horas. Esta iniciativa resolve muitos problemas dos pais trabalhadores, que não sabiam a quem deixar os filhos depois da sua saída das escolas.

Um tribunal de Palermo condenou a três meses de prisão, com a pena suspensa, Rosário di Vincenzo, ex-guarda-redes do Brindisi Futebol Clube, por ter lesionado de propósito um adversário. Este (Giorgio Barbana, avançado do Palermo) sofreu fractura de duas costelas.

O caso passou-se em 1973 num encontro do campeonato entre as duas equipas e esta foi a primeira vez que um futebolista italiano sofreu uma condenação em tribunal por um incidente de jogo.

As Olimpíadas

Continuação da pág. 16

complexo para o Centro de Imprensa e para o Comité de Organização dos Jogos Olímpicos, com um sistema de comando e de informação automatizado, na região do «Estádio Central de Lujinik».

Segundo as previsões, em 1980, Moscovo receberá 7000 jornalistas desportivos estrangeiros e 1500 soviéticos. Paralelamente ao Centro de Imprensa principal, funcionarão 15 a 18 centros secundários.

Alexandre Gresco sublinhou que a construção de novos centros desportivos e de outros empreendimentos para os J. O., assim como a remodelação dos já existentes, não constitui qualquer obstáculo à construção em grande escala de alojamentos na capital soviética.

TOTOBOLA
Jogue connosco

Braga - Benfica	2
CUF - Farense	x
Sporting - Belenenses	1
Leixões - União Tomar	1
Beira-Mar - Porto	2
Estoril-Guimarães	x
Fafe - Vilanovense	1
Oliveirense-Sanjoanense	x
Chaves-Varzim	2
Beja - Portimonense	2
Lusitano - E. Portalegre	2
Sesimbra - Olhanense	x
Almada - Caldas	x

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

permanente factor de crise. Um destino revolucionário só se conquista com um Governo revolucionário. O futuro ganha-se com as forças que são o futuro (as da classe operária) e não com as forças do passado (as forças da burguesia decadente).

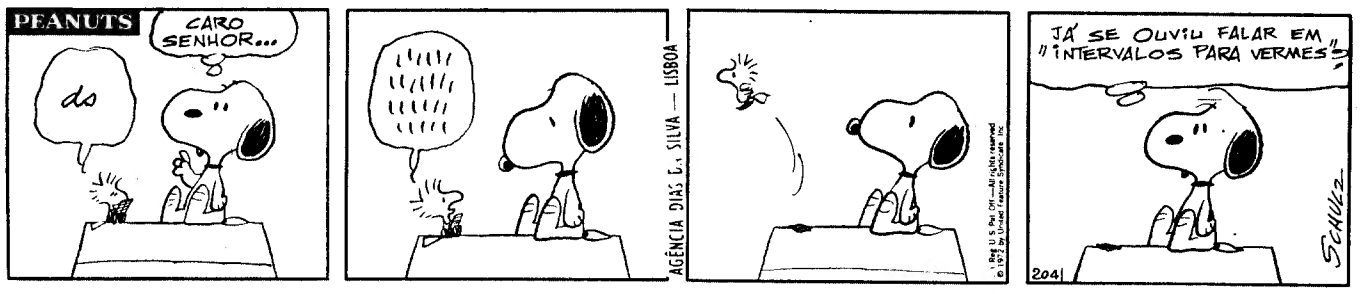
A alternativa deste Governo é um Governo de esquerda. Foi o que quis significar a manifestação de ontem. Aquela manifestação foi um voto de desconfiança no actual Governo. Como o foram já as manifestações dos metalúrgicos e da construção civil.

Portugal inteiro ontem viu um dos mais belos momentos da vontade popular.

Portugal foi testemunha.

Os insensatos, esses, assumem grandes responsabilidades. É muito difícil argumentar com as **minorias** quando aquele **écran**, cheio de gente até perder de vista, se mete pelos olhos dentro.

E, o que é mais importante, sem qualquer truque.



Afirmam organizações políticas

"O VI GOVERNO TRAI O M.P.L.A."

Em conferência de Imprensa efectuada esta manhã prenunciaram-se sobre Angola o P.R.P., o C.I.D.A.C., a L.U.A.R., o M.D.P./C.D.E. e o M.E.S., considerando estas organizações políticas que o «VI Governo Provisório está a trair o M.P.L.A.»

Assim, Luís Moita, do C.I.D.A.C., afirmou que o«o M.P.L.A. se sente melindrado pela actuação do presente Governo.» Acentuou que em Luanda não existe ambiente de guerra. Na sua opinião, «em Lisboa existia um ambiente mais pesado.»

Por sua vez, Nuno Teotónio Pereira, do M.E.S., depois de ter mencionado tambem «a amargura do M.P.L.A.», disse que o VI Governo tem compromissos com o imperialismo. Daí não ter ainda reconhecido o Governo daquela ex-colónia portuguesa.

Palma Inácio, da L.U.A.R., disse igualmente que o ambiente de Lisboa era mais ameaçador do que o de Luanda. Fez alusões não correctas a notícias sobre o problema angolano insertas na nossa Imprensa.

Carlos Antunes, do P.R.P., sublinhou que «é impossível o nosso País tornar-se independente sem fazer uma frente comum com todos os povos anti-imperialistas, e, em particular, com os das ex-colónias portuguesas.»

Tengarrinha, finalmente, referiu-se ao desenvolvimento do Poder Popular em Luanda, a existir cada dia mais nos bairros, nos musseques, nos centros de trabalho, etc.

ATLANTICA LINE
GÉNOVA
USA/CANADÁ
Servindo como normalmente os portos de
ST. JOHN, MONTREAL, TORONTO, NEW YORK, BOSTON, BALTIMORE, PHILADELPHIA, NORFOLK, LOS ANGELES e SAN FRANCISCO
Próximas saídas de Lisboa:
ATL. «MARSEILLE» em 20 do crt.
ATL. «IBÉRIA» em 28 » »
ATL. «LIVORNO» em 5 de Dezembro
ATL. «GÉNOVA» em 12 » »
Serviço totalmente contentorizado
OS AGENTES GERAIS:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 - Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal
AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY E BARROS, LEITE, LDA.

Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBIO

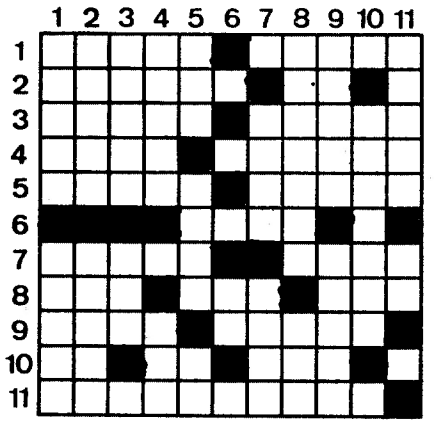
PROBLEMA N.º 11238

HORIZONTAIS:

1 Visão. Mulher que foi amada por Petrarca.
2 Frutos silvestres. Quinhentos e um em romano
3 Rebolar. Esmurrar.
4 Içai. Estacionara.
5 Curar. Racho.
6 Mamífero desdentado espécie de tatu.
7 Sugar o leite materno. Ilha do Pequeno Belt.
8 Espádua. Azáfama. Executa.
9 Transpirar. Prendeis com elos.
10 Apelido. Prefixo de negação. Rio de França.
11 Chegasses.

VERTICAIS:

1 Atravessas. Abalo.
2 Sacrifica. Causas amuo a.
3 Relativo ao Sol. Triture.
4 Atraiçoe. Curso de água natural e abundante. Dois mil em romano.
5 Rio da Suíça. Invulgar. Milímetro.
6 Crença.
7 Divisão de uma casa. Fileiras.
8 Venerara. Suspiros.
9 Dás uivos. Apure.
10 Arrostaras.
11 Espécie de andorinha. Pintor francês autor de «O Cego de Toledo» (inv).



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

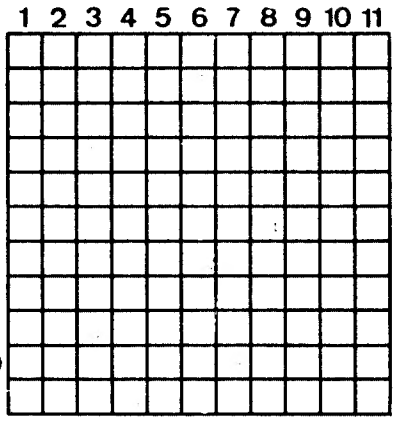
PROBLEMA N.º 7399

HORIZONTAIS:

1 Pessoa notável (fig). Freguesia do concelho de Bardez.
2 Tombas. Apelido.
3 Salto brusco do cavalo. Bico de varruma. Olé.
4 Preposição. Antiga cidade da Polónia. Brisa.
5 Província da China, ao N.de Tonquim. Lavrava.
6 Nome de mulher. Ramalhete.
7 Sódio (s.q). Sadia.
8 Filtra. Larva das feridas dos animais. Grande quantidade.
9 Nesse lugar. Verbais. Rádio (s.q).
10 Salvo. Ponham a data em.
11 Uma das Espórades. Desenruga.

VERTICAIS:

1 Vim em socorro. Ergueis.
2 Povo da Trácia. Interjeição usada no Algarve para chamamento.
3 Irmã da mãe. Romanie de Emílio Zola. Preposição.
4 Reis. Preposição. Sufixo que designa abundância.
5 Bazófia. Bois selvagens.
6 Transpira. Época.
7 Mãe de Ismael. Ópera de Verdi.
8 Artigo definido. Lavras. Chiste.
9 Aldeia indiana de que procede o termo gancar. Desejar. Pronome pessoal.
10 Limpo com água. Rezes.
11 Ave trepadora. Come (pop).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11237

HORIZONTAIS:

1 DA. Camarões.
2 Amornara. Sa.
3 Na. Ois. Pi.
4 Oásis.
5 ABUNDÂNCIA.
6 Vira. Rua.
7 Asaram. Item.
8 Cracas. Eia.
9 VA. DVI.
10 Erradiarias.
11 Maomé. Rios.

VERTICAIS:

1 Dancava. VEM.
2 Ama. Biscara.
3 Curar. Ro.
4 Cró. Nara. Am.
5 ANI. Acede.
6 Mas. Arma.
7 Ar. ONU. Soar.
8 Ra. Açai. Ri.
9 O. Si. TÉDIO.
10 Espia. Elvas.
11 Sais. Amais.

PROVÉRBIO: Da abundância vem o tédio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7398

HORIZONTAIS:

1 Me. Taipa. Cu.
2 Arcar. Arrás.
3 Trair. Raiva.
4 Asso. Titã.
5 Tai.
6 Im. Sa. Dá. Co.
7 Comer. Atra.
8 Irem. Aula.
9 Lás. Gap. Mad.
10 Il. Girar. Dl.
11 Assem. Gamão.

VERTICAIS:

1 Mat. Sicília.
2 Erra. Morais.
3 Casa. Mês.
4 Tais. Sem. Ge.
5 Arrotar. Gim.
6 Dar.
7 Partida. Pag.
8 Arai. Ata. Rã.
9 Rita. Rum.
10 Cava. Calada.
11 Usa. Ro. Adio.

Bares e Restaurantes Típicos

BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596*264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

Rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Música variada
19.25 Fados e guitarradas
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de teatro, por Joaquim da Assunção
22.05 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 Ópera
17.25 Música de tecla
68.00 Antologia sonora
18.40 Sinfonia n.º 9, de Mahler
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Sonata n.º 2, em i menor, op. 64, para piano, de Shostakovich
21.00 Primeira parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica Juvenil
21.52 Quatro madrigais, de Gesualdo da Venosa
22.10 Trio em mi bemol maior, op. 11, n.º 2, de Schubert
23.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Música sinfónica
01.00 Fecho

Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 MHz

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
22.30 «A Missa de Nossa Senhora», de Machaut
23.05 Música sinfónica
24.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Emissor De Lisboa — Onda Média, 299,18 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283.6 — 782 KHz — Emissão contínua

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.06 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

Tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10º
P. DOURADAS	
COIMBRA	2º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	13º
FARO	15º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 27,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 1,7º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,1º
Atmosfera	12,0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.03	3,7 m	8.39	1,1 m
15.20	3,7 m	20.53	1,0 m
Dia 18			
3.39	3,8 m	9.14	1,0 m
15.56	3,7 m	21.26	0,9 m
Dia 19			
4.13	3,9 m	9.48	0,9 m
16.30	3,8 m	21.59	0,9 m

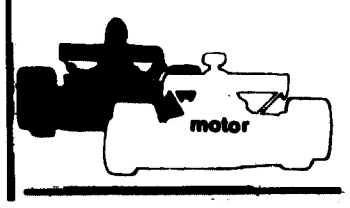
PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, alternando com abertas; vento moderado predominando de Norte, soprando por vezes com rajadas fortes; aguaceiros em especial nas regiões do Norte e centro; descida acentuada de temperatura.

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.21
OCASO ÁS 18.22

DIA 18 · DIA 26 · DIA 3 · DIA 10



Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO P-1

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Probidade, Rua de Alcântara, 15-A (tel. 638589)
ALTO DE SÃO JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (tel. 843439)
ALVALADE
Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A/B (ao Pote de Água) (tel. 710131)
ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque D'Ávila, 25/31 (tel. 47088)
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (tel. 724941)
BAIRRO ACTORES
Esperança, 101-B (tel. 722868)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.ª Casas Novas lote 66 (tel. 310172)
BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (tel. 321289)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel. 650760)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (quinta das Mouras) (tel. 794174)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B/C (Tel. 720703/728395)
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (tel. 42312)
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (tel. 383800)

TURNO P-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Dilena, Dua Aliança Operária, 49-A/B (tel. 636620)
ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (tel. 774682)
Estados Unidos, Avenida Estados Unidos da América, 16-B (tel. 725859)
AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (tel. 680627)
ANJOS
Gois, Rua dos Anjos, 12-C (antiga Rua Registo Civil) (tel. 840101)
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) (tel. 763107)
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A (à Rua do Casquilho) (tel. 708242)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (tel. 666206)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181)
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54 (tel. 862835)
LAPA
Alb, Rua de Santana à Lapa, 156 (tel. 663562)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704)
SÃO PAULO
Açoreana, Largo Conde Barão, 2 (tel. 661330)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Av. Luís Bívar 11 (tel. 44324)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.9710231)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T.213161)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Toda a noite
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Toda a noite
MURTAL
Primavera, R.das Parreiras, 2 (T.2472278). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (T.260087). Até às 22 horas
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; **Misericórdia**, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R.Capitão Leitão, 21-A (T.2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Alianca, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207)
COVA DA PIEDADE
Louro
HOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Higiene, R.Frei Agostinho da Cruz (T.22408); **Portugal**, R.Camilo Castelo Branco (T.23211)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 25

ATÉ ÀS 22 HORAS

Foz, Rua Senhora da Luz, 380-Foz; **Alírio de Barros**, Rua de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua de Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua de Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto, 148; **Correia**, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Couto**, Largo de S. Domingos, 106; **Lapa**, Rua Antero de Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

A PARTIR DAS 22 HORAS

Lapa, Rua Antero de Quental, 211; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348 e **Central**, Rua de Santo António, 203

COIMBRA

Dias erreira, R.do Brasil, 70 (T.26046); **Higiene**, R. Fernandes Tomás, 41 (T.22 634); **Santa Curz**, R.das Padeiras, 94 (T.23569)

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Mão no Ar e o Pé Atrás!»

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»

TRINDADE
21.15 (10 anos)
«La Bohéme»

VILLARET
21.30 (13 anos)
«Pascoal»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Veredicto»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»

JARDIM
21.00 (13 anos)
«E Continuavam a Chamar-Lhe Filho da...»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Dorothea»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«As Confidências de um Leito Muito Acolhedor»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«O Monge»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«A Borboleta de Sangue»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
Clube
21.30 (18 anos)
«Irma la Douce»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Emanuelle»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«A Viagem»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (13 anos)
«A Raiva do Tigre»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«P'ra Trás Míja a Burra»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (13 anos)
«O Soldado e o General»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«A Casa dos Diamantes»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Karate em Hong-Kong»

PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Joe Hill»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Pecados em Família»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família«

COLISEU
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Professora»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Uma Jovem como Eu»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Madly, a Outra Mulher»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (6 anos)
«Um Rei em Nova Yorque»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Sonhos do Passado»

S.TEOTÓNIO
21.15 (14 anos)
«A Golpada»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família»

cinemas • cinemas • cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

UM DIA DE SOL

Um filme de Joseph Sargent

Uma história de Amor... hoje para si que é jovem

APOLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BALBÚRDIA NO OESTE

Hoje às 24 h. Grupo D./18 anos

«UM LUGAR PARA AMAR»

de Victório de Sica

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 21.15

Int. a menores de 18 anos

5 mulheres violadas!
A sua vingança

ACTO DE VINGANÇA

um filme de Robert Helljchian

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

Int. a menores de 18 anos

O sexo, o sonho, a droga e depois...

O DIA DA VIOLÊNCIA

um filme de Roger Carman

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Int. a menores de 18 anos

PÂNICO EM NEEDLE PARK

O problema da droga num filme de Jerry Schatzferg

C/ Al Pacino e Kitti Winn

Prod. Dominick Dunne

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

SEMENTE DE TAMARINDO

4.ª Semana

Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética

CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

Prod. do Instituto Português de Cinema

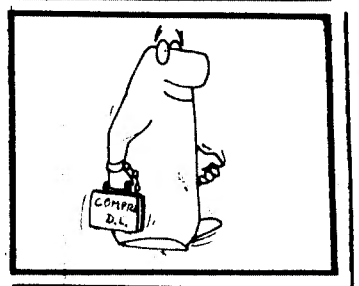
Real. de Jorge Cabral

D. JOÃO V — DAMAIA

T. 971794 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

O MEU CAVALO, A MINHA PISTOLA E A TUA VIÚVA



Na NAZARE o DIARIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

UNIVERSAL

T. 774402

Não acon. a menores de 13 anos

Às 17.00 e 23.00 h.
SAM BIZANGA

15.00 e 23.00 h
OS INCONFIDENTES

Às 19.00 h
A LUTA DO POVO DE ANGOLA

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Stephane Audran (Prémio Interpretação)

AS RIVAIS
(Les Biches)

Um filme de Claude Chabrol

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30 e 19.00 21.15

Int. a menores de 18 anos

O sexo, o sonho, a droga e depois...

O DIA DA VIOLÊNCIA

Um filme de Roger Carmon

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

«PAUL E MICHELLE»

4.ª Semana
Amigos... e Amantes

Um filme de Lewis Gilbert

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

MADLY A OUTRA MULHER

3.ª Semana

Na sessão das 21.15: Reportagem da visita do senhor Presidente da República à Roménia
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. Int. Cinema. Realiz. J. Cabral

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O MONGE

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
4.ª Semana

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Int. a menores de 18 anos

JÚLIA E OS HOMENS

este filme contém cenas eventualmente chocantes. 4.ª Semana

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19 21.15 24.

Não acons. a menores de 18 anos

ESTRANHA FORMA DE AMAR

Com Paul Geganff 2.ª Semana

SATÉLITE

T. 562632 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos)

FELLINI 8 1/2

CINEBOLSO

T. 573407 12.30, 14.30, 16.45, 19. 21.30

Interdito a menores de 18 anos

NÚPCIAS DE PORCELANA

contém cenas eventualmente chocantes

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O VIGILANTE

Um filme de Francis Ford Coppola

«Watergate». Telefonesemescuta...

A VIOLAÇÃO DA VIDA PRIVADA

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Para todos

Em frente... RIR

SIM, SIM, MEU CORONEL

C/ Jacques Dufilho e Aldo Maccionne

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Int. a menores de 18 anos
3.ª Semana do filme de alto nível espectacular

ISABELA DUQUESA DO DIABO

c/Brigitte Skav ... a odisseia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A obra-prima do humor herótico

TARZOON

A VERGONA DE SELVA
Hoje às 24 h (M. 18 anos)

VIVER A SUA VIDA

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A sensacional comédia de Wovdy Allen 2.ª Semana!

O A B C DO AMOR

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

JÚLIA E OS HOMENS

Este filme contém cenas eventualmente chocantes 4.ª Semana

CARLOS MANUEL — SINTRA

21.15

(Não acons. a menores de 13 anos)

A BORBOLETA DE SANGUE

CINEARTE

T. 660446 21.15

Int. a menores de 18 anos

KUNG-FU NO OESTE SELVAGEM

ESTÚDIO

T. 555135 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

PROCESSO ARQUIVADO

2.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

ADOLESCENTE PERVERSA

Com Jane Asher 4.ª Semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15

Int. a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

RESTELO

T. 610375 Às 21.00

Int. a menores de 18 anos

O MOCHO E A GATINHA

4.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

077 AGENTE INDECENTE

Pierre Richard e Mireille Darc

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654631/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

ANGOLA Situação grave na Frente Sul

. LUANDA, 17 — (Do «Diário de Luanda», em exclusivo para o «DL») — As F.A.P.L.A. continuam a reforçar os seus efectivos na frente Sul com vista a fazerem frente à ofensiva desencadeada por mercenários sul-africanos, belgas e franceses, apoiados por forças do E.L.P. Presentemente, continua a combater-se na linha defensiva montada nos morros do Pundo, próximo de Novo Redondo, mas não há notícias precisas sobre o desenrolar das confrontações. Sabe-se que a cidade continua a ser controlada pelas F.A.P.L.A., que dominam também toda a região da Lunda. Contudo, mais a Sul, o Lobito, Benguela e Sá da Bandeira continuam ocupadas pelos invasores.

A «frente Sul» continua a apresentar-se como a mais grave para o M.P.L.A., dado o potencial bélico utilizado pelos agressores, que dispõem de numerosos helicópteros, aviões de transporte e blindados de origem sul-africana. Os mercenários e as forças do E.L.P. avançam isolados dos destacamentos fantoches da U.N.I.T.A. e da F.N.L.A.

Quando conquistam qualquer localidade, abandonam-na poucas horas depois, logo que a U.N.I.T.A. e a F.N.L.A. chegam.

Os invasores da F.N.L.A., auxiliados por mercenários portugueses, tiveram de retirar ao longo de toda a linha Caxito-Barra do Dande-Libongos, situando-se agora o seu reduto no Ambriz, onde estabeleceram fortes defesas. Depois das tentativas realizadas nos dias 7 e 10 de Novembro para tomar Luanda, as forças atacantes foram completamente rechaçadas pelas F.A.P.L.A., sofrendo 600 mortos e perdendo 8 blindados além de muito outro material de guerra. Na ofensiva do dia 10, aberta por uma linha de carros de assalto, foi morto o comadante do destacamento de blindados da F.N.L.A., o mercenário português e ex-elemento da F.A.P.. tenente Pais.

Também na frente Norte, toda a «rota do café» xestá na posse do M.P.L.A., que ameaça agora o Ambriz e Carmona.

CAMARA DE LISBOA: "GREVE POLÍTICA" CONTRA O PODER POPULAR

Está perfeitamente definido o carácter exclusivamente político-partidário e antipoder popular que envolve a greve da Câmara Municipal de Lisboa que, entre outros efeitos, mergulhou a cidade na sujeira. A prova disso foram as confusões que se verificaram esta manhã quando, por exemplo, em Alcântara, os portões permaneciam fechados enquanto que os trabalhadores que entravam não podiam mais sair. Nos postos de limpeza da Estrela e da Rua do Pasteleiro, alguns trabalhadores a dizer que «isto está mau porque agora os guedelhudos e os moradores é que vão mandar em nós», demonstram também que estão em greve porque alguém os andou informando mal sobre os objectivos da paragem no trabalho.

De toda a maneira, três factores confirmam esta manobra política: a informação, que pode ser classificada como demagógica, dada aos trabalhadores, a rapidez com que a «operação» foi desencadeada, e a coincidência do deflagrar da greve com o fim-de-semana, onde os contactos seriam mais difíceis e os efeitos imediatos mais fáceis de serem sentidos.

Em todo o caso, a comparência nos locais de trabalho esta manhã, a busca de informação e as divisões que já começam a avolumar-se deixam transparecer que a aderência não foi tão «ratificada» como a Comissão de Luta, instalada nos Paços do Concelho, proclama. Os trabalhadores estão nos seus locais de trabalho com uma grande vontade de discutir o problema. Somente uma ampla e aberta discussão nos locais de trabalho e, possivelmente, um inquérito público dirigido pelas Comissões de Moradores, poderá dar a solução que o caso está a exigir.

Entretanto, a sucessão de tomadas de posições dos trabalhadores, colocam em xeque as afirmativas feitas no sábado pela Comissão de Luta. Assim, uma circular da Pró-Sindical da C.M.L., distribuída hoje, adverte que «não existe uma greve, mas uma paralisação em alguns locais, imposta por chefes de serviço que, valendo-se da sua posição arrastaram alguns trabalhadores para a defesa de interesses que não são seus». Alerta que, por falta de esclarecimento quer dos trabalhadores, quer da população, trabalhadores poderão ser jogados contra trabalhadores. Finalmente, convoca todos os delegados sindicais e os próprios trabalhadores para uma reunião. alargada, hoje à tarde, às 18 horas, na sede da Organização Pró-Sindical, Campo Grande, 13, para análise e discussão da situação. Pelo seu lado, um grupo de trabalhadores da C.M.L. emitiu um comunicado onde perguntam quem decidiu a greve, onde estão as reuniões, que manobras se querem fazer em seu nome e quem quer atirar a população contra eles.

Também a C.U.T.A.L. — Comissão de Unidade dos Trabalhadores da Administração Local manifesta-se energicamente contra a greve, denunciando todas as irregularidades que surgem à medida que o «processo» avança, a presença de elementos do P.P.D., C.D.S. e M.R.P.P. como os mais activistas, e fazendo muitas perguntas: porque a mobilização não foi geral, se servirá aos interesses dos trabalhadores um processo conduzido por «fascistas e saneados», como aceitar uma greve que ninguém decidiu, e outras, muito pertinentes. A C.U.T.A.L. lembra que, no dia 11 de Março, Maia da Costa opôs-se à saída dos trabalhadores dos Paços do Concelho «até ver para que lado isto vai cair».

OTELO (CADA VEZ MAIS APOIADO) NÃO SAI DO COPCON MAS O IMPASSE MANTÉM-SE

Uma tentativa para afastar o general Otelo Saraiva de Carvalho do comando do Copcon, e colocar nesse posto-chave o capitão Vasco Lourenço, dominou as atenções nos últimos dias da semana. Os elementos de direita do Conselho da Revolução tentaram jogar com uma força militar que na prática não possuem, a não ser ao nível de certos comandos que na verdade, em caso de excessiva agudização dos problemas, comandariam muito pouco. As grandes massas de soldados acompanham o movimento popular o que determina uma correlação de forças que neste momento não pode ser apreciada fazendo apenas uma contagem de comandantes, tanto do agrado de certas cúpulas.

Ao nível dos Estados-Maiores, especialmente da Força Aérea e das Regiões Militares Norte e Centro, o avanço da direita tomou aspectos que seriam verdadeiramente alarmantes se entretanto não tivesse surgido a organização dos soldados tomando o seu papel histórico na hora certa. Por outro lado, as grandes movimentações das massas trabalhadoras, especialmente na última semana, podem ter contribuído com um solene aviso à facção direitista do Conselho da Revolução e respectivos suportes militares. Ontem em Lisboa a «minoria» que desceu à rua fez a advertência final, mostrando que, qualquer tentativa para a neutralização do comandante do Copcon ou do próprio Copcon, para além das reacções que desencadearia a nível militar encontrará uma resposta imediata da parte das massas trabalhadoras que estão perfeitamente ao corrente da negativa que o comando e as unidades do Copcon têm invariavelmente dado sempre que recebem ordens para reprimir trabalhadores.

A tentativa de impor Vasco Lourenço foi feita na noite de quinta para sexta. De salientar que, segundo fontes bem informadas, enquanto dezenas de milhares de operários da construção civil cercavam S. Bento e entravam na fase mais quente da luta, alguns conselheiros da Revolução faziam circular em Belém que tudo estava resolvido, que o Primeiro-Ministro até já estava a dormir, e que junto à Assembleia Nacional apenas se encontrava um reduzido número de manifestantes. Há indicações seguras de que as próprias informações transmitidas ao Presidente da República são frequentemente deturpadas retratando-se as várias situações de uma forma que nada têm a ver com a realidade.

Nas reuniões havidas entre Costa Gomes, Fabião, Otelo e Vasco Lourenço, o comandante do Copcon recusou categoricamente o seu abandono daquele posto. A situação parece ter caído num impasse. Agora há o receio de que a impreparação política dos que pretendem a substituição do general Otelo os leve a insistir ou a tentar novas formas de neutralização deste e do órgão que comanda, o que poderia desencadear uma crise de proporções incalculáveis precipitando o explodir das contradições que a nível militar se vêm acumulando. Oficiais do Q. P. sem preparação política tem vindo a ser aliciados para a travagem à revolução apresentando-lhes a via socialista como o fim dos seus privilégios de casta, mas muitos começam já a compreender que é precisamente o socialismo que, mesmo numa perspectiva individual, mais garantias lhes assegura.

Enquanto isto, P. S. e P. P. D., mais ou menos em desespero por não terem conseguido controlar Costa Gomes como controlam Pinheiro de Azevedo, retiram para o Norte, desencadeiam uma perigosa e antipatriótica manobra divisionista, instrumentalizam os comandos das Regiões Militares Norte e Centro e promovem manifestações onde o Presidente da República foi chamado de «fantoche». Há indícios de que o general Costa Gomes começa finalmente a ver o que pretendem aqueles que o acusam de «falta de firmeza» e «indecisão».

Uma coisa é certa: neste momento há três grandes objectivos para as forças de direita instaladas no Conselho da Revolução: destruir figuras como Otelo, Rosa Coutinho, Contreiras, e outros oficiais revolucionários; destruir os meios de comunicação que se têm colocado ao serviço da Revolução e neutralizar o Copcon.

Entretanto fala-se na procura de uma plataforma de unidade entre os oficiais progressistas do M. F. A. onde teriam lugar também alguns elementos do grupo dos «Nove». Essa unidade começa a tomar forma mas as perspectivas políticas dos seus componentes não são agora as mesmas que existiam no dia 24 de Abril. Eles aprenderam muito neste curto espaço de tempo. Há erros que não se repetirão.

De forma mais ou menos clara, a direita tem tentado por todos os meios conduzir a um golpe de força mas os seus intentos são gorados porque a esquerda como ainda há pouco foi afirmado num plenário do Ralis, «não está interessada em fazer golpes, está interessada em fazer a Revolução.

«S.U.V.» PRESO EM FRANÇA

Um militante português dos «S. U. V.» (Soldados Unidos Vencerão), José Fernandes, foi detido na sexta-feira, à noite pela Polícia francesa depois de uma reunião política em Clermont-Ferrand, no maciço central, revelou no sábado, no decorrer de uma conferência de Imprensa, o «Comité de Defesa das Liberdades» de Puy de Dome.

O militante português, que foi detido pelas autoridades francesas pela sua situação, foi guardado à vista durante a noite em Clermont-Ferrand e transferido, na manhã seguinte, para Paris, onde, segundo o Comité, estaria agora à disposição do Ministério do Interior aguardando a ordem de expulsão.

Três dos organizadores da reunião, dois dos quais militantes da C. F. D. T., que acompanhavam José Fernandes, foram igualmente interpelados e postos em liberdade uma hora depois.

O «Comité de Defesa das Liberdades», que agrupa a liga dos direitos do homem, vários sindicatos e partidos de esquerda, considera «inadmissível que o orador principal de uma reunião de Informação sobre a revolução portuguesa seja raptado «manu militari».

José Fernandes devia tomar a palavra, no sábado, em Besançon, e no domingo, em Grenoble. Militar na situação de disponibilidade, é casado com uma estudante francesa.

Nota tome

NÃO REGRESSA?

Ao que tudo indica, quando voltar do passeio que faz, actualmente, pelos Açores, o tenente-coronel Ferreira da Cunha, secretário de Estado da Informação, ex-técnico de acção psicológica do C.D.I., que assina recibos, e que entra no M.C.S. com o auxílio dos cassetetes e pistolas da P.S.P. e das G-3 da G.N.R., *não voltará a ocupar o cargo* para o qual foi designado pelo VI Governo. A notícia começou a circular em meios muito restritos, já está a espalhar-se rapidamente e vem publicada na última edição do jornal «Revolução», do P.R.P. Até agora, não houve qualquer desmentido. Também não se sabe se a Comissão de Inquérito já está a trabalhar no caso. Os trabalhadores progressistas do M.C.S., que exigiram o seu saneamento não confirmam nem desmentem, mas andam muito sorridentes...

BOATOS

Alpoim Galvão é «procurado» desde o 11 de Março, pelo que as suas actividades ao serviço do M.D.L.P. são consideradas «conspirativas», «clandestinas», «contra-revolucionárias», etc., etc...

Entretanto as suas andanças parecem ser conhecidas de muita gente, a ponto de lhe serem pedidas entrevistas (que concede...) para jornais portugueses e estrangeiros. Corre mesmo o boato de que fala com certa frequência (através do telefone, pelo menos) com personalidades eminentes...

CURSOS

Estão abertas as matrículas até 25/11/75 para os cursos de Perfuração, Verificação. Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos 26/11/75
As inscrições são limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
T. 364272-R. do Arsenal, 100-1.º

EXPLOSÃO EM ALFRAGIDE — QUATRO FERIDOS

Quatro feridos, dois dos quais em estado grave, é o balanço de uma explosão verificada na manhã de hoje, cerca das 10 horas, em Alfragide (cruzamento próximo do parque de campismo). A explosão deu-se num velho gerador, propriedade do consórcio de empreiteiros CRIL, que procede à construção de nós rodoviários na área. O rebentamento ouviu-se a larga distância do local, levando a supor que se trataria de algum atentado com consequências mais graves. Tratava-se, porém, de um acidente que terá de atribuir-se às precárias condições da maquinaria.

Curva do Mónaco

Dois mortos

Dois jovens encontraram a morte na perigosa «curva do Mónaco» (Caxias) quando o seu automóvel embateu violentamente noutra viatura.

As vítimas aparentam 22 e 30 anos, sendo ainda desconhecida a sua identidade. No mesmo carro viajavam duas raparigas, de 20 anos, que se encontram em estado grave no Hospital de S. José.

No automóvel viria a ser encontrada grande quantidade de estupefacientes.

A outra viatura era conduzida por um moçambicano que transportava quatro compatriotas e dois paquistaneses, todos residentes em Corrois, Seixal. No hospital, receberam tratamento a ferimentos ligeiros.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

TELEFS. 23846/22346/25245 — APARTADO 72
COIMBRA

ANÚNCIO

O Centro Hospitalar de Coimbra aceita inscrições para os lugares de especialistas contratados de Ortopedia e de Infectocontagiosas.

Os interessados, que deverão ter como habilitações mínimas os respectivos internatos de especialidades, poderão requerê-lo dirigindo-se à Comissão Instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra — Rua do Cabido, 5-2.º — em Coimbra, até ao próximo dia 29 do corrente.

Centro Hospitalar de Coimbra, 11 de Novembro de 1975

O Presidente da Comissão Instaladora
Carlos Alberto Raposo de Santana Maia